



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Ana Catarina Hilário Farinha

2º Ciclo de Estudos em Turismo

Festivais de Música. A Grande Cena!

2012

Orientador: Prof. Doutora Natália Azevedo

Coorientador: Prof. Doutora Paula Guerra

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/ Projeto/IPP:

Versão definitiva

Sumário

Nos dias de hoje consumir música significa estar conectado a uma rede cultural que alia o utilizador que procura música na Internet, o fã que assiste a concertos ao vivo, o jovem que aprende a tocar um instrumento musical e o produtor que promove *performances* musicais. A cultura de consumo musical aponta para um processo de identificação (cenas musicais) que pode ser virtual, local e translocal (Bennett, 2004), significa que a música é um importante meio de ligação entre milhões de pessoas que aqui encontram divertimento e afirmam as suas preferências musicais.

De acordo com Joanne Cummings (2005) os festivais de música constituem-se em diferentes tipos de cenas sendo, simultaneamente, cenas locais, translocais e virtuais. À escala portuguesa, partimos de um estudo a esse respeito (Guerra, 2010). Os festivais Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa, apresentados nesta dissertação, acreditam na experimentação de artistas, pois consistem numa “rampa de lançamento” para nomes menos conhecidos do espectro do *rock indie* alternativo. Os seus participantes associam-se a um género musical, consistindo em tribos urbanas identificadas pelo consumo de música.

Palavras-chave: concertos ao vivo, cenas musicais, festivais de música, Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa.

Abstract

Nowadays, consuming music means to be connected to a cultural network that puts together the user who searches music on internet, the fan who goes to live concerts or music festivals, the young man who learns to play a music instrument and the producer who promotes music performances. The culture of music consumption points to an identification process (music scenes) that can be virtual, local and trans-local (Bennett, 2004), which means that music is an important way through which millions of people find fun and affirm their musical preferences.

Joanne Cummings (Cummings, 2005) affirms that music festivals are special types of scenes as they are simultaneously part of local, trans-local and virtual scenes. In portuguese scale, we start from a study in this regard (Guerra 2010). The Optimus Primavera Sound and Milhões de Festa festivals, presented in this dissertation, believed in artist experimentation, being a kind of “launching pad” for names less known in the indie and alternative rock sphere. The participants are associated with particular musical genre, consisting in urban tribes identified by the music consumption.

Keywords: live performance, music scenes, music festivals, Optimus Primavera Sound and Milhões de Festa

Para ti querida música, por estares quando mais ninguém estava.
Para ti mãe Lélita, por me dares sempre um pouco de ti.
Para ti Domingos, meu pai. Partiremos em breve, Leonard Cohen espera-nos.
Para ti Nick Cave, posso reler-te amanhã.

Índice

Sumário	iii
Abstract	iv
Índice de figuras	ix
Índice de tabelas	xi
Introdução	1
Capítulo I - A música e as suas cenas	3
1.1 A cena e o <i>rock</i>	4
1.2 A rutura da subcultura e a emergência das cenas	11
1.3 As cenas musicais locais, translocais e virtuais	17
1.3.1 Cenas locais	17
1.3.2 Cenas translocais	20
1.3.3 Cenas virtuais	21
Capítulo II - Os festivais da vida. A materialização das cenas	25
2.1 A cidade, o território e a música	27
2.2 Tribos, neotribos e comunidades emocionais	31
2.3 Práticas e gostos musicais nos festivais de música	34
2.4 Festivais de música em Portugal	40
2.5 Festivais de música, um condimento para o cartaz turístico da época balnear	49
Capítulo III - <i>All Together Now!</i> Os festivais Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa	57
3.1 Análise qualitativa de conteúdos	58
3.2 Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa “ao vivo e a cores”	58
3.3 Os novos turistas musicais. Práticas turísticas nos festivais	74
Capítulo IV - <i>I Love Rock n’Roll</i> . Gostos e fruições musicais nos festivais	79
4.1 Dois festivais urbanos. Gostos e fruições musicais	81

Capítulo V - Festivais, as nossas cenas!	89
5.1 Festivais de música e cenas	90
Considerações finais	99
Glossário	101
Referências bibliográficas	105
Sítios eletrônicos	111
Anexo 1 Guiões de observação e de entrevistas	113
Anexo 2 Entrevistas públicos	122
Anexo 3 Entrevistas músicos	183
Anexo 4 Entrevistas promotores	192
Anexo 5 Entrevista patrocinador	198

Índice de figuras

Figura 1.1 Estilo e cultura <i>rockabilly</i>	7
Figura 1.2 <i>Rapper</i> Tupac	7
Figura 1.3 Banda Sepultura	9
Figura 1.4 Banda <i>punk</i> Sex Pistols	12
Figura 1.5 Cantor e trompetista de <i>jazz</i> Louis Armstrong	14
Figura 1.6 Cartaz a favor da libertação da banda Pussy Riot	17
Figura 1.7 Banda Nirvana, uma das percussoras da cena musical <i>grunge</i>	20
Figura 1.8 Banda Alto!	23
Figura 2.1 Concerto de Pine Hill Haints, Armazém do Chá, Porto, outubro 2011	30
Figura 2.2 Banda Bill Haley and The Comets	30
Figura 2.3 Ambiente do festival Splendour in The Grass 2010	36
Figura 2.4 Concerto da banda Battles no festival Ritek Paredes de Coura 2011	39
Figura 2.5 Palco do festival Barco Rock Fest 2012, na praia fluvial de Barco , Guimarães	42
Figura 2.6 Entrada do festival Barco Rock Fest 2012, na praia fluvial de Barco, Guimarães	42
Figura 2.7 Cartaz do festival Vilar de Mouros de 1971	44
Figura 2.8 Concerto de Fast Eddie & The River Side Monkeys, no Festival Barreiro Rocks 2010	47
Figura 2.9 Concerto de Niki & The Dove no festival Vodafone Mexefest, Porto	48
Figura 2.10 Concerto de Battles no festival Ritek Paredes de Coura 2011	53
Figura 2.11 Concerto de Atlas Sound no festival Optimus Primavera Sound	53
Figura 3.1 Passe de quatro dias para o festival Optimus Primavera Sound	59
Figura 3.2 Palco ATP	62
Figura 3.3 Palco Optimus	62

Figura 3.4 Recinto do festival Optimus Primavera Sound	63
Figura 3.5 Concerto de Flaming Lips no dia 8 de junho	65
Figura 3.6 Cartaz festival Milhões de Festa	67
Figura 3.7 Palco Piscina	71
Figura 3.8 Preparação do concerto de Bro-X no Palco Piscina	71
Figura 3.9 Concerto dos espanhóis Unicornibot no Palco Taina	71
Figura 3.10 Público no Palco Taina	72
Figura 3.11 Concerto de El Perro del Mar	73
Figura 3.12 Ambiente do festival Milhões de Festa	74
Figura 3.13 Recinto do festival Optimus Primavera Sound	75
Figura 4.1 Público no concerto de Blue Pills no festival Milhões de Festa 2012	87

Índice de tabelas

Tabela 2.1 Distribuição da frequência de eventos por região	46
Tabela 2.2 Distribuição dos eventos por espaços de realização	48
Tabela 4.1 Idades dos frequentadores dos festivais Milhões de Festa e Optimus Primavera Sound	82
Tabela 4.2 Residência dos frequentadores do festival Milhões de Festa	84

Introdução

“Quando nos apaixonamos por alguém, olhamos a humanidade e as pessoas de forma diferente. Mas eu nunca ameí nada a não ser a música” (Morrissey)

A construção do mundo social está sempre associada aos seus diferentes atores e às relações e representações que os mesmos produzem ao longo de coordenadas espaço-temporais. Neste âmbito a música, mais concretamente o *indie rock* enquanto representação da sociedade contemporânea, constitui um campo intrincado onde atuam tecnologias, objetos, convivialidades e símbolos. Este contexto traduz-se, então, num campo complexo constituído por concertos, músicos, rituais, lojas de discos, revistas, fanzines, jornais, amadores, estúdios de gravação, salas de espetáculo, recintos de festivais... Assim, identifica-se uma cadeia constituída pela produção, fruição e consumo de música. O contato espacial das relações pode ser entendido em diferentes níveis, desde o espaço micro de um bairro, aos contextos translocais, fruto da globalização, até mesmo virtuais potenciados pelas novas tecnologias.

Assim, a presente dissertação tenta, através das pesquisas e leituras feitas, bem como do levantamento de dados empíricos, analisar a importância da música no quotidiano, partindo dos cenários dos festivais de música.

A paixão pelo *rock* e o crescente interesse pelos mundos festivaleiros mais “rockeiros” conduziram à escolha dos dois estudos de caso – Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa – para identificar, descrever e analisar a panorâmica dos festivais de verão em Portugal. A análise dos *case studies* tem como objetivo identificar o conceito de cenas musicais nos eventos referidos. Tal conceito, para nós estratégico, oferece a possibilidade de analisar a vida musical nas suas diversas formas, produção e consumo, e os vários modos em que estes se cruzam dentro de determinados contextos espaciais. Para além disso, importa-nos também inventariar e compreender as especificidades processuais, turísticas e musicais dos festivais em análise, fruto da relação dos festivais de verão com as políticas de desenvolvimento cultural local e central.

A partir de cinco pontos de análise, ensaiamos primeiramente os diferentes estudos culturais que permitiram a abordagem da música popular como prática social. Partindo das pesquisas subculturais até à emergência do conceito de cena musical, pretendemos vincar a importância da música em diferentes espaços, bem como a presença de diversificados atores. Neste contexto, examinamos, assim, os consumos de

música popular, denominador comum de muitas práticas culturais, especialmente nos segmentos populacionais juvenis. Assim, as diferentes práticas definem diferentes grupos de pertença e questões inerentes ao neotribalismo contemporâneo, tantas vezes visíveis nos contextos dos festivais de música. Neste seguimento, identificamos nos dois estudos de caso, a presença de atores sociais que se definem pelo consumo de um género musical específico e pela analogia de vivências musicais, maioritariamente associados ao *rock indie*/ alternativo e a diferentes nomes deste universo.

Capítulo I - A música e as suas cenas

“The warden threw a party in the county jail.
The prison band was there and they began to wail.
The band was jumpin' and the joint began to swing.
You should've heard those knocked out jailbirds sing.
Let's rock Everybody, let's rock.
Everybody in the whole cell block
was dancin' to the Jailhouse Rock.

Spider Murphy played the tenor saxophone,
Little Joe was blowin' on the slide trombone.
The drummer boy from Illinois went crash, boom, bang,
the whole rhythm section was the Purple Gang.
Let's rock Everybody, let's rock.
Everybody in the whole cell block
was dancin' to the Jailhouse Rock.”
(Jailhouse Rock, Elvis Presley)

No presente capítulo pretende-se analisar diferentes estudos culturais que permitem abordar a música popular, mais concretamente o *rock*, como prática social enquanto produção e reprodução da sociedade contemporânea.

Nos dias de hoje, consumir música pressupõe uma estreita ligação a uma rede cultural que alia o interessado que descarrega um álbum na internet, o fã que assiste a um espetáculo, o adolescente que decide aprender um instrumento e os promotores e músicos que promovem concertos ao vivo. Todos estes agentes reafirmam a forte presença da música no quotidiano atual, principalmente em centros urbanos, e podem desenvolver vinculações musicais muito específicas ao *rock*, ao *hip hop*, ao *goth*, ao *metal* ou ao *punk*.

O consumo global de produtos musicais amplifica a noção de identidade cultural comum, partilhada pelos diversos participantes. As cenas musicais englobam, assim, diversos agentes sociais que participam na produção, no consumo e no ambiente musical.

O conceito cena musical, usado inicialmente por músicos, define os diferentes *clusters* de músicos, produtores e fãs que se formaram ou se desenvolveram num determinado género musical e num local específico (Bennett, 2004, p.223). Desta

forma, a música constitui um elemento referencial da identidade de uma comunidade e pode traduzir-se em modos de vida e em registos visuais, ou seja, em práticas específicas em torno da música (Guerra, 2010, p.421).

O debate e discussão sobre este objeto têm assumido alguma intensidade nas últimas décadas, em torno da Sociologia e de interessados pelo campo musical. Os anos 80 do século XX determinaram a viragem nos estudos sobre música popular, bem como, a relação da música com a identidade pessoal e coletiva, a identidade geográfica, as mudanças e adaptações tecnológicas, os parâmetros económicos e legais em torno da propriedade intelectual e a relação dos consumidores e dos fãs.

O interesse manifestado revela a evolução das definições para a problematização da música, e no caso específico deste trabalho da música popular e da cultura popular.

1.1 A Cena e o rock

Os primeiros estudos sociológicos sobre questões culturais tendiam a ser dissonantes, como refere Bennett “ such «proto» cultural sociologists of popular music have tended to work in isolation from each other.” (2008, p.420). Segundo o mesmo autor, surgiram novos campos de trabalho e novos espectros de investigação fomentados pelos recentes desenvolvimentos tecnológicos¹ e pela globalização. Simultaneamente, as gerações do pós-guerra e os subgéneros musicais então criados², provocam também interessantes questões sobre a mudança do significado da música popular no contexto cultural.

Um importante ponto de viragem acontece com a primeira conferência da International Association for the Study of Popular Music (IASPM), em 1981 na cidade de Amesterdão. Os fundadores da IASPM, Philip Tagg, Gerhard Kempers e David Horn, apesar das suas diferentes formações, partilhavam o mesmo interesse, tornar a música popular uma disciplina, até então tratada com desdém pelos académicos (Frith, 1989, p.2).

O fenómeno *rock n'roll*, o constante crescimento da indústria musical, desde o aparecimento de bandas como os Beatles³, e os novos estudos sobre as subculturas juvenis, bem como o aparecimento da nova imprensa musical, foram assuntos tratados

¹ Os recentes desenvolvimentos das tecnologias de informação permitiram novas modalidades de distribuição e consumo de música, transformando a música popular numa indústria global.

² Destaca-se o surgimento do *punk*, do *rock* e do *rap*.

³ Se tomar em linha de conta o desenvolvimento da indústria musical em Inglaterra e nos Estados Unidos e o aparecimento de bandas que se tornaram em fenómenos mundiais

na primeira conferência de 1981 que reuniu sociólogos, musicólogos, antropólogos, historiadores, entre outros investigadores. O interesse manifestado pelas relações entre música e identidade cultural permaneceu nos congressos seguintes - Reggio Emilia (1983), Montreal (1985) e Accra (1987) – e no desenvolvimento da IASPM por todo o globo⁴.

Para se entender o resultado dos artigos publicados pela IASPM, ao longo dos anos, tem que se ter em conta outro ponto de análise sobre a música, nas suas manifestações mais populares nomeadamente do *rock* e seus subgêneros, a subcultura. O seu estudo está associado a duas tradições sociológicas distintas: a americana e a inglesa. A “escola americana” manifesta-se a partir dos estudos realizados nos anos 1920 e 1940, pelos sociólogos da Escola de Chicago, Robert Ezra e E.W. Burgess. No seu ponto de vista, as subculturas nos Estados Unidos são o resultado de processos de urbanização e as suas primeiras pesquisas concentram-se nos comportamentos desviantes da juventude. A Escola de Chicago centrou-se, essencialmente, na “análise ecológica do ambiente urbano” (Guerra, 2010, p.394), sustentando a sua investigação nas áreas de desvio, na delinquência juvenil e no enfraquecimento das normas de conduta coletiva, ou seja em grupos ou bandas marcados por uma existência violadora do espaço. Neste campo, as subculturas “assomam quando os atores sociais com problemas semelhantes de ajustamento social interagem e criam novos quadros de referência” (Ibidem, p.395).

A tradição britânica veio abrir novas direções para a investigação da subcultura. A pesquisa desenvolvida no Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham (CCCS), nas décadas de 1960 e 1970, vai além das teorias anteriores que definiam as práticas da juventude a partir do seu desvio. As novas análises concorrem também com os estudos feitos pelos sociólogos Adorno e Horkheimer, que abordam a cultura de massas como um instrumento burguês de dominação das massas (Bennett, 2008).

As principais áreas de pesquisa consistem nas culturas populares, os *media*, as subculturas urbanas, a identidade étnica e sexual. Procuram tornar acessíveis os modos de vida e práticas quotidianas das classes populares aos valores estéticos das classes dominantes, investigando e documentando as suas práticas quotidianas populares, tendo em vista a análise das suas funções ao nível da subversão, resistência e oposição ao

⁴ Informação consultado em <http://iaspm-us.net/> (consultado a 23 de julho de 2012).

contexto cultural predominante. Assim as subculturas consistem em espaços de desafio simbólico e cultural face à cultura dominante, utilizando a música como um meio unificador.

Considerando as afirmações de Bennett (2008), o CCCS coloca o seu enfoque no estudo das práticas culturais juvenis, nomeadamente a música, assumindo a classe como elemento fundador da cultura juvenil

“ Everyday life is often interpreted as an arena for repression and social determinism, while popular music is regarded as a possible means through which the oppressed and disempowered can resist the everyday circumstances in which they find themselves”
(Ibidem, p.421)

Os estudos centram-se nos grupos juvenis da sociedade britânica urbana e pós-industrial, tais como os *teddy boys*, *mods*, *rockers*, *hippies* e *punks*. Aqui, ao contrário da Escola de Chicago, a subcultura não é vista como um ato desviante, mas como atos de resistência dos jovens das classes operárias, que divergiam da classe trabalhadora dos seus pais e da burguesia dominante.

Alguns autores como Phil Cohen e Stuart Hall adotam a visão classista do conceito. Os autores entendem as subculturas, principalmente as juvenis, como uma estrutura simbólica que procura resolver as contradições existentes entre a cultura dos seus pais e as culturas dominantes. Dick Hebdige toma em consideração a subcultura *punk*, “explora a sua dimensão de recusa e de revolta contra as condições socioeconómicas em que os jovens das classes operárias viviam” (Cit. por Guerra, 2010 p.400). Para Hebdige, a noção de subcultura é algo homogéneo, situado num contexto temporal e geograficamente fixo. No caso específico análise, o *punk* genuíno concentra-se na zona de Londres, “begins with a heat wave in Oxford Street and ends in a King’s Road boutique” (Cit. por Bennett, 2008, p.422).

Os rituais de consumo são outros importantes componentes da subcultura, uma vez que apropriam significados culturais através do vestuário, da música e outros bens que definem o estilo. De acordo com Paula Guerra (2010), o vestuário é a forma mais visível que os membros das subculturas usam para se diferenciarem face às culturas dominantes e entre as diferentes subculturas.

Figura 1.1 – Estilo e cultura *rockabilly*



Fonte: bozzodiablo.wordpress.com (consultado a 23 de julho de 2012)

Neste sentido, a noção de subcultura pressupõe uma dimensão de resistência, característica de muitos movimentos juvenis, como os *skinheads* e o vestuário (botas de biqueira de aço, suspensórios e calças de ganga) que era visto como um desejo ideológico para retomar a classe trabalhadora que se ia deteriorando nos anos 60.

Figura 2.2 – *Rapper* Tupac



Fonte: soundcheckmusicblog.com (consultado a 22 de julho de 2012)

Paul Willis no seu estudo “Profane Culture” (1979), apresenta outra visão do termo subcultura, contrastando dois grupos juvenis distintos através dos consumos musicais, os *bikers* e os *hippies*. O texto refere a preferência dos primeiros pelas canções *rock n’roll* dos anos 50, enquanto os *hippies* têm gostos mais complexos ligados ao rock progressivo. Segundo Willis as diferentes opções musicais refletem também os seus diferentes contextos sociais: os *hippies* são mais qualificados e pertencem a uma classe-média, interpretam a música como a partilha de novas experiências, muitas vezes associadas ao consumo de psicotrópicos (Bennett 2008). Neste contexto, a música é a clara resposta do contexto social dos diferentes grupos, como adverte Andy Bennett “ For Willis, what appear on the surface as spontaneous responses to music, are, in fact predetermined by the structural experience of class” (Ibidem, p.422).

Willis, num outro estudo sobre *pop music* (1990)⁵, advoga uma cultura comum, um universo onde o quotidiano e o lazer são palavras chave, uma forma cultural oposta à cultura de elites. Os contextos culturais devem ser vistos como recursos simbólicos, logo o ato de consumir consiste num ato criativo, especialmente no mundo da música, no qual o papel do produtor é sempre resultante de um papel do consumidor. Em consequência do modo de consumir, geram-se novas formas de comunicação de cultura comum, conjuntamente com as estéticas criadas, dão corpo a comunidades nas quais se partilha uma identidade construída pelos seus membros a partir do quotidiano.

Este conceito de homologia de Paul Willis foi adotado e adaptado por vários teóricos da música popular, para géneros musicais como expressões das classes. Um dos exemplos consiste no estudo do australiano Marcus Breen (1991) sobre o *heavy metal*. Breen retrata o *heavy metal* como uma expressão da classe trabalhadora, de onde emergem as bandas e os públicos. A camaradagem e a ligação masculina que permeiam os concertos revelam o baixo estatuto social e os sentimentos de repressão e da falta de poder.

Assim, o ambiente cultural da classe trabalhadora e consumidora de *heavy metal*, revela as expectativas e a identidade que subconscientemente os imbuem e perseguem. A cultura abriga os seus atores sociais, delineia as suas perceções e o uso das fontes culturais através de formas pré-definidas.

⁵ Estudo descrito por Paula Guerra (2010) para a definição de cultura comum, no qual refere a importância de Paul Willis no contexto dos *cultural studies* iniciados em Inglaterra.

Figura 1.3 - Banda Sepultura



Fonte: rock48.wordpress.com (consultado a 3 de agosto de 2012)

Portanto, reiterando as ideias de Paul Willis, o consumo tem o seu lado simbólico “o nosso ponto básico é que o consumo humano não se limita a repetir as relações de produção – e todos os motivos cínicos que estão por trás delas. Interpretação, ação simbólica e criatividade são parte do consumo” (Guerra, 2010, p.404).

Para Stephenne Wayne Hull o conceito subcultura refere-se “a qualquer grupo dentro da cultura que formula o modo de comportamento que inclui alguns dos elementos dominantes dessa cultura e também alguns dos elementos dessa cultura não encontrados noutra parte da sociedade” (Ibidem, p.404), procura entender quais os aspetos identificadores de uma subcultura recorrendo ao exemplo concreto da prática de *surf*, em Santa Cruz na Califórnia.

As especificidades subculturais no seio da vivência surfista assumem quatro fases de envolvimento. Primeiro, para “tornar-se envolvido” necessita do equipamento básico para a prática do desporto, a prancha de *surf* e a escolha da praia podem resultar da orientação de amigos, que já praticam e que já estão envolvidos na subcultura. Segundo, à medida que as suas aptidões aumentam, o seu estatuto também se altera, passa a “estar envolvido”. O mais importante indicador de que alterou o seu estatuto verdadeiramente, é a aceitação enquanto membro ativo do grupo. Uma das características mais relevantes desta fase é a lealdade absoluta dos indivíduos, em relação ao grupo, e a sensação de unidade. Terceiro, “tornar-se desenvolvido” consiste na fase de aceitação do indivíduo pelo grupo, revelada por um conjunto de fatores, como a inclusão noutras atividades do grupo para além da prática desportiva. As *surfing*

trips são o principal sinal de que já faz parte do grupo. A última fase do envolvimento é mesmo a rutura com a atividade, momento em que o estilo de vida do *surf* é substituído por outras prioridades da vida do indivíduo que tornam a prática de *surf* numa atividade de lazer.

O caso do *surf* pode ser interpretado como subcultura, já que à semelhança do consumo da música, é uma atividade ritualizada que expressa valores específicos. Além disso, o *surf* desempenha importantes funções de integração social, através de um sistema de estratificação baseado em habilidades e competências dos indivíduos.

Apesar do estudo anterior se situar em território americano, importa referir que os primeiros estudos culturais são claramente influenciados pelo trabalho do Centre for Contemporary Cultural Studies. Um claro exemplo consiste no trabalho de Lawrence Grossberg que transporta os discursos de resistência, para a realidade dos adolescentes dos subúrbios americanos (Bennett, 2008), ou mesmo o trabalho de Deena Weinstein (Weinstein, 2000) sobre a subcultura *heavy metal*, baseada na camaradagem masculina e misoginia. Weinstein observa que “As an expression of a distinctive segment of youth, the metal subculture valorizes the demographics of its membership. Masculinity blue-collar sentiments, youth-fulness, and, to lesser extent, whiteness, are values shared and upheld by the metal audience. Moreover, many of the features of the heavy metal subculture are strongly related to or implicated in these demographically derived values” (Ibidem, p.102).

Contudo, os estudos americanos oferecem uma série de novos caminhos para o entendimento da música popular como uma prática cultural, promovendo o conceito cena musical que providencia uma análise incisiva sobre as diferentes relações com a música, gosto, produção e consumo. Aqui a música é analisada enquanto prática coletiva, que ultrapassa as fronteiras locais, e conceptualizada como um processo complexo que envolve interações locais e globais. Como desenvolvemos seguidamente, estas novas análises elegem os conceitos preferenciais para a análise dos festivais de música. Neste sentido, importa referir que nos contextos contemporâneos, o consumo de música e as experiências em *live performances* não pretendem exemplificar as diferentes classes sociais juvenis, mas a ligação “tribal” de adoradores de música e os diferentes espaços de comunicação e partilha musical que podem constituir-se em cenas musicais locais, translocais e virtuais.

1.2 – A rutura da subcultura e a emergência das cenas

O conceito de subcultura, assumido pelo Birmingham Center of Contemporary Cultural Studies (BCCCS) para descrever os grupos juvenis do pós-guerra, que engloba elementos distintivos e aglutinadores, foi abandonado por alguns autores, pois trata-se de uma posição totalizante que contrai o comportamento dos membros das subculturas à classe dominante em que estes se inserem. Como sintetiza Bennett, o BCCCS tem como principal objeto de pesquisa os estilos da juventude e não o seu consumo musical (Bennett, 2004, p.224). No entanto, os trabalhos pós- BCCCS indicam novas direções, apresentam uma nova perspectiva do estudo da subcultura, centrando-se no entendimento do consumo coletivo de música, como o trabalho já referido de Deena Weinstein sobre a subcultura *heavy metal*, os seus valores e sensação de comunidade.

“The songs performed by the band embody the values of the subculture. The ones that the band selects are not randomly chosen from its repertoire, particularly if it has released several albums. Concert favorites are those giving voice to subcultural themes by idealizing them.” (2000, p.218).

O conceito de subcultura tem sido bastante criticado devido às suas implicações com as gerações do pós-guerra, no que concerne ao estilo e à música, e associações de posicionamento de classe, ou melhor, os consumos culturais como reflexo da classes operárias e dissonantes das classes dominantes. No caso específico do *heavy metal*, Weinstein assume que a maior parte dos seguidores e fãs pertencem à classe trabalhadora, argumento que pouco difere dos trabalhos desenvolvidos pelo BCCCS (Ibidem)⁶.

Alguns estudos contestam a posição inflexível do conceito subcultura, no que respeita à origem social dos seus atores. Um claro exemplo consiste no estudo de Simon Firth sobre o *punk*, onde afirma que muitos dos seguidores pertencem à classe média, diferenciando a sua posição dos estudos britânicos. Divergência esta corroborada com a diferente posição dos músicos, pois não são vistos como trabalhadores mas como artistas, a sua música “ was progressive because it involved the direct expression of people as artists; the punk task was to make everyone a star” (Firth, 1980, p.71).

⁶ Bennet confirma a mesma argumentação afirmando: “CCCS (...) argued that subcultures represented pockets of resistance on the part of British working class youth to the structural circumstances of their existence” (Bennett, 2004, p.225).

Figura 1.4 - Banda *punk* Sex Pistols



Fonte: azer.hsw.uol.com.br (consultado a 3 de agosto de 2012)

George Lewis introduz também um novo caminho partilhado por outros estudiosos, o conceito de comunidade, talvez o ponto de partida para o estudos das cenas musicais: “A forerunner of scene as a means of explaining the significance of music in everyday contexts was community” (Cit. por Bennett, 2004, p.224).

O conceito de comunidade foi aplicado de duas formas. A primeira, a música constitui na principal referência ou identificação de determinado indivíduo a uma cidade ou local em particular.

“music is a particularly potent representational resource (...) a means by which communities are able to identify themselves and present this identity to others” (Ibidem, p.224).

A segunda utilização refere uma construção mais “romântica” do termo. Aqui a música constrói a própria comunidade, constitui o modo de vida do indivíduo, “music as way of life”. Como observa Firth: “Community became something that was created by the music that described the musical experience.” (Firth, 1981, p.167).

O conceito defendido por muitos autores, principalmente por estudiosos do *rock n’roll*, que privilegiam a articulação da música com determinado local como uma garantia da continuidade histórica do estilo musical. Um dos principais exemplos consiste na comunidade *indie rock* que de acordo com Wendy Fanorom, citada por

Andy Bennet, o ponto central da música *indie* é “an emotinal feeling of community and connectedness between musicians and their audiences” (Bennet, 2004, p.224).

No entanto, o conceito de comunidade não vai de encontro com as alterações das sociedades contemporâneas, moldadas pela globalização e pelos modos de representação dessa globalização (conectividade relacional a múltiplos níveis). Assiste-se, assim, a um complexo processo que envolve mudanças sociais aceleradas numa pluralidade de dimensões. A globalização determina uma rede de interdependências, cuja densidade crescente caracteriza a vida social, económica e cultural das sociedades modernas.

A paisagem multifacetada da cultura contemporânea, daí resultante, feita de múltiplas expressões e múltiplas referências, encontra expressão numa paisagem ontológica também plural. Assiste-se, assim, a uma progressiva diversificação e complexificação dos processos de construção identitária.

A partir dos anos 90 do século XX, o conceito de cena começou a ser assumido, tornando-se mais apropriado do que conceito de subcultura para expressar a relação da música com o dia a dia, através das suas práticas e rituais em torno da mesma. A origem concetual de cena ficou a dever-se, substancialmente, a Will Straw e a Barry Shank que fizeram a apologia do conceito de estudo do *indie rock* sobre a cena *rock n’roll* em Austin, no Texas (Bennett, 2008). Assim, o termo cena surge no âmbito de estudos sobre sonoridades de locais geograficamente delimitados que transcendem o espaço local.

“Straw’s (1991) compelling essay on music scenes provides a highly sophisticated analysis of music’s interplay with taste and identity through introducing the concept of trans-localism and, with it, the notion that geographically dispersed clusters of musicians, promoters, studio producers, audiences and others comprising music scenes may actively think themselves into collective musical practices through a perception of music’s ability to transcend local boundaries.” (Ibidem, p.423).

Apreende-se, então, uma maior abrangência e dinamismo deste conceito que o de subcultura, anteriormente apresentado. Neste sentido, a noção de cena não se restringe a determinados padrões classistas, de género ou raciais. Para além disso, como aponta Geoff Stahl (2004), o conceito de cena implica um conjunto mais alargado de sensibilidades e práticas, relativamente às ideias de subcultura, tribo ou neotribo, muito

focados nos consumos musicais e nas suas implicações ao nível da construção identitária.

A utilização deste conceito tem, normalmente, subjacente uma localização geográfica específica, como uma cidade ou região, onde um determinado género musical surge, se desenvolve, é apropriado e adaptado. O *blues* de Chicago, o *jazz* de Nova Orleães ou o *rap* de Nova Iorque, constituem alguns exemplos práticos desta apropriação. Bennett reitera afirmando:

“The concept of scene has long been used by musicians and music journalists to describe the clusters of musicians, promoters and fans, etc. who grow up around particular genres of music.” (Bennett, 2004, p.223).

Figura 1.5 – Cantor e trompetista de jazz Louis Armstrong



Fonte: pt.wikipedia.org (consultado a 3 de agosto de 2012)

A consolidação do conceito de cena aplicada à música tem sido intensa. Na opinião de Simon Firth (1999), sociólogo e estudioso da música popular, a música é um dos meios identificadores do “eu”, uma das formas que identifica as especificidades de cada um. Mas se hoje a música é cada vez mais um fenómeno global marcado por constantes interligações e influências mútuas, concretizar uma articulação entre o seu carácter global e as suas particularidades, constitui um processo intrincado. Se a música deixar de traduzir a história e a identidade de cada local, cabe aos músicos encontrar formas alternativas de demarcação e distinção. Não se pode esquecer que, a música que se faz é um produto dos seus criadores e de todos os agentes envolvidos na sua divulgação. Desta forma, parece urgente encontrar uma solução que torne possível a comercialização da criatividade individual. Convém salientar que qualquer política

relativa à criatividade musical e sua expressão significativa, enquanto elemento simultaneamente cultural e económico, tem que examinar os meios de mediação, ou seja, as formas através das quais a música chega até às pessoas e é consumida, tem que ter em consideração os usos que os meios de comunicação fazem da música⁷.

Straw (s.d.) considera que as cenas podem ser locais e translocais, criando-se um espaço cultural que pode gerar associações estilísticas entre os participantes num conjunto diversificado de espaços do dia a dia. O autor considera também as cenas como um vetor, um movimento de várias escalas, isto é, uma cena pode ser a recorrente união de um grupo de pessoas a um determinado espaço, bem como, a movimentação dessas pessoas desse espaço para outros espaços do grupo. Também as ruas, onde ocorrem essas movimentações, retratam a cena em encadeamentos mais locais. Contudo, pode descrever fenómenos geograficamente mais amplos fora desses locais e, mesmo, lugares para além dos sítios palpáveis, em sítios eletrónicos “linkados” ao local que reproduz essa preferência⁸. Tais opções levantam algumas questões apontadas pelo autor: “Is a scene the group of people, as they move place to place? Is it the places through which they move? Is it the movement itself?” (Ibidem, p. 249).

Sarah Cohen (1988) interessa-se particularmente pelos rituais de performance de música, pela sua ocupação simbólica no território local e pela sua organização em vínculos e laços sociais. A partir do estudo de caso da cidade de Liverpool, constata a relação música e identidade local, contrariando teorias pós-modernas, segundo as quais a globalização é responsável por uma cultura *pop* desenraizada do espaço e do tempo. A música pode desempenhar um papel na promoção do lugar sob diversas formas, como um guia para as relações sociais e interações quotidianas e como um símbolo apresentado e interpretado.

“It was thus quite common for rock musicians in Liverpool to deliberately try to represent through their music aspects of the city in which they were based, and for music of local bands to be interpreted by audiences and critics in relation to the city and specific urban locations and experiences.” (Ibidem, p.52).

Esta relação entre música e local consiste num ponto de atração de visitantes e é, igualmente, um elemento fulcral para a promoção de novas bandas.

⁷ Uma das respostas ao problema, poderá partir da criação de um sistema de direitos de autor.

⁸ Ter em atenção o artigo escrito por Will Straw, *Scenes and Sensibilities*.

Em outra abordagem interessante, Bennett (2002) desenvolve o conceito de paisagens míticas – “Mythscape” – resultantes das relações entre o espaço e a música, potenciadas pelas novas tecnologias, nomeadamente nas formas de partilha de gostos musicais que hoje tem na comunicação via internet um substituto das sociabilidades adquiridas nos bares, nos concertos ou nos festivais. Esta ligação entre música e espaço é muitas vezes abordada sob o ponto de vista da autenticidade. O fenómeno da hibridez dos estilos musicais vem propor um novo ponto de vista, através do qual as novas identidades provenientes da música conjugam o local com o global, pela mistura de diferentes tradições musicais numa construção de uma identidade local. A chamada *world music* veio derrubar a possibilidade de um discurso de autenticidade relativo aos estilos musicais. Há aqui uma relação entre migração e novas práticas musicais, o reflexo delas é o lugar que o turismo musical tem vindo a adquirir.

Conscientes desta relação entre música e lugar, os “pacotes” turísticos tentam dar conta dos estilos de vida locais. Como exemplo desta importância, cite-se o trabalho “Popular Music, mapping and the characterization of Liverpool”, (Lashua, Cohen, Schofield, 2008) onde se faz o mapeamento dos *pubs* mais ilustrativos da cena *rock* de Liverpool, marcas da herança musical da cidade e importantes espaços para o lançamento de bandas locais que se tornaram fenómenos mundiais⁹.

Este contexto refere também uma das abordagens mais recentes, o papel da música e das estratégias culturais no desenvolvimento territorial. Os autores destacam alguns exemplos em que a música e um conjunto mais vasto de estratégias culturais são usados como instrumentos de renovação urbana. Ressalta-se a importância do bairro cultural de Liverpool, onde a música e a cultura são assumidas como meios de desenvolvimento, através de iniciativas como a criação de agência municipal de música¹⁰.

A relação entre música e lugar não é contudo uma relação direta, ela é intermediada pelas relações sociais que nela se inscrevem e tornam as expressões musicais locais, possivelmente, em fenómenos nacionais e mundiais. Nesta lógica, a música pode servir como instrumento de contestação, a favor da democraticidade, contra a opressão e exclusão ou em prol de valores contrários, como o nacionalismo e o racismo. Um dos exemplos mais atuais e ilustrativos é a banda Pussy Riot, banda

⁹ Estudo feito aquando da Capital Europeia da Cultura de Liverpool, em 2008.

¹⁰ Os resultados destas estratégias por vezes não têm as repercussões desejadas, ficando como eventos marginais, pois assiste-se a fuga de talentos para os grandes centros urbanos, onde se concentra a indústria musical.

feminina *punk* russa, que luta pela sua liberdade apelando à liberdade de expressão, contra a opressão do governo russo, e por todo o mundo organizam-se manifestações a favor da sua libertação¹¹.

Figura 1.6 – Cartaz a favor da libertação da banda Pussy Riot



Fonte: www.facebook.com (consultado a 3 de agosto de 2012)

1.3 As cenas musicais locais, translocais e virtuais

Como afirma Straw (1990) a ideia de cena musical indica a possibilidade de análise de toda a “vida musical”, desde a produção ao consumo, com o objetivo de entender a importância sociocultural da música na vida quotidiana. As cenas musicais descrevem no seu núcleo uma relação afetiva entre os seus atores sociais, atividade cultural e o local onde é desenvolvida.

“ A musical scene (...) is that cultural space in which a range of musical practices coexist, interacting with each other within a variety of processes of differentiation, and according to widely varying trajectories of change and cross-fertilization” (Ibidem, p.373).

Como implicitamente se explicou anteriormente, Bennett (2004) considera que a noção de cena musical determina a possibilidade de analisar a vida musical nas suas

¹¹ Recentemente condenadas a dois anos de prisão por editarem canções contra o governo de Vladimir Putin

diversas variantes, produção e consumo, em três diferentes perspectivas que podem ser locais, translocais e virtuais.

1.3.1 - Cenas locais

A utilização deste conceito pressupõe, geralmente, uma localização geográfica específica como uma cidade, onde um determinado gênero musical nasce e se desenvolve e onde é, igualmente, apropriado e adaptado.

“Typically, this every day usage of scene has referred to a particular local setting, usually a city or a district” (Bennett, 2004, p.223).

Pense-se em exemplos como o *jazz* de Nova Orleães, o *blues* de Chicago ou a *country music* de Nashville.

Um dos estudos onde se verifica a introdução do conceito de cena local é o de Sara Cohen (1991). A autora faz uma abordagem etnográfica, acerca de duas bandas da cidade de Liverpool, e evidencia o impacto da combinação das sensibilidades locais com as ambições artísticas dos dois grupos. A série de valores coletivos dos membros dos grupos, como por exemplo, o medo da presença de mulheres como uma possível ameaça à união do grupo ou o medo de não considerarem a música como um “trabalho sério”, são atitudes vincadas no ambiente socioeconómico de Liverpool.

“... in a city where the attitude of many young people was that you might as well pick up a guitar as take exams, since your chances of finding full-time accupation from either were just the same, being in a band was an accepted way of life and could provide a means of justifying one’s existence. “It’s an alternative to walking around the town all day”, said one band member, while another asked, “What else is there to do?”(Ibidem, p.3)

Também Barry Shank problematiza sobre as continuidades entre as sociabilidades locais e a manutenção da cena musical local (Cit. por Bennett, 2004). Primeiramente, evidencia a importância da música na vivência da população local, como na localidade de Austin, Texas, e na influência do géneros *punk* e *cowboy song*. O autor assume que apesar das diferentes ligações socioculturais dos dois géneros musicais à cidade, ambos evidenciam a afirmação de uma determinada masculinidade e superioridade masculina, através da figura do *cowboy* texano ou em músicas como “Big

Penis Envy”, definindo e afirmando desta forma as suas pertenças grupais (Ibidem, p.227). A partir destes dois casos, Shank demonstra que num contexto local específico, a cena musical pode assumir, simultaneamente, uma diversidade de dimensões, por vezes contraditórias.

Tony Mitchell em “Popular Music and Local Identity” (1996) refere também a importância da produção musical em contextos locais, a partir de quatro casos específicos: Itália, República Checa, Austrália e Nova Zelândia. O autor examina a relação entre produção musical local de diferentes géneros, como o *rock*, a *pop* e o *rap*, e os problemas também locais (racismo, desemprego, extremismos políticos). Mitchell demonstra, assim, de que modo os géneros musicais globalmente estabelecidos podem ser apropriados de forma a tornarem-se culturalmente mais significativos em termos locais, através das letras ou do uso de sotaque e expressões locais.

Em “Popular Music and Youth Culture”, Andy Bennett (2000) também aborda quatro géneros musicais, a música de dança, o *rock*, o *bhangra* e o *rap*, e examina o modo como os mesmos géneros são apropriados e transformados nas cidades britânicas e alemãs. Focando no caso de estudo do *hip hop* na cidade de Frankfurt, o autor explica que os jovens oriundos de famílias de emigrantes (sobretudo Turquia e Marrocos), adaptam as temáticas de racismo e da desigualdade do *rap* afro-americano para o seu contexto local. As letras refletem as suas experiência locais do dia a dia, bem como, os problemas sociais, igualmente locais. Como Bennett observa:

“Two thematic issues which appear regularly in German language rap songs concentrate respectively upon the fear and anger instilled in ethnic minority groups by racism and insecurity experienced by many young members of such groups over issues of nationality. The first theme has in recent years become one of national concern in Germany. Since the German reunification in October 1990 there has been a steady rise in neo-Fascists attacks against Gastarbeiter and refugees in Germany.” (Ibidem, p.142).

Também o trabalho “It’s Canada Reduced”, de Geoff Stahl (2004), se debruça sobre a cena musical local de Montreal. Stahl demonstra a diversidade de atividades que podem influenciar a cena musical num determinado contexto. Desta forma, realça que para além dos músicos, há todo um *networking* de entusiastas e empresários – promotores, designers, produtores, *djs*, engenheiros de som e críticos – que desempenham um importante papel na manutenção da cena.

Um cenário semelhante é igualmente descrito por Ken Spring (2004), no seu estudo sobre a cena *dance club* em Toledo. Spring descreve como uma cena local atingiu maior dimensão a partir da capacidade de gestão de um promotor e da sua capacidade de influenciar outras pessoas da comunidade local. Aqui, o autor revela, de forma muito concreta, que as cenas musicais parecem emergir mais ou menos espontaneamente: o *rock* em Liverpool, o *rock* psicadélico em S. Francisco ou o *grunge* em Seattle.

Figura 1.7- Banda Nirvana de Seattle, uma das precursoras da cena musical *grunge*



Fonte: www.last.fm (consultado a 3 de agosto de 2012)

Uma cena musical consiste, então, num conjunto de atores, e para a sua melhor análise deve-se examinar as interações requeridas por muitos especialistas individuais, como diretores, *designers*, compositores, letristas, técnicos de som, entre outros atores, que contribuem com as suas capacidades para a elaboração da cena musical.

1.3.2 - Cenas translocais

Apesar da relevância do conceito de cenas locais, este não deixou de ser alvo de algumas críticas devido ao carácter espacial rigidamente definido. De acordo com alguns teóricos, tal conceito não coincide com a atualidade assente nos *media* globais. Esta posição é defendida por Sarah Thornton (1995) quando afirma:

“Ethnographies of music scenes... tend to see the media as outside authentic culture. They depict internally generated culture, disclose local creativity and give positive valuation to the culture of the people but only at the cost of removing the media from their pictures of the cultural process (Ibidem, p.120).

Contudo, não significa que as anteriores pesquisas não tenham percebido as ligações entre produção musical local e global. Assim, estas perspectivas originaram novas abordagens que tratam as relações entre as apropriações coletivas e as inovações localizadas. Um dos exemplos consiste no trabalho de Mark Slobin (1993) onde utiliza o termo transregionalismo, como forma de reconhecimento das apropriações e inovações locais dos géneros musicais que ocorrem simultaneamente em diferentes configurações espaciais, ultrapassando as barreiras físicas existentes.

Muito focado nos estilos musicais juvenis, Holly Kruse (1993) usa o termo translocal para descrever o modo como os jovens apropriam os recursos musicais locais, tendo em conta a ligação destes às expressões estilísticas e musicais que ocorrem em outros lugares.

No seguimento do estudo de Kruse, Paul Hodgkinson (2004) abre um trabalho sobre o movimento cultural gótico. Aqui demonstra que, apesar dos referenciais locais serem muito importantes na orientação desta subcultura, os membros do grupo não deixam de manter o contato com outros grupos do país ou mesmo de outras nacionalidades.

Outro exemplo da cena translocal consiste na investigação de Keith Harris (Cit. por Bennett, 2004) sobre o *heavy metal*, no qual conclui que este estilo musical, como outros géneros musicais, muito depende e se relaciona com as especificidades locais, é inevitavelmente influenciado pelo contexto mais abrangente que circunscreve as cenas locais. Atualmente, e como muitas pesquisas elucidam, as cenas translocais são cada vez mais caracterizadas por fluxos de pessoas, de diferentes agentes que se ligam entre si, superando as barreiras físicas das cidades ou dos lugares. Opinião defendida por Andy Bennett (2004): “... the trans-local quality of a music scene may not rest exclusively on the global mobility of a particular local styles, nor the ability of scene members to communicate with each other across time and distance using new technologies. Indeed, (...) trans-local scenes are also increasingly characterised by global flows of people – Djs, promoters and fans.” (Ibidem, p.230).

1.3.3 - Cenas virtuais

Desde os anos 90 do século XX, a internet tem introduzido importantes mudanças na vida quotidiana. Desde logo originou, como afirma David Harvey, a compressão de espaço-tempo, devido às transformações associadas aos sistemas globais de comunicação, que já não se cingem às fronteiras espaciais e temporais. Agora são

criados canais de comunicação translocais e transtemporais. Estas transformações têm tido consideráveis impactos na formação de cenas musicais, criando-se a possibilidade de criação de cenas musicais virtuais. Como observa Howard Reygnold, as novas comunidades virtuais formam-se em espaços virtuais, fora dos espaços físicos das cidades, e os seus membros não necessitam de uma partilha pessoal *face to face*. Outros estudos têm também sugerido que as cenas virtuais facilitam a partilha, a comunicação, a discussão ou a troca de ideias entre seguidores de um determinado género musical. Simultaneamente, permitem a manutenção de alguns artistas na esfera pública, mesmo quando deixam de atuar ou de apostar em aparições públicas (Bennett, 2004)

Marjorie Kibby no seu estudo sobre a cena musical baseada na internet, prestou particular atenção ao artista *folk* John Prine. A autora reafirma a importância do *website* para a comunicação dos fãs do cantor, dispersos geograficamente, e para a partilha de informações. Ideia esta reafirmada por Bennett

“Virtual scenes can also facilitate on-going communication and collectivity between fans of artists who have either stopped touring or tour infrequently. For such fans, the Internet offers an alternative possibility for articulating their fandom in a public sphere” (Ibidem, p.231).

Como se percebe, existem diferenças entre cenas locais e translocais por um lado, e cenas virtuais, por outro. Enquanto, que as primeiras dependem mais de aspetos estilísticos suscetíveis de criar envolvimento – imagem, forma de dançar –, as cenas virtuais não necessitam desse contato cara-a-cara, assentam sobretudo no conhecimento e informação sobre música. Nesta perspetiva, Richard Peterson e Steve Lee (Cit. por Bennett, 2004) consideram algumas diferenças e semelhanças entre as cenas locais e translocais, delimitadas por circunscrições espaciais e temporais, e as cenas virtuais, libertas destas fronteiras, baseadas na comunicação verbal e suportadas por algumas imagens. Segundos os autores, é mais fácil aderir às cenas virtuais do que às cenas locais, mais seletivas e ritualizadas. No seu entender, as cenas virtuais estão abertas a todos os que saibam utilizar a rede de computadores e falar a língua usada na cena. Outra diferença relevante, entre os dois tipos de cenas, consiste na composição demográfica das mesmas, bem mais abrangente nas cenas virtuais.

Através da trilogia local, translocal e virtual, Bennett descreve, através das várias pesquisas apresentadas em “Consolidating the music scenes perspective”, como a

música, a criatividade, a identidade, a atividade económica e a produtividade interagem num conjunto diversificado de contextos.

“... the developing scenes perspective and its value as a means of understanding and theorizing the various forms of significance that musical activity, both production-and consumption-orientated, assumes in specific every day contexts.” (Bennett, 2004, p.232).

Figura 1.8 – Banda Alto!



Fonte: www.arte-factos.net (Consultado a 3 de agosto de 2012)

Concluindo, o conceito de cena deve descrever a análise da conexão entre os atores sociais e os espaços sociais das cidades, facilitando, deste modo, a compreensão dessas ligações sociais, económicas e institucionais. Como afirma Paula Guerra, “Este conceito proporciona de igual forma uma cartografia rica de relações de cenas musicais com outras cenas culturais, como a teatral, a literária e a cinematográfica (...) questionando a rigidez do modelo subcultural.” (Guerra, 2010, p.456).

Atualmente é correntemente aplicado à análise da música popular e seus movimentos, como a cena *indie rock* de Montreal, caracterizada pelas bandas Arcade Fire, Goodspeed You! Black Emperor, Do Make Say Think, A Silver Mount Zion, Broken Social Scene, entre outras, e pela existência de centros comunitários, programas estatais regionais, editoras, bares, lojas de discos, projetos que cruzam músicos e consumidores neste espaço geográfico circunscrito.

Em Portugal, o conceito cena pode ser utilizado para descrever o movimento *garage/ blues* conimbricense em torno dos Tédio Boys e o surgimento de novos grupos como os Bunnyranch, os Tijuana Bibles, os D3O, os Wraygunn, entre outros, ou mais recentemente, uma cena barcelense que conta com bandas tais como os Green Machine, os Alto!, os Glokenwise, os Black Bombain e os La La La Ressonance, apoios da autarquia, salas de ensaio, produtoras e festivais (Guerra, 2010).

Assim, no contexto dos seguintes capítulos do presente trabalho, pretende-se também ilustrar as cenas musicais nos contextos dos festivais de música, mais concretamente nos festivais de música alternativa, pois congregam os três tipos de cenas: locais, translocais e virtuais. (Cummings, 2005).

Capítulo II - Os festivais da vida. A materialização das cenas

“A música muda você,
Você muda mais alguém,
Alguém muda outro alguém,
Que muda você também,
Você muda cada momento, a música, o tempo.
Você é um instrumento,
A música muda você
Pra melhor, pra melhor, pra melhor...”

(A Curva da Cintura, Arnaldo Antunes, Edgar Scandura e Toumani Diabaté)

A estratégia de investigação prosseguida no primeiro capítulo leva a demarcar a importância da música em variados espaços, os seus diversificados atores e os diferentes cenários em que atuam. Tendo como ponto de base o consumo *indie rock* e alternativo, pretende-se analisar os consumos musicais na contemporaneidade dentro da música popular e as vivências musicais que encerram a manifestação dos gostos musicais, em particular *live performances* em contextos de festivais.

Como se analisou anteriormente, o consumo musical tem sido um tema debatido na Sociologia nos últimos trinta anos. As investigações clássicas, quer por métodos quantitativos, quer qualitativos, evidenciaram o papel da música como um meio de distinção e de *status*. Os trabalhos produzidos, no âmbito dos *cultural studies* da Universidade de Birmingham, permitiram “a construção das identidades sociais e a todos os processos pelos quais foram atribuídos significados às obras musicais e à sua apropriação social” (Guerra, 2010, p.998). O trabalho desenvolvido por Sara Cohen (1991) a partir da provada relação entre música e identidade local constitui a base dos estudos das cenas musicais, enquanto construção social balizada pelas interações e relações que acontecem num determinado espaço-tempo.

No entanto, como identificámos no capítulo anterior, existe uma nova configuração das fronteiras sociais e um enfraquecimento das hierarquias em torno do consumo da música. Isto é, são analisados os consumos e práticas musicais nas relações entre atores sociais e espaços geográficos (físicos e virtuais). Não se pode deixar de assinalar a longa citação de Bourdieu, ilustrativa das relações do indivíduo com a música:

“... a exibição de «cultura musical» não é uma ostentação cultural como as outras na definição social, a «cultura musical» é algo de diferente de uma simples soma de saberes

e experiências, acompanhada pela aptidão para discorrer a seu propósito. A música é a mais espiritualista das artes de espírito; além disso o amor pela música é uma garantia de espiritualidades (...) Conforme é testemunhado por inúmeras variações sobre a alma da música e a música da alma, a música está estreitamente relacionada com a interioridade (...) **e os concertos só podem ser espirituais**. Ser insensível à música representa, sem dúvida – para um mundo burguês que pensa a sua relação com o povo a partir do modelo das relações entre a alma e o corpo – uma forma especialmente inconfessável de materialismo grosseiro (...) A música é a arte «pura» por excelência: ela nada diz, nem tem nada para dizer, como nunca teve uma verdadeira função expressiva, ela opõe-se ao teatro que, até mesmo, nas suas formas mais depuradas, continua a ser portador de uma mensagem social e só pode ser «aceite» com base em um acordo imediato com os valores e expectativas do público. (...) a música representa a forma mais radical, mais absoluta, da degeneração do mundo e, em especial, do mundo social que, segundo o *ethos* burguês, deve ser obtida de todas as formas de arte” (Cit. por Guerra, 2010).

A música desempenha hoje um papel importante nos modelos culturais, sendo o consumo de música popular um denominador comum de muitas práticas culturais e de lazer adotadas por diferentes segmentos populacionais, especialmente os jovens.

A chamada “cultura de saídas”, aciona esses consumos através de atividades e espaços que permitem importantes processos de sociabilidade entre os jovens e, por conseguinte, a formação de estilos de vida que constituem importantes processos identitários. Um incisivo exemplo constitui o consumo de música ao vivo, sobretudo no contexto *pop rock*. Segundo Guerra (2010), em Portugal verifica-se uma intensificação da procura e da oferta, principalmente a partir de 2005, ano em que, segundo a autora, se “operou uma mudança impactante” (Ibidem, p.1000), sobretudo em espaços urbanos. Nas cidades de Lisboa e Porto proliferam novos espaços de divulgação musical, aliados ao entretenimento noturno. Desta forma, os espaços noturnos, enquanto “espaços de saídas”, têm como elemento âncora a música, fazem parte do roteiro das noites das cidades e detêm uma agenda de concertos, *dj sets* e *live performances*. A baixa do Porto e os novos espaços que aí surgem - Plano B, Hard Club, Armazém do Chá, etc. – consistem num bom exemplo dessa dinâmica. Assim, a cidade pode constituir um palco de abundantes cenários que refletem novas tendências, novos produtos e novos princípios culturais. Outro exemplo consiste nos festivais de música e o grande aumento da sua oferta nos últimos anos, quer em contextos rurais, quer em contextos urbanos. Este cenário, relevante para o estudo do consumo *pop rock* e para a dissertação aqui

proposta, revela-se um objeto de análise importante. Como comprovamos mais adiante com a análise dos estudos de caso, os frequentadores de festivais de música constituem um universo de praticantes culturais ativos, nos diversos contextos de música ao vivo.

2.1 A cidade, o território e a música

O mundo moderno em que hoje vivemos, dominado pelo dinamismo da visão e pela cultura do olhar, é também caracterizado por uma profusão de sons produzidos pelos grandes ambientes urbanos. George Simmel, um dos fundadores da Sociologia, defende a primazia das imagens, referindo que “o sentido auditivo é um sentido passivo, despojado que está de autonomia própria, o que contrasta de forma evidente com a visão” (Cit. por Fortuna, 1999, p.105). Opinião que vinca ao referir que nas relações *face to face*, a visão implica sempre comunicação, reconhecendo que o olhar “não pode dar sem receber”, enquanto o ouvido está destinado a receber sem poder dar (Ibidem).

O som envolve e o nosso organismo é estimulado incessantemente pela vibração sonora, reagindo também ininterruptamente. O próprio Simmel reconhece que a “partilha de um mesmo ambiente sonoro pode promover o sentido particular de coletividade, mesmo quando a consciência da sua unidade, assente em meios sonoros e auditivos, se revela bem mais abstrata do que a conseguida em torno da comunicação oral e da fala” (Ibidem, p.106).

O músico canadiano Murray Schafer (Ibidem) contribui também para esta construção teórica sobre a relação espaço/som, estabelecendo a distinção fundamental entre os conceitos de campo sonoro e paisagem sonora. Campo sonoro refere-se ao espaço acústico, gerado a partir de uma determinada fonte emissora, que estende a sua sonoridade por uma área ou território bem definidos. No entanto, as cidades são espaços onde identifica a presença em simultâneo de vários campos sonoros que se misturam e sobrepõem entre si. Desta sobreposição resulta a paisagem sonora, ou seja, uma atmosfera sonora que envolve vários sujeitos ou grupos recetores, “antropocêntrica já que (...) o sujeito humano em concreto, que, na sua qualidade de recetor, constitui o seu centro” (Ibidem, p.107). Assim, a noção de paisagem sonora assume-se como um elemento essencial na compreensão do modo como o som atribui sentido e identifica um espaço ou um lugar. “Daí que o estímulo sensorial auditivo possa servir de ponto de partida para a identificação e diferenciação dos espaços urbanos, compondo paisagens reconhecíveis pelos sujeitos que os habitam ou frequentam e, em última análise, transparecendo uma identidade própria” (Casaleiro e Quintela, 2008, p.4).

As paisagens sonoras contemporâneas urbanas caracterizam-se por uma cacofonia de sons, pela plurisonoridade, pelo *low-fi* e pela proliferação de ruído, onde dificilmente se consegue distinguir cada uma das fontes sonoras que as compõem. A poluição sonora das cidades não impede, mesmo assim, de identificar muitos dos sons que valorizam ou caracterizam um espaço. Não há um som desejável ou indesejável, existem sons identificadores ou não de espaços e de culturas. Assim, as paisagens sonoras sublinham, principalmente, diferentes modos de apropriação e fruição dos espaços e indicam fronteiras simbólicas dos diferentes espaços urbanos, apesar da fluidez do som.

No caso dos centros históricos das cidades, estes podem ser espaços onde se identifica a assinatura sonora de uma cidade, diferentes das paisagens sonoras rurais (galo a cantar, etc.). Assim escuta-se, nos espaços públicos dos centros históricos, paisagens sonoras específicas que representam as singularidades das cidades. Nos casos específicos dos centros de Coimbra e Porto, apresentados por Quintela e Casaleiro (2008), muitos dos sons ainda revelam a história das cidades. No centro histórico de Coimbra prevalecem muitos sons tradicionais associados à história secular da Universidade, como o sino da torre (a Cabra), o fado de Coimbra ou o grito académico. No Porto, onde a presença do rio é incontornável, ainda hoje é possível ouvir as peixeiras e os barcos. Desta forma, alguns dos sons identificativos das duas cidades correspondem a um conjunto de atividades pré-modernas representadas pelas igrejas e pelos vendedores de rua.

No entanto, os centros históricos também divulgam uma série de novas sonoridades associadas a novos frequentadores – os bares, as esplanadas, os turistas ou mesmo música - que identificam novas formas de apropriação do espaço ligadas ao lazer.

Estas modificações dos sons das cidades revelam a mudança das ocupações laborais, muitas delas associadas a atividades lúdicas e culturais, indicando diferentes estilos de vida ou processos identitários dos diferentes grupos. Assim muitos dos avanços tecnológicos possibilitaram novos contextos musicais ou de reprodução de sons, em ambientes domésticos e em espaços públicos. As músicas reproduzidas pelos aparelhos de música gravada, apropriados por estes espaços públicos de lazer, determinam novas sonoridades nas cidades, transformando os contextos urbanos em locais de partilha, tornando a música num objeto “privilegiado de apropriação e troca simbólica, reforçando a sua associação a práticas de sociabilidade, fruição e divertimento que ocorrem em contextos cada vez mais diversificados” (Abreu, 2000,

p.137). Estas alterações vincadas pelo desenvolvimento das indústrias criativas, principalmente das indústrias audiovisuais, permitiram assim como afirma Paula Abreu “a polarização urbana dos equipamentos, serviços e operadores culturais; e a diversificação dos espaços de oferta cultural e lúdica” (Ibidem, p.126), o que pressupõe que a espacialização das dinâmicas culturais, de lazer e de entretenimento, possui características marcadamente urbanas.

Afirmam-se assim duas centralidades: “cidades” e “cultura” (Abreu e Santos, 2000, p.2), enquanto apropriações dos espaços, das sociedades, das representações e dos modos de vida, frutos do “milagre urbano” pós-industrial (Guerra, 1992, p.149). Assiste-se então, a novas apropriações dos espaços públicos, de convívio e sociabilidade, a “culturas de saídas” especialmente associadas a públicos juvenis, bem como a estratégia de gestão do espaço urbano, por iniciativa pública ou privada, ligada ao desenvolvimento das atividades de cultura e lazer.

A cidade encontra-se, como afirma Carlos Fortuna, no ciclo de europeização, pós adesão à União Europeia, “correspondente a uma estratégia de modernização do país e das cidades por intermédio da cultura” (2002, p.130). Neste momento assiste-se a novas orientações políticas respeitantes à cultura como estratégia de renovação das economias locais urbanas, o que evidencia as mudanças sociais e o consequente maior envolvimento e participação cultural.

Estes desenvolvimentos pressupõem novas problemáticas em torno da juventude e do consumo de produtos culturais, nomeadamente a música. O estudo sobre a música popular está inevitavelmente ligado à análise das culturas juvenis, pois a música popular criada nas últimas décadas foi essencialmente criada por jovens e para jovens. Portanto, a cidade é cada vez mais sinónimo de cultura, de jovens e de música.

A era pós Segunda Grande Guerra é crucial para entender as culturas juvenis, pois aqui, os jovens tornam-se num grupo distinto de consumidores. O consumo de bens, que anteriormente estava associado à classe média alta, logo se expande para as classes trabalhadoras. A procura de produtos, diretamente relacionada com a oferta de novos produtos, indica uma nova época de consumo incentivada pelo poder de compra dos jovens, cada vez mais independentes das suas famílias. Assim, a indústria cedo se apercebe do novo mercado dirigido à juventude, e cedo começam a surgir novas “comodidades” dirigidas ao segmento. Tais “comodidades” como a moda, a cosmética e as novas tecnologias – rádios, gravadores e transistors - “in addition of financial

independence, young people of the post-war generation had much greater control over their leisure time than the previous generations of youth” (Bennett, 2001, p.9).

Figura 2.6 – Concerto de Pine Hill Haints, Armazém do Chá, Porto, outubro de 2011



Fonte: amplificasom.blogspot.com (consultado a 4 de agosto de 2012)

Outro aspeto cultural caraterístico da juventude do pós-guerra consiste no consumo de *rock n'roll*, elemento distintivo da mesma juventude.

Esta relação nem sempre pacífica, entre global e local, entre práticas com tradições geográficas e culturais distintas, conduz a uma reflexão no interior dos próprios territórios, obrigados a questionar as suas singularidades.

Figura 2.7 – Bill Haley and The Comets



Fonte: heavymetalcenter.net (consultado a 4 de agosto de 2012)

Neste contexto de heterogeneidade, as questões de autenticidade e unidade estão cada vez mais presentes, para discutir a essência das comunidades cada vez mais translocais e virtuais.

Assim, apesar do enraizamento local, os contextos culturais da juventude atual estão profundamente marcados por processos de globalização, que estimulam consumos de bens cada vez mais mediatizados. Portanto, não faz sentido falar de culturas juvenis enquanto entidades estáveis, homogêneas, enraizadas no local. Trata-se, pelo contrário, que as culturas juvenis estão cada vez mais associadas a estilos de vida, a escolhas que assentam basicamente em opções de consumo e práticas de lazer, muitos deles fornecidos pelos centros urbanos. Entenda-se a constante oferta produzida por diversos espaços urbanos – bares, salas de espetáculos, lojas de discos - que fomentam a heterogeneidade dos gostos. Neste sentido, ao analisar-se a constante presença da música na cultura juvenil de hoje, consegue-se adicionar um conjunto de críticas em relação à noção de subcultura, anteriormente apresentada. Em resultado de novas perspectivas sobre a relação dos jovens com a música, têm surgido outras abordagens conceituais que permitem explorar a relação dos jovens com os bens musicais e a temática da coletividade musical, formada essencialmente por jovens. Abordagens estas, que se integram na análise dos públicos de festivais e são elas cenas, tribos e neotribos.

2.2 Tribos, neotribos e comunidades emocionais

Primeiramente o conceito de tribo e de neotribalismo foi defendido por Michel Maffesoli, tendo como principal intenção a compreensão do declínio do individualismo nas sociedades de massas/ globais. Tendo em atenção o contexto social marcado pela transitoriedade e um desejo de emoções partilhados, surge o conceito de “comunidade emocional”. A noção defendida por Maffesoli sobre as neotribos liga-as “ a uma comunidade emocional resultante de um desejo de pertença, de enraizamento, de fazer parte perante um contexto de intensa velocidade e transitoriedade de vivência.” (Cit. por Guerra, 2010, p.428).

Atualmente, os jovens referem as suas preferências musicais como “gosto” e “não gosto” em relação a géneros, artistas, bandas e canções específicas, mas por outro lado, tal superficialidade não deixa de envolver uma reflexão mais profunda do papel da música na vida quotidiana, na qual podem ser utilizados pontos de referência geograficamente delimitados. Desta forma, a referência das suas preferências musicais e de estilo são relatadas a um nível mais pessoal, centradas no que é mais familiar e

reconhecível. Para além disso, de acordo com a definição de comunidade emocional de Maffesoli, os novos consumidores são “ caracterizados pelo seu aspeto efêmero, a sua composição mutável, a sua inscrição local, a ausência de organização...” (Cit. por Guerra, 2010, p.428).

Os novos contextos da globalização e da mediatização não permitem a sustentação de conceitos anteriores, tal como o de subcultura, para a caracterização das manifestações juvenis. Os defensores da subcultura sublinharam a importância do estilo, a capacidade de transformar os objetos culturais e o envolvimento em formas rituais de resistência. O conceito impõe divisões rígidas, além disso, “as posições principais que sustentam o conceito – entre cultura dominante e subordinada, valores burgueses e da classe operária, autêntico e comercial, *mainstream* e alternativo, produção ativa e consumo passivo – tendem a desaparecer ou a esbater-se.” (Simões, Nunes, Campos, 2005, p.173). Assim, todos os conceitos contemporâneos, noções como tribos e neotribos, procuram justificar as escolhas individuais que podem ser efêmeras e mesmo destituídas de qualquer motivação ideológica. Esta opção conceptual também se liga às constantes transações urbanas em torno da cultura e da música, como referimos no anterior subcapítulo.

O conceito de tribo surge da necessidade de agruparem as características identitárias de um grupo de pertença face a outros. Em termos simbólicos refere a criação de “um círculo que une os que estão dentro e separa os que ficam de fora dele.” (Guerra, 2010, p.429). Surgem, assim, duas identidades, a própria e a do grupo. Desta forma, o tribalismo emerge como uma reação à falta de coesão social das sociedades atuais, ou seja os jovens dos espaços urbanos encontram nas diversas culturas juvenis um espaço onde podem encontrar diferentes valores que reforcem o “próprio” no grupo e estabelecem uma relação muito pessoal com os espaços urbanos. Daí se identificarem variadíssimas tribos num mesmo círculo urbano, escapando às relações classistas e à leitura do desvio e da marginalidade. Tal reflete-se nos consumos musicais, em termos de gostos e estilos, que são múltiplos e diversos, com uma vinculação passageira a um determinado estilo, isto é mudam constantemente de referências, géneros e bandas.

Guerra, apropriando-se da perspectiva de Maffesoli, traça alguns elementos pertinentes para o entendimento do conceito neotribo: a anomia, o hiperindividualismo,

a complexidade, a aceleração, a escassez de contatos¹², a moda e a paixão pelas aparências, a visibilidade e transparência e a multirraciedade (Guerra, 2010, p.430).

Entendendo as características do neotribalismo contemporâneo e das tribos juvenis, identificam-se alguns traços comuns. De acordo com Paula Guerra, “ao constituírem-se como comunidades emocionais que funcionam em comunhão de emoções intensas; o serem portadoras de uma energia subterrânea pois contêm uma melodia no funcionamento do grupo; representam uma sociabilidade dispersa por oposição ao individualismo e às trocas de poder inerente às relações de sociabilidade; remetem para a fisicalidade, cidade da experiência já que as nossas experiências dependem cada vez mais do espaço físico que ocupamos, cada vez mais assistimos a uma «micro explosão» de eventos muito próximos fisicamente.” (Ibidem, p.431). Tais características, que se inscrevem no neotribalismo contemporâneo, podem identificar dois comportamentos opostos, a fuga a uma uniformidade e também a pertença ao grupo.

Andy Bennett (2004) considera o conceito de neotribalismo o mais adequado para os estudos das relações entre cultura e juventude, música e estilo¹³. Tomando em linha de conta Maffesoli, recorre à noção de tribo, não correspondente à rigidez da subcultura, pois remete para um estado de espírito expresso pelos estilos de vida¹⁴, e aplica-a à análise da música de dança. Assim na sua perspetiva, os gostos musicais, paralelamente a outras preferências, são uma sensibilidade menos definida do que anteriormente, pois refletem um conjunto de experiências diversificadas identificadas nos *sets* de *djs* que remisturam músicas de diferentes géneros, nos espaços que oferecem estilos de música distintos, entre outros exemplos.

Outra questão inerente ao neotribalismo contemporâneo consiste na abordagem das culturas juvenis globais. Apesar de os jovens constituírem a sua identidade local, as suas tendências e produtos culturais tendem a ser globais, ou seja criam um estatuto simbólico mediante o consumo de bens culturais populares e globais para interações locais. Desta forma, parece que a questão da globalização é incontornável. As

¹² Apesar do desenvolvimento e facilidade dos meios de comunicação, tal não se traduz no alargamento das teias de contatos, pelo contrário, têm tendência a serem mais curtos.

¹³ Bennett (2004) compara a pertinência do conceito quando comparado com outros conceitos, como o de subcultura. O autor identifica duas questões na utilização da noção subcultural. Primeiro, o facto de o conceito ser empregado de formas contraditórias. Segundo, a rigidez dos grupos juvenis resultante da correspondência da subcultura a subsistemas da sociedade.

¹⁴ Bennett (Ibidem) adota a noção de estilo de vida como representação das identidades individuais e da forma como são construídas e vividas.

estratégias de mercado, as tecnologias, a organização e as leis de regulação do mercado estão em primeiro lugar na determinação de gostos e padrões de consumo, cada vez mais mutáveis. De realçar que os aspetos da cultura popular, tais como a música e o estilo, para além de serem compreendidos como formas de cultura global, assumem significados específicos no quotidiano que respondem a diversos contextos locais. Neste contexto, o conceito de neotribalismo responde à instabilidade e à natureza temporária das associações grupais, bem como às relações entre o gosto musical e a identidade, dependentes dos caprichos dos indivíduos.

2.3 - Práticas e gostos musicais nos festivais de música

A música ocupa um dos papéis mais importantes na cultura popular massiva quer pelo poder que associa, quer pela presença na nossa vida quotidiana e nos mais variados produtos culturais. Nos últimos anos grande parte dos consumidores musicais prefere fazer *downloads* de canções e álbuns do que comprar discos nas lojas da especialidade. No entanto, a música continua a fazer parte de outros objetos do quotidiano - bandas sonoras de filmes e jogos de vídeo como o *Guitar Hero* - criando novas formas de consumo.

Hoje em dia, uma questão premeia o negócio da música: se as pessoas não compram música (suportes físicos), de que forma gera sustentabilidade? As opções oferecidas são imensas, opções que vão desde da internet a concertos e festivais, que sugerem vários modos de consumo, que podem ser coletivos ou individuais. No dia a dia escutamos música em massa em espetáculos de grande escala, como em festivais e concertos *rock*, cuja grandeza só pode ser comparável com os grandes eventos desportivos. Por outro lado, escuta-se música quando lemos livros, no ambiente recatado da residência, num ambiente mais solitário e sereno. Estes diferentes contextos mostram diferentes segmentos do amplo mercado musical e como ele constrói e articula uma rede social, económica e ideológica, coletiva e individual, pública e doméstica.

As novas tecnologias possibilitaram novos contextos de audição e performance, melhorando as condições de criação e reprodução musical, divulgando “uma maior diversidade e poliformismo das expressões musicais” (Abreu, 2000, p.131). Os novos suportes de audição fomentados pela fácil acessibilidade de novos produtos durante o período do pós-guerra e, mais tarde, pela introdução do *walkman* nos anos 80, provocaram, como afirma Carlos Fortuna, “o refúgio no isolamento doméstico” (2002, p.136). A assimilação dos novos métodos e meios de audição determina diferentes

escalas que vão do uso doméstico aos contextos públicos (bares, discotecas, concertos ao vivo). A popularização dos mesmos “transformou a música em objeto privilegiado de apropriação e troca simbólica, reforçando a sua associação a práticas de sociabilidade, fruição e divertimento que ocorrem em contextos cada vez mais diversificados.” (Abreu, 2000, p.137). O contexto dos concertos ao vivo foi claramente modificado pelos desenvolvimentos explicados, tornando, como refere Paula Abreu, “na forma mais vulgar de criar música” para “momentos raros de fruição musical e espaços de consagração e distinção dos músicos e das bandas de maior sucesso e qualidade” (Ibidem, p.142). Esta mudança é notável principalmente nas *performances* de música popular – *rock*, *pop rock* ou *dance music* – de cariz urbano, associadas às novas culturas juvenis urbanas. Os locais de concertos referem contextos de experiências sociais dos jovens, manifestações coletivas, locais de interação e manifestação dos gostos musicais cada vez mais heterogêneos. São assim lugares de expressão dos vários universos simbólicos caracterizados pelos vários movimentos musicais que adotam. No caso específico dos festivais de verão, tema que se pretende desenvolver na dissertação em questão, são claramente uma manifestação deste movimento associado ao *rock* e *pop rock*.

A autora Joanne Cummings (2007), na sua investigação referente aos festivais de música *indie* australianos, adota uma posição pós-subcultural, pois as rígidas divisões do conceito subcultura – um determinado estilo, uma identidade e um gosto musical específico – não se aplicam na análise da atual juventude. Hoje misturam-se diversos estilos e gostos musicais, tornando os jovens frequentadores de festivais ou “festivaleiros” elementos ativos das neotribos contemporâneas.

Cummings, no seu estudo, reafirma a pertinência do neotribalismo de Maffesoli, confirmando o que caracteriza as neotribos são os sentimentos, as emoções e os imaginários e não as regras. Assim, afirma o paralelismo entre as neotribos e os festivaleiros – “...festivalgoers who attend Homebake, Big Day Out, Splender in the Grass and the Falls festival are members of a neo-tribal grouping that I refer to as the festivalgoers.” (Ibidem, p.154). Estes fazem parte de uma comunidade e de uma cena musical, unidas pelo prazer da música, que buscam locais para ver as suas bandas e artistas de eleição – “The music festival, bands and a general love of music, serve as a common point of interest for the audience. Many of the festivalgoers are fans of the bands playing and go to see live music on a regular basis.” (Ibidem, p.155).

Para os frequentadores de festivais, mais especificamente dos festivais de verão, a música não é apenas um elemento que partilham, mas uma parte importante das suas vidas e do seu quotidiano. Há um sentimento de familiaridade entre os participantes destes eventos, como descreve Meg, uma assídua participante dos festivais australianos, “you see the same faces”, e reafirma o sentimento de comunidade ao referir “Everyone just understand how everyone else is feeling (...) That makes you feel like you’re a part of something (...) everyone knows how you’re feeling at that particular moment wich is pretty cool” (Cummings, 2007, p.155)¹⁵.

Figura 2.7 – Ambiente do Festival Splendour in The Grass, edição de 2010



Fonte: www.brisbanetimes.com.au (consultado a 10 de agosto de 2012)

O mesmo sentimento de comunidade manifesta-se nas marcas consumidas e características dos estilos dos novos grupos juvenis. Citando novamente Cummings, “festivalgoers through their consumption os indie music festivals have become a brand community...” (s.d., p.1). O estilo é um elemento determinante na prevalência das culturas juvenis, reflete a combinação hierarquizada de elementos culturais, como a linguagem, a música, a estética e os rituais. Por outro lado, o próprio estilo também se constrói pela apropriação de objetos, os quais são reinventados pelos grupos, sendo-lhes conferido um simbolismo. Com efeito, as práticas de consumo, bem como a construção de um “estilo” comum, originam também “comunidades de marcas”, que uniformizam as neotribos.

¹⁵ Estas afirmações fazem parte de um conjunto de entrevistas feitas pela autora Joanne Cummings, no ano de 2005, nos festivais The Big Day Out, Homebake, Livid, Splendour in the Grass e Falls Festival.

“They commodities are linking images that enable members of neo-tribes to create both a sense of individualism as well as a connection to a collective identity” (Cummings, s.d., p.2).

Este sentimento de comunidade de consumo ou de marcas é evidenciado pelos grandes patrocinadores destes eventos. Os festivais são, assim, apoiados por grandes empresas que pretendem associar a sua marca ao nicho de mercado dos “festivaleiros como, o exemplo evidenciado pela autora, *The Vans Warped Tour* que associa a marca de desporto *Vans Inc* a eventos de música *skatepunk*.

As *brand communities* ou neotribos são um dos vários elementos que compõem as cenas musicais, pois reúnem pessoas que partilham os mesmos interesses e gostos.

“...the translocal properties of music and its associated stylistic innovations serve to produce affective communities that transcend the need for face-to-face interaction” (Bennett e Peterson, 2004, p.9).

Com efeito, verifica-se a pertença das neotribos nas cenas musicais, pois os membros tribais nunca “estão sozinhos”, pertencem, como se referiu anteriormente, a uma comunidade informal e vasta.

No caso específico dos festivais, estes são cenas musicais constituídas por músicos, festivaleiros e produtores ligados por diversas redes virtuais, onde partilham as suas afinidades musicais. De acordo com Joanne Cummings (2005), o contexto de um festival envolve simultaneamente cenas locais, translocais e virtuais, num ambiente caracterizador dos gostos musicais de um determinado meio social, que engloba músicos, produtores e apaixonados (membros efetivos das comunidades). Assim, são acontecimentos locais porque ocupam um espaço físico circunscrito num determinado local; são também translocais porque os frequentadores vêm de vários locais para participar na cena; e por fim virtuais, pois os festivaleiros têm fortes afinidades virtuais, utilizam *websites*, *blogs* e redes sociais para transmitir os seus gostos musicais e afirmar a sua identidade grupal.

Contudo, as cenas musicais divergem do conceito de comunidade, pois, retratam um grupo consistente, cuja associação ao mundo musical se baseia na herança de um

determinado espaço geográfico, pensemos em Seattle, ou mesmo em Nova Iorque¹⁶. As cenas consistem, igualmente, num espaço de coexistência de diferentes práticas musicais, bem como da interação das mesmas. São, assim, situações concretas de criação musical, “lugares” onde diferentes grupos compõem, proporcionam e ouvem música para seu próprio prazer, provocando, muitas vezes, um hibridismo e partilha de práticas. Esta lógica social pode resultar na conjugação de diferentes géneros musicais, evidenciada pela oferta de alguns espaços de fruição musical.

No caso particular dos festivais de música de verão, principalmente nos estudos de caso que apresentaremos seguidamente, têm em comum uma programação intensa de *rock* e *rock* alternativo. Tal é comprovado também pelos estudos efetuados por Cummings (2005) nos festivais australianos, parte integrante ativa da cena *indie rock* australiana¹⁷. Tanto nos casos portugueses como nos casos australianos, estes variam em algumas características: duração, pois podem acontecer num único dia até cinco dias; localização, na medida em que acontecem em paisagens urbanas e rurais; dimensão e grau de comercialização, no sentido em que alguns estão ligados a grandes produtoras musicais, outros a pequenos organismos de desenvolvimento local.

Mas algo os unifica e os identifica como cenas musicais. A experiência da participação num festival e o ambiente que proporciona, atribui ao festivaleiro um sentimento de pertença ou ligação a um universo maior que ele próprio.

A relação simbiótica entre ambiente e intensidade é a característica fulcral de qualquer festival. O contrabalanço entre os dois aspetos é fundamental para o positivo sucesso desta cena. Os festivais são fortes experiências para os seus participantes, corroboradas pelas repetitivas idas¹⁸ que constituem uma envolvência no aspetos culturais da cena.

O ambiente do festival descreve não só os sentimentos da experiência como toda a envolvência - as reações da audiência, as condições meteorológicas, a decoração e a música. Assim, parte das produtoras a realização de tal atmosfera através da organização dos recintos, da construção de palcos, do agendamento de bandas e da

¹⁶As cidades de Seattle e Nova Iorque estão intensamente ligadas a dois subgéneros *rock/pop rock - grunge* e *noise rock* - bem como a uma série de bandas que emergiram nos anos 80 e 90 do século XX, como por exemplo os Nirvana, os Pearl Jam, os Sonic Youth e os White Zombie.

¹⁷ O estudo referido descreve a forte da cena *indie rock* nos festivais australianos. Tal conclusão foi comprovada com a participação nos festivais Big Day Out, Homeback, Livid, Splendor in the Grass e Falls Festival, em diversas edições (Cummings, 2005)

¹⁸ Os momentos proporcionados pelos festivais são altamente valorizados pelos seus participantes que procuram a repetição das mesmas através da participação nas diversas edições de um festival, como na participação em diferentes festivais, criando itinerários pessoais de festivais.

divulgação em diferentes sítios eletrónicos¹⁹. Assim, consistem nos principais criadores da atmosfera perfeita, crucial para o sucesso do festival.

Figura 2.8 Concerto da banda Battles no festival Ritek Paredes de Coura, 2011



Fonte: www.last.fm (consultado a 3 de agosto de 2012)

A experiência adquirida num anterior estudo, no âmbito da disciplina Sociologia do Turismo, no 1º ano curricular (2010/2011)²⁰, através de 200 inquéritos feitos aos participantes do festival Ritek Paredes de Coura (2011), bem como a entrevistas feitas nas edições de 2012 dos festivais Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa, revela que a escolha das bandas e dos “cabeças de cartaz” são o principal atributo para delinear os diferentes membros das cenas, ou seja, a escolha errada dos músicos pode excluir muitos dos participantes muito afetos ao *mainstream* e às bandas que consideram mais comerciais

A intensidade envolve a expectativa criada a partir do momento em que adquire o bilhete, e o grau de comprometimento dos “festivaleiros”, particularmente aqueles que se deslocam por vários dias e acampam no recinto²¹.

¹⁹ A comunicação dos diversos festivais é, hoje em dia, potenciada pela divulgação nos mais diversos sítios eletrónicos. Para a captação das novas culturas juvenis, membros ativos das cenas dos festivais, é importante uma presença contante em rede sociais, *blogs* e sítios sobre indústria musical.

²⁰ Trabalho intitulado “Festival Ritek Paredes de Coura, *The Real Show!*”, onde se pretendeu expor um caso paradigmático da recente oferta de festivais de música de verão.

²¹ Para muitos participantes “experiência completa” consiste na viagem, na permanência durante todos os dias do festival, e no acampamento afeto ao festival.

A relação entre ambiente e intensidade nos festivais revela, assim, uma intensa cena musical. Os seus participantes sentem que fazem parte de algo que os envolve mas que vai para além. Desta forma, não é de estranhar a forte participação de jovens nestes grandes eventos, como podemos comprovar no estudo feito anteriormente.

2.4 Os festivais de música em Portugal

Como referimos anteriormente a *performance* ao vivo constitui uma referência fundamental para os amantes da música e proporciona, como tão bem afirma Paula Abreu, “momentos raros de fruição musical e espaços de consagração e distinção de bandas de maior sucesso e qualidade” (2000, p.137). Estes momentos estão geralmente associados a grandes produções realizadas em salas consagradas ou em grandes espaços abertos, como estádios de futebol ou mesmo recintos de festivais. Equaciona-se, então uma nova relação entre *performance* musical e a heterogeneidade dos espaços, permitindo mesmo a ampliação geográfica de determinadas atividades culturais para além dos grandes núcleos urbanos, fruto de algumas iniciativas individuais e políticas centrais e locais.

Nas últimas décadas, os festivais de músicas consistem num setor caracterizado por significativo dinamismo relativamente a várias dimensões. Com efeito, nos anos 80 e 90 do século XX, verifica-se uma evidente proliferação deste tipo de eventos, uma maior diversificação de géneros musicais e o surgimento de festivais dedicados às músicas étnicas, *jazz* e *rock*. Quanto à sua inscrição geográfica, predominam as regiões Norte, Lisboa e Vale do Tejo, nas quais se destaca uma linha desenhada a litoral. A característica da diversidade manifesta-se igualmente ao nível dos agentes promotores, destacando-se as associações, autarquias e empresas privadas (Observatório das Atividades Culturais, 1999).

Um dos itens impulsionadores destes eventos consiste no “Regulamento de Apoios à Atividade Musical de Caráter Profissional e de Iniciativa Não-Governamental” que determina um concurso público para financiamento de festivais de música, cujo programa deveria estar integrado num conjunto de concertos e recitais realizados em diversos espaços. Os apoios materializados no Despacho Normativo nº 10/97, de 27 de fevereiro, e no Despacho Normativo nº 61/98, de 1 de setembro, registam no ano de 1997, 58 eventos considerados festivais de música nas categorias étnica, erudita, *jazz* e *rock*. No período compreendido entre 1997 e 1999, o *rock* surge com quatro eventos:

Noites Ritual Rock (Porto), Rock Feira (Santa Maria da Feira), Festival de Música de Paredes de Coura (Paredes de Coura) e Festival Carviçais (Torre de Moncorvo).

Desta forma, regista-se alguns dos eventos que caracterizam a oferta nacional de eventos de grande dimensão. Neste sentido, é possível registar, segundo Guerra (2012), um aumento significativo do número de festivais *rock* a partir de 2004 devido a alguns fatores para além dos financiamentos públicos. Desde logo o aumento do dinamismo das várias promotoras de eventos, com configurações e geometrias distintas – pequenas associações a reconhecidas promotoras nacionais²² – são cada vez em maior número e têm vindo a caminhar no sentido de uma maior profissionalização e sofisticação das condições técnicas, logísticas e de transporte.

De acordo com os concorrentes dos financiamentos já referidos, em 1999 no conjunto dos agentes promotores a figura predominante é a das associações, seguindo as autarquias e as empresas privadas. Em relação às autarquias o papel promotor poderá ainda agregar o de financiador, sobretudo sendo conhecida a forte participação financeira que algumas autarquias manifestam em festivais de música. Este cruzamento crescente, entre o poder central e as autarquias e entre entidades públicas e mecenas privados, resulta numa rede de festivais regionais que vêm conquistando um lugar de destaque no panorama de concertos europeu. Com efeito, hoje faz sentido dizer que Portugal está inserido nas rotas internacionais e o próprio poder político apercebe-se desse fenómeno. Assim, nota-se, cada vez mais, uma maior sensibilidade das autarquias para o potencial que os eventos aqui considerados representam para a região, dando contributos, não só financeiros como logísticos e técnicos (Ibidem).

Os festivais surgem com um formato destinado ao sucesso respondendo não apenas a dinâmicas e interesses às próprias comunidades artísticas mas também a constrangimentos e procuras externas. Ocorrem num espaço e tempo curto (três a sete dias), caracterizam-se por uma programação intensa de concertos, podendo mesmo acontecer alguns em simultâneo, com um plano direcionado para um género ou

²² Em Portugal o agenciamento de grandes concertos rock, bem como a produção dos maiores festivais de verão deve-se, essencialmente, a três grandes produtoras: Everything is New, Música no Coração e Ritmos.

subgênero musical específico, onde costumam anexar *workshops*, palestras e outras atividades (Guerra, 2012)²³.

Figura 2.9 – Palco do Festival Barco Rock Fest 2012, na praia fluvial de Barco, Guimarães



Fonte: Ana Farinha, agosto de 2012

Figura 2.10 – Entrada do Festival Barco Rock Fest 2012, na praia fluvial de Barco, Guimarães



Fonte: Ana Farinha, agosto de 2012

²³Enquanto observadores e frequentadores de festivais, verificamos que muitas das atividades paralelas são promovidas pelos patrocinadores dos festivais (canais de televisão, rádios, operadoras de telefones, jornais, marcas de bebidas entre outros).

Estes eventos caracterizam-se por “flexibilidade, intensidade e impacto” (Abreu, 2004, p.166). A flexibilidade é apresentada pela diversidade de projetos musicais e de atividades num espaço limitado de tempo. A intensidade retrata a consistência das atividades (audiovisuais, performativas, audição, execução musical, condições, etc.) desenvolvidas no tempo e no espaço do festival. O impacto pode ser medido pelo alcance dos efeitos destes eventos a nível interno (lugar onde se realizam – cidade, concelho, região) e na programação e ocorrência de eventos semelhantes.

Assim, as repercussões endógenas podem incidir no desenvolvimento do campo da produção musical, na divulgação de novos projetos, na fidelização de públicos ou no seu reconhecimento regional, nacional ou internacional. Num espectro exógeno podem ter efeitos nas comunidades, na sua economia local e no desenvolvimento de programas formativos ligados ao som, luz, imagem, receção dos artistas e de aluguer de equipamentos. Estão assim presentes, algumas tendências de intervenção de contexto cultural, no que concerne à organização por projeto e à intensa comercialização dos domínios musicais, essenciais nos setores da produção, da distribuição e da promoção (Abreu, 2004).

Os festivais consistem, também, em importantes canais de evolução musical. Tal constatação é corroborada por Guerra no decorrer da sua pesquisa empírica e nas entrevistas feitas a músicos que consideram que atualmente “os promotores dos festivais são agentes chave na cena musical portuguesa” (Guerra, 2010, p.906). Grande parte das bandas reconhece que a sua participação num festival de média ou de grande dimensão consiste numa importante oportunidade de divulgação, principalmente de bandas ou músicos emergentes. Por outro lado, os festivais constituem importantes palcos de sociabilidades afetivas, muitas vezes ligadas a um consumo de música, mais alternativa e independente, e numa importante ocasião para ver determinados projetos em território nacional.

Alguns casos internacionais, importantes marcos para os amantes da música, constituem referências na génese e desenvolvimento destes eventos. O Woodstock nos Estados Unidos, o Roskild na Dinamarca, o Glastonbury no Reino Unido ou o Primavera Sound em Barcelona, são bons exemplos.

Figura 2.11 – Cartaz festival de Vilar de Mouros de 1971



Fonte: vilapraiaedancora.blogs.sapo.pt (consultado a 3 de agosto de 2012)

Se considerarmos o desenvolvimento histórico dos festivais, podemos dizer que em Portugal o Festival Vilar de Mouros inaugura, a 8 de agosto de 1971, o circuito dos festivais de verão. A sua organização deveu-se a António Barge, um médico e melómano minhoto, e apresentou como cabeça de cartaz Elton John. O Festival foi claramente influenciado pela cultura *hippy* e pelas ideias de paz e de liberdade e pelo Festival Woodstock de 1969. Tratou-se do primeiro festival de música popular, sob um regime ditatorial e sob olhar atento da PIDE. Contudo, a falta de apoios e patrocínios determinou a interrupção do evento até 1982. Neste ano, com o apoio da Câmara Municipal de Caminha e com um orçamento delineado, contou com a participação de grandes nomes internacionais, na altura emergentes, como os U2, os Echo and the Bunnymen e os Stranglers. No entanto, tal não bastou para a sustentabilidade do evento, interrompido novamente pela falta de patrocínios que o viabilizassem financeiramente. Volta em 1996 com uma organização a cargo de uma produtora, que consegue um patrocinador, o que permitiu perspetivar reedições mais regulares²⁴.

Outro exemplo importante, da dinâmica dos festivais de verão, consiste no festival Paredes de Coura. O festival nasce em 1993 na praia fluvial do Tabuão, na vila de Paredes de Coura, e resulta da iniciativa de um grupo de jovens movidos de idealismos e da vontade de desenvolver concertos ao vivo na vila. Através da Associação de Incentivo à Cultura Courence, que mais tarde se converte na produtora Ritmos, dão início ao evento que contou com o apoio da autarquia, sempre bastante

²⁴ Ver o artigo “Vilar de Mouros. O Woodstock à portuguesa faz 40 anos”, disponível em www.ionline.pt

recetiva, o que determinou o crescimento sustentável de um festival que viria a ser considerado pioneiro em Portugal²⁵.

O festival foi crescendo progressivamente a vários níveis. Nos dois primeiros anos de existência consistia em apenas um dia de atuações e só posteriormente foi aumentando a sua duração - primeiro para dois dias e mais tarde para três e quatro dias – consolidando e tornando-se numa referência internacional. É considerado como um festival único, não só pela natureza que o envolve, como também pela sua programação classificada como ousada, diversificada e coerente. Este evento sempre apostou na experimentação de artistas, sendo o festival que mais estreias apresentou em Portugal, tornando o festival um importante começo para nomes menos conhecidos, pertencentes à esfera alternativa (Guerra, 2010). De facto, a sua programação consiste em projetos de *rock* independente, aposta que resulta da combinação dos gostos pessoais dos seus responsáveis com a atualidade do panorama musical, aliada à disponibilidade das bandas em *tournee*.

Assim, a partir do exemplo de Vilar de Mouros, assistimos na década de 90 do século XX, ao aparecimento de eventos análogos com características mais ou menos urbanas e mais ou menos posicionados em determinados subgéneros musicais. Seguindo a abordagem de Paula Guerra, podemos dizer que na atualidade se regista um padrão de territorialização dos festivais pautado pela notória concentração de eventos nos maiores núcleos urbanos – Lisboa e Porto – em particular. A par disso, confirmando os dados do Observatório de Atividades Culturais de 1999, verifica-se uma maior ocorrência na faixa litoral do país, com destaque para a Região Norte onde se evidencia uma relativa expansão para o interior, apesar da quantidade de eventos não ser aqui tão evidente (Guerra, 2010; 2012).

Descortinando melhor os dados, apreendemos que a Grande Lisboa, o Grande Porto e a Península de Setúbal são os locais onde têm lugar um maior número de eventos (Guerra, 2010, p. 910). Um olhar mais micro mostra que a maioria acontece nas cidades de Lisboa e do Porto, mas também nas áreas urbanas circundantes das duas cidades. A sul selecionamos dois casos: Cascais e Barreiro. No primeiro destacamos o

²⁵ O *Estudo de Oportunidades de Desenvolvimento, Investimento e Emprego para o Concelho*²⁵, redigido pela Município, demonstra a importância da Associação organizadora para a promoção do concelho. O mesmo relatório enuncia também que a Associação “...lançando mãos ao projeto do Festival de Música Moderna (...) contribui para radicar no concelho um grupo de jovens qualificados, com capacidade de organização e gestão de programas culturais e um potencial de inovação significativo.”

festival Cascais Music Festival, um dos eventos realizados na cidade par de outros festivais como o Festival Musa Cascais e o Festival Remember Cascais. Evento organizado pela produtora Everything is New, realiza-se no mês de julho, durante onze dias, no Hipódromo Manuel Possolo. Este ano contou com a presença de grandes nomes de vários géneros musicais: Pink Martini, Erykah Badu, Mariza, Anthony and the Johnsons, entre outros²⁶. No Barreiro acontece o Barreiro Rocks, um festival *garage rock* que surgiu em 2000, através do apoio da autarquia e da organização da Associação Cultural Hey, Pachuco! Trata-se de uma referência a nível nacional e internacional da cena *garage rock*, cena musical característica da cidade do Barreiro e de muitos projetos como Nick Nicotine²⁷.

Tabela 2.1 – Distribuição da frequência de eventos por região

Regiões	Frequência	%
Norte	92	34,85
Centro	47	17,80
Lisboa	98	37,12
Alentejo	15	5,68
Algarve	9	3,41
Região Autónoma dos Açores	2	0,76
Região Autónoma da Madeira	1	0,38
Total	264	100

Fonte: MUSICULT (In Guerra, 2010)

A Norte do país destacamos a cidade de Santa Maria da Feira e o Festival Para Gente Sentada, festival de música dedicado apenas a cantautores, que se realiza durante o mês de fevereiro ou março, no Cineteatro António Lamoso, apoiado pela autarquia através da empresa autárquica Feira Viva e organizado pela produtora Ritmos²⁸, bem

²⁶ Consultar: www.festivaisdeverao.com; www.cascaismusicfestival.pt (consultados a 10 de agosto de 2012)

²⁷ Ver em: www.barreirorocks.org/; www.facebook.com/nicknicotine (consultados a 10 de agosto de 2012)

²⁸ Ver em: www.facebook.com/pages/RITMOS-Lda/136864019660731; www.ritmos.biz (consultados a 10 de agosto de 2012)

como o Festival Milhões de Festa em Barcelos, caso que pretendemos analisar mais pormenorizadamente.

Figura 2.12 – Concerto de Fast Eddie & The River Side Monkeys, no festival Barreiro Rocks 2010



Fonte: www.facebook.com (consultado a 10 de agosto de 2012)

Importa também referir os locais onde decorrem estes eventos, ou seja o tipo de estruturas e recintos que os albergam. Os dados apresentados na Tabela 2.2 revelam que são os recintos ao ar livre os que apresentam maiores valores, seguidos dos bares e discotecas. Tal prende-se com a forma de rentabilização das belezas naturais do nosso país “altamente associada às perspetivas que leem este tipo de eventos como fatores que potenciam o desenvolvimento económico local – união da beleza natural às dinâmicas musicais e ao seu potencial turístico e consequente mente económico” (Guerra, 2010, p.912).

Após 2004, com a explosão do número destes eventos, verificamos um padrão que se vem intensificando ao longo do tempo (Guerra, 2010). Os festivais são eventos de curta duração (três a cinco dias), realizam-se principalmente na época estival, nos meses de junho, julho e agosto, embora se assista uma certa fuga aos ritmos sazonais e

um prolongamento para os meses de inverno²⁹. Ocupam maioritariamente lugares que aliam a natureza e a música em recintos ao ar livre (praia, praia fluvial, montanha e cidade)³⁰. São a grande tendência dos concertos de música popular e quantificá-los é, neste momento, uma tarefa complicada devido ao surgimento de novos eventos.

Tabela 2.2 – Distribuição dos eventos por espaços de realização

Tipo de Local	Frequência	%
Bares e Discotecas	65	20,77
Teatros/ Cinemas/ Casas da Juventude	46	14,70
Centros Culturais e Centros de Espetáculos	27	8,63
Pavilhões Gimnodesportivos	18	5,75
Estádios	10	3,19
Recintos ao ar livre	88	28,12
Museus/ Edifícios Históricos	18	5,75
Parques de Exposições / Centros de Congressos	9	2,88
Outros	32	10,22
Total	313	100

Fonte: MUSICULT (In Guerra, 2010)

.Figura 2.13 – Concerto de Niki & The Dove no Festival Vodafone Mexefest, Porto



Fonte: Ana Farinha, março de 2012

²⁹ O Festival Vodafone Mexefest, que se realiza nas cidades de Lisboa e do Porto, decorre nos meses de dezembro e março, é um dos vários eventos organizados pela produtora Música no Coração. Consiste num exemplo que rompe com o habitual *layout* dos festivais de música *pop rock*, não só pelas datas de agendamento, como pelos espaços (vários espaços das cidades – salas de espetáculos, garagens, cafés e lojas – que levam o espetador a efetuar um itinerário na cidade).

³⁰ O Festival de Paredes de Coura trata o melhor exemplo dessa união. Organizado pela produtora Ritmos, decorre no mês de agosto, na praia fluvial do Tabuão. O recinto é dotado de um anfiteatro natural, rodeado por um intenso arvoredor.

Importa também referir que estes são frequentados por jovens que encontram na música e nestes eventos, propriamente ditos, a fuga aos problemas do dia a dia e um sentimento de coesão e de grupo.

Assim os festivais de música, através dos diferentes atores que estruturam as suas cenas, consistem nos maiores eventos de música popular em Portugal.

2.5 – Festivais de música, um condimento para o cartaz turístico da época balnear

A partir do século XIX, segundo as palavras de Corbin, assiste-se a “uma necessidade de elaborar novas lógicas do tempo”(1995, p.6). A clara mudança na sociedade do pós-guerra induz ao desejo de um tempo próprio “regido pelo prazer (...) realização de si com espontaneidade: satisfação temporal que implica esquecer o tempo para criar e dominar o tempo próprio” (Ibidem, p.14). Desenvolve-se então uma moral do prazer, “fun morality” (Ibidem, p.7).

A nova disponibilidade coletiva dita também a importância da atividade turística na sociedade contemporânea. O turismo passa a desempenhar um importante papel enquanto gerador de riqueza, capaz de contribuir para o desenvolvimento regional, nacional e mesmo mundial. Assim, temos do lado da procura os fluxos populacionais em determinadas alturas do ano, e do lado da oferta as atrações (recursos naturais e culturais, atividades desportivas ou de animação), os transportes e acessibilidades, os equipamentos e serviços turísticos e a promoção.

Em Portugal um dos principais territórios turísticos são as praias, principalmente, as do Algarve. De facto a qualidade da nossa orla marítima meridional, no que se refere às condições naturais para o acolhimento de veraneantes (condições físicas e climáticas), é sem dúvida superior às oferecidas por outros países europeus. Contudo, as ofertas turísticas nacionais têm-se diversificado, ofertas essas que até há poucas décadas atrás estavam reservadas a formas não massificadas de turismo, como o caso do turismo cultural. Presentemente, verificamos novas formas de massificação no turismo cultural, como afirma João Sarmiento,

“As artes plásticas, as artes de palco, a arquitetura, o património urbanístico, a arqueologia, a antropologia, a ciência e a música, entre muitos outros interesses, tornaram-se alvo da atenção de um grande número de pessoas, e fazem parte de uma economia cultural com complexos valores simbólicos.” (2007, p. 6)

Estas novas formas de turismo cultural constituem também importantes investimentos do poder local. A partir do exemplo apresentado por Natália Azevedo (2007), comprovamos que nas atuais políticas culturais encontramos múltiplas dimensões de relação entre a cultura e o poder. Com efeito, a autora comprova que, nos últimos dez anos, os municípios têm protagonizado vários projetos e práticas de investimento político no campo cultural, que se enquadram nos cenários recentes do desenvolvimento de políticas culturais em Portugal e no protagonismo social e político das práticas culturais, observadas na sociedade portuguesa.

Os dados estatísticos, referentes a atividades culturais, evidenciam um alargamento das atividades performativas e uma maior participação por parte dos públicos, bem como, um aumento das despesas em cultura nas autarquias (dados de 2009)³¹. Assim, registam um posicionamento da cultura no centro das discussões política, social e económica. Com efeito, a cultura é simultaneamente um recurso, um produto e um resultado.

Alguns fatores ajudam a perceber esta mudança: a democratização do ensino e o alargamento da escolaridade que permitem uma formação cultural mais ampla; o aumento da mobilidade que alarga a condição de turista a diversos estratos sociais; as novas tecnologias e a consequente divulgação e mediatização dos produtos e práticas culturais; e as novas práticas sociais contemporâneas que incentivam o consumo cultural.

Deste contexto resulta também algumas decisões de apoio e incentivos do poder central como as referidas no Plano Estratégico Nacional de Turismo (2007),

“ É necessário promover a nível nacional um calendário de 10 a 12 eventos de projeção internacional. As prioridades de financiamento serão para os eventos que tragam grande projeção internacional ou que assegurem a requalificação da oferta. Refira-se ainda que as regiões com maior peso no Turismo deverão ter mais eventos de referência” (PENT, 2007, p.6)³².

Com prioridade para os seguintes temas: cultura, música desporto, religião e feiras profissionais. Assim é indispensável ”organizar um calendário de animação local nas zonas turísticas, devidamente promovido na internet que integre eventos de cultura,

³¹ Ver portal do Instituto Nacional de Estatística, publicação de Estatísticas da Cultura (www.ine.pt, consultado a 1 de setembro de 2012)

³² Documento disponível no sítio oficial do Turismo de Portugal (www.turismodeportugal.pt, consultado em junho de 2012)

música, (...) para garantir um nível de animação mínimo ao longo do ano. O objetivo é construir um calendário de animação local preenchido, que permita enriquecer a experiência do turista e aumente a atratividade do destino para o organizador de Turismo de Negócios” (PENT, 2007, p.95).

Relembramos igualmente outras políticas públicas neste domínio, como os já referidos Despacho Normativo nº 10/97, de 27 de fevereiro e Despacho Normativo nº 61/98, de 1 de setembro e a consequente atribuição ao estado central das competências de dinamização dos ambientes culturais locais.

Desta forma, a promoção das regiões, cidades ou vilas tem sido um aspeto maioritariamente público ou semipúblico, com atenção particular aos benefícios sociais gerados por estas práticas e a consequente promoção do lugar, baseada nos princípios de mercado. Gera-se, assim, a competição cultural que se tem verificado nos últimos anos entre as cidades. Na opinião de Carlos Fortuna (1997), trata-se de uma “destraditionalização” dos núcleos urbanos, efeito da descentralização política e da crescente autonomia das autarquias. Cada cidade revaloriza os seus recursos num mercado de concorrência entre cidades, assumindo a importância das dinâmicas culturais no desenvolvimento dos concelhos e na imagem que pretendem transmitir para o exterior. Consequentemente, a proliferação de eventos culturais, como por exemplo os festivais de música, foi favorecida não só pelas tendências da procura de atividades culturais, mas também, pelo crescimento da oferta (Abreu, 2004). A celebração de eventos culturais constitui, portanto, uma estratégia efetiva de diversificação da oferta turística de modo a captar novos segmentos da procura e renovar o interesse de visitantes já habituais.

O turismo pode explicar todavia, nos anos mais recentes, o rápido crescimento do número de festivais em Portugal que podem ser colocados em paralelo com argumentos da educação, contemplação e integração cultural. Há hoje, claramente, a tentativa de explorar estes eventos em termos comerciais e turísticos e de os constituir, deliberadamente, como atrações turísticas. Para o sucesso destas iniciativas revela-se fundamental a coordenação e colaboração entre os agentes, quer públicos, quer privados, sem esquecer o papel dos residentes do território em causa. A conciliação dos interesses de todos, bem como a sua participação ativa, fundamental para a tradução da atividade turística em desenvolvimento local (Rivero, 2009).

Ciente desta importância das atividades culturais no desenvolvimento local está a própria Organização Mundial de Turismo (2004) ao referir que um número

considerável de pessoas viaja sob o pretexto cultural, motivado por aspetos culturais como monumentos, artes performativas ou festivais (Petiting, 2008, p.14). Assim, podemos afirmar, que muitos turistas são atraídos para determinados locais, não só pelas belezas naturais e monumentais, como também para participar em *happenings* culturais, como é o caso dos festivais que têm sido crescentemente vistos como atrações turísticas únicas, capazes de influenciar a imagem de um destino. O turismo de festivais consiste então, numa importante “subcategoria” do turismo cultural, devido ao constante aumento da procura de eventos de música popular das últimas décadas (Nurse, 2001).

Neste caso concreto dos festivais, existe, de facto, uma grande variedade de tipos.

“Alguns festivais concentram-se apenas numa forma de arte. Outros incluem atividades em muitas formas de arte. Para além de quase todos os géneros de música, existem festivais de dança, drama, cinema, literatura, poesia, marionetas, etc. e um sem número de combinações inovadoras de formas de arte. De facto a diversidade de festivais é tão grande que há muito de verdade num comentário de um membro da organização de um festival que refere que a única coisa que têm em comum é o título «festival»!” (Gratton e Taylor, 1995, p.226).

Em Portugal com a chegada da época estival assinala-se o início da temporada dos festivais de música de verão. Durante dois meses registam-se artistas e atrações internacionais para todos os gostos, idades e perfis, dos betos aos metaleiros, dos roqueiros aos adeptos de música eletrónica e alternativa.

Cada festival está produzido e vocacionado para determinado público-alvo e oferece a possibilidade de ver várias bandas numa só noite pelo preço de um bilhete. Seja junto à praia ou na cidade, aposte no *reggae* ou no *rock*, este género de eventos reúne argumentos suficientes para atrair todos os anos milhares de pessoas a estes recintos ao ar livre. Assim, de acordo com um artigo da revista *Única*,

“se é urbano, tem trinta anos, ouve a rádio Radar e gosta de *rock* entre o comercial e alternativo o melhor é apressar-se e reservar bilhetes para o Super Bock Super Rock (...) se por outro lado prefere música tropical não hesite em comprar o passe de três dias para o Festival Delta Tejo. Se procura algo mais calmo, tranquilo, entre o *jazz*, o *pop* e o fado, então o Cool Jazz Fest é talvez a opção acertada...” (*Qual é o teu festival?*. Revista *Única*, p.34)

Figura 2.14 - Concerto de Battles no festival Paredes de Coura 2011



Fonte: www.tvi24.iol.pt (consultado a 11 de agosto de 2012)

Apesar da diversidade, todos partilham uma característica comum: a intensidade da produção artística concentrada no tempo e delineada com objetivos bem definidos - géneros e subgéneros musicais e público a atingir.

Figura 2.15 – Concerto Atlas Sound no Festival Optimus Primavera Sound 2012



Fonte: www.facebook.com (consultado a 11 de agosto de 2012)

Com efeito, os festivais de música de verão têm multiplicado e vêm conquistando cada vez mais adeptos. Tomemos em conta o exemplo de Paredes de Coura, apresentado pela revista Blitz,

“Paredes de Coura espera 80 mil espectadores este ano. Aumenta na venda de bilhetes faz crer uma enchente. Um espectador de Paredes de Coura equivale a três dos outros, diz a Ritmos” (Blitz, 30 de julho de 2008).³³

A mesma reportagem refere também um aumento de 25% na venda de bilhetes, em relação ao ano anterior (2007), bem como uma subida de 40% nos bilhetes comprados em Espanha. Efetivamente, este género de eventos tem cativado um número cada vez maior de participantes mas registam-se algumas limitações. A dependência dos mercados locais e regionais e a sazonalidade destes eventos nem sempre se traduzem em impactes económicos positivos para a população recetora. Esta enfrenta também situações incómodas, como congestionamento e sobre utilização de infraestruturas, em momentos concentrados no tempo (Sarmiento, 2007, p.11-12). Alguns excertos, da notícia publicada pelo jornal Diário de Notícias (agosto de 2011), traduzem a preocupação do autarca da Zambojeira do Mar, acerca do impacto do Festival Sudoeste TMN

“...se houvesse mais que um entrávamos em falência...”

“...se houvesse um festival em Abril, Maio ou Junho, os comerciantes ficavam felizes da vida. Agora a meio de Agosto, eles entram em stress com muita facilidade.”³⁴

De forma a rendibilizar os investimentos feitos e garantir um longo ciclo de vida dos eventos, importa incorporar os festivais na oferta turística global do município ou do território em causa. Só assim se pode gerar um produto integral que permita oferecer mais e melhores serviços ao turista/ festivaleiro. Pois, na atualidade, os festivais de música constituem um veículo e motor da dinamização e diversificação económica local. Tal afirmação é comprovada pelas palavras de Rui Rio, Presidente do Município do Porto, aquando da realização do Festival Optimus Primavera Sound, em junho de 2012.

“A oportunidade de ter na cidade do Porto um festival de música tão emblemático e conceituado como o Festival Optimus Primavera Sound significa mais um passo relevante

³³ Ver em www.blitz.aeiou.pt (consultado a 8 de julho de 2012)

³⁴ Ver em www.dn.pt (consultado a 16 de agosto de 2012)

no caminho que a cidade tem vindo a percorrer, com sucesso, na afirmação da marca e destino do Porto no contexto nacional e internacional.” (Rui Rio, programa do festival Optimus Primavera Sound, p.12).

Capítulo III – *All together now!* Os Festivais Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa

“One two three four
Can I have a little more
Five six seven eight nine ten
I love you
A B C D
Can I bring my friend to tea
E F G H I J
I love you
Bom bom bom bompa bom
Sail the ship Bompa bom
Chop the tree bompa bom
Skip the rope bompa bom
Look at me

All together now
All together now
All together now”
(All Together Now, Beatles)

A investigação conduzida até ao momento, tenta estabelecer e interpretar a relação entre as novas culturas juvenis e os espaço de produção, interpretação e divulgação musical, nomeadamente, nos contextos de música ao vivo e festivais de verão, através das ações e discursos dos seus diferentes atores. O presente capítulo pretende identificar todas as questões teóricas tratadas em dois casos reais.

Os festivais Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa constituem dois exemplos antagónicos e análogos na esfera dos festivais de música de verão em Portugal. Estes concretizam-se em dois espaços geográficos distintos (Porto e Barcelos), tanto em localização como em dimensão, mas identificam-se pelas suas programações *indie* e *rock* alternativo, bem como pelos recintos ao ar livre em contextos urbanos. Para melhor metodizar os dois contextos, sistematizamos a análise qualitativa dos dois festivais através da observação dos diferentes atores e universos e da realização de entrevistas a participantes, artistas, promotores e patrocinador. Este estudo pretende, assim, ilustrar as motivações da deslocação, a importância dos concertos ao vivo, o cuidado da programação e a associação de uma grande marca a este tipo de eventos. São

assim identificados os vários jogadores das cenas musicais, bem como as extensões locais, translocais e virtuais que trataremos mais à frente.

3.1 – Análise qualitativa de conteúdos

Para recolher dados sobre os visitantes e outros intervenientes nos festivais Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa optamos por observação direta no terreno (Anexo 1) e por entrevistas (Anexos 2, 3 e 4). A observação feita pretende ilustrar o ambiente cultural dos festivais, a visualização dos palcos e concertos, e também as interações dos atores sociais através do seu vestuário, envolvimento nos concertos e perfis genéricos (visualização da mancha e identificação de géneros e de idades).

Para a construção dos estudos de caso, que ilustram a presente dissertação de mestrado, participámos no Festival Optimus Primavera Sound, nos dias 7, 8, 9 e 10 de junho de 2012, onde entrevistámos 18 espetadores, 3 músicos, 1 promotor e o principal patrocinador, bem como, no Festival Milhões de Festa onde comparecemos, no dia 21 de julho de 2012, e entrevistámos 19 participantes, 2 músicos e 1 promotor.

A definição destes objetos não é aleatória, pretende elucidar sobre duas realidades no contexto de festivais de música, uma mais macro que envolve um grande número de espetadores, cerca de 25.000 festivaleiros por dia, e outra mais micro, destinada a um nicho de amantes de música.

As observações e entrevistas pretendem, assim, ilustrar a produção e o envolvimento dos diferentes atores que compõem as cenas musicais, que sistematizaremos no último capítulo do presente trabalho.

3.2 – Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa “ao vivo e a cores”

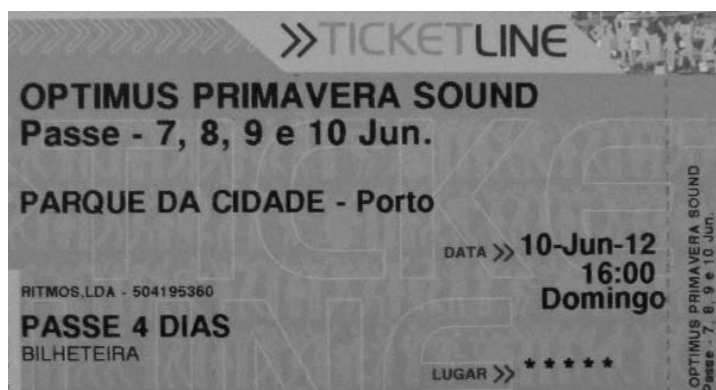
Em Portugal, nas últimas décadas, verificam-se algumas mudanças no contexto socioeconómico que têm desenvolvido determinados dinamismos culturais, como: o aumento da esperança média de vida, a reforma e o consequente aumento do tempo livre, a redução do tempo de trabalho e as férias pagas e repartidas³⁵, a maior sensibilidade para questões do património cultural e natural e o desenvolvimento do segmento de turismo cultural. Presentemente, as ofertas de turismo cultural procuram outros espaços territoriais para novos consumos culturais associados à interpretação e fruição de bens patrimoniais e ao gozo e relação com as áreas artísticas, nomeadamente

³⁵ Resultado da legislação sobre o trabalho, pós- revolução industrial (Corbin, 1995)

as artes do espetáculo e as artes visuais. Neste sentido, o turismo cultural reflete as novas culturas emergentes, nos domínios da arquitetura, da moda e da música.

No entanto, o panorama destes bens e serviços culturais e artísticos é condicionado por condições exógenas, de foro económico e social. Em Portugal, um país de contrastes, verifica-se um acesso mais frequente a objetos culturais, e um maior entendimento desses objetos nos grandes centros urbanos (Lisboa e Porto), facilitado pelas novas potencialidades da internet e das redes sociais. Neste âmbito, importa referir que os protagonistas deste universo são, consequentemente, as novas classes urbanas e as gerações mais jovens. No caso específico da música, esta constitui um dos cenários culturais onde rapidamente se verificou a massificação do consumo (Abreu, 2000).

Figura 3.1 – Passe de 4 dias para o Festival Optimus Primavera Sound



Fonte: www.bragacity.olx.pt (consultado a 12 de agosto de 2012)

Como se referiu anteriormente, a *performance* ao vivo constitui uma referência fundamental para os amantes de música. Os concertos ao vivo de música popular – *rock*, *jazz*, etc. – estão muitas vezes associados a grandes produções realizadas em salas consagradas ou em espaços abertos, como estádios de futebol, arenas e recintos de festivais. Esta articulação entre espaço e *performance* consiste numa das pertinências do estudo dos festivais de verão. Para melhor a ilustrar será feita uma análise recorrendo ao historial de dois festivais, Optimus Primavera Sound 2012 e Milhões de Festa 2012.

O Festival Optimus Primavera Sound nasce no dia 7 de junho de 2012, durante a tarde, no Parque da Cidade do Porto. Tal acontecimento regista o primeiro Primavera Sound fora de Barcelona e o começo de um evento que conta com 60 bandas de música alternativa, em áreas como o *rock*, a *pop* e a eletrónica.

“Porto. Ano Zero. Optimus Primavera Sound. Edição 1. O verdejante cenário do Parque da Cidade, com cheiro a maresia, e os ícones arquitetónicos Casa da Música e Mercado Ferreira Borges (HardClub) acolhem a edição de estreia do irmão mais novo do festival de música que nasceu, há 12 anos, em Barcelona.

The Rapture, Atlas Sound, The War On Drugs, Neon Indian, M83, Beach House, Spiritualized, The Afghan Whigs, The Weeknd, Washed Out, The xx, The Olivia Tremor Control e os portugueses Linda Martini, We Trust, Best Youth, You Can't Win, Charlie Brown e ainda Gala Drop são momentos a não perder no regresso do Porto aos grandes festivais (mais de duas décadas após a estreia do Festival Imperial), para além, obviamente, e porque se trata de um festival de programação, muitos outros para descobrir.” (Pedro Vasco Oliveira, 7 de junho de 2011)³⁶.

O Festival Primavera Sound de Barcelona constitui uma referência internacional nos festivais de música, e defende um compromisso de divulgação de bandas há mais de uma década. Para a organização o comprometimento musical é mantido cada ano com os seus espetadores, através das experiências de concertos únicos. Nos últimos anos assistimos à extensão do evento, primeiro com a realização de dois festivais de inverno, Primavera Club de Madrid e de Barcelona, e seguidamente os eventos em Portugal, Optimus Primavera Sound no Porto e o Primavera Club em Guimarães (dezembro próximo).

“Primavera Club, versão outonal do Primavera Sound, em Guimarães

Evento confirmado para final do ano. À venda estão também passes VIP para Optimus Primavera Sound 2013. Conheça as datas.

O Primavera Club, evento associado ao Primavera Sound, realiza-se pela primeira vez em Portugal no final do ano. Guimarães é a cidade que vai receber o Primavera Club, de 30 de novembro a 2 de dezembro. De 5 a 19 de dezembro, o Primavera acontece em simultâneo em Madrid e Barcelona. Os bilhetes para as três edições estão à venda em breve.” (Rita Carmo)³⁷

Todos os meios de comunicação consideram o festival Optimus Primavera Sound único, não só pelo espaço natural em que tem lugar, mas também pela sua intensa programação, classificada como ousada, diversificada e coerente. Este festival, como a edição de Barcelona, constitui um espaço de experimentação de artistas e de

³⁶ Ver em www.ptjornal.com (consultado a 13 de agosto de 2012)

³⁷ Ler mais em: <http://blitz.sapo.pt/primavera-club-versao-outonal-do-primavera-sound-em-guimaraes=f82110#ixzz26GOycUeW> (consultado a 13 de agosto de 2012)

conceitos novos. Neste sentido, a possibilidade de atuação no festival, bem como em outros eventos da marca Primavera Sound, tornou-se sinónimo de sucesso posterior, ou seja, o festival constitui uma rampa de lançamento de nomes menos conhecidos, pertencentes à esfera dita alternativa, que mais tarde são conhecidos por um conjunto alargado de pessoas, colocando em questão o seu carácter alternativo e contribuindo para a sua posição no espaço mais *mainstream*.

“Relativamente a outros festivais tem pouco a ver, aqui há poucos nomes do *mainstream*, havia a Bjork mas cancelou...”

(Entrevista 4, Públicos, Masculino, 43 anos, Jornalista, Licenciatura, Porto)

Este festival é um festival com vários festivais. A programação está distribuída por quatro palcos diferentes localizados no interior do Parque da Cidade³⁸. O palco principal tem o nome de Optimus e partilha os nomes maiores do cartaz com o palco Primavera. O palco ATP³⁹ é comissariado pela promotora All Tomorrow Parties, criadora de eventos homónimos, e o Palco Club combina novas bandas de aclamado sucesso para se centrar, nas últimas horas, nos principais *djs* e concertos onde a dança é obviamente o denominador comum.

“Aqui está bem organizado, há uma ótima sequência de concertos, consegues encontrar ambientes mais íntimos, como o Palco ATP que permite ver atuações mais pequenas e mais intimistas. O recinto é mais pequeno, maior concentração”

(Entrevista 39, Músicos, Masculino, 35 anos, Investigador e Músico, Doutoramento, Lisboa)

O artista João Paulo Feliciano ficou encarregue de assumir a direção cénica da primeira edição do festival. O seu projeto representa um fator diferencial, fazendo da estética um dos principais atributos do Festival. Trata-se de um cenário *clean* sem repetição de logótipos e poluição de lonas dos diversos patrocinadores

³⁸ A localização escolhida para o Optimus primavera Sound é o Parque da Cidade, um parque urbano com as características ideais para a realização deste evento. O Parque da Cidade é o maior parque urbano do país (83 hectares), tem uma localização privilegiada junto ao mar, está perfeitamente enquadrado na cidade e é de muito fácil acesso.

³⁹ Em 1999, Barry Hogan organizou, juntamente com a banda escocesa Belle and Sebastian, um evento chamado “Bowie Weekender” com o intuito de juntar algumas das suas bandas preferidas e amigos durante um fim de semana, em Camber Sands. Esta iniciativa estruturou as bases para que, em abril de 2000, nascesse o primeiro festival ATP. (www.atpfestival.com)

Figura 3.2 – Palco ATP



Fonte: www.facebook.com (consultado a 13 de agosto de 2012)

Figura 3.3 – Palco Optimus



Fonte: www.facebook.com (consultado a 13 de agosto de 2012)

Figura 3.4 – Recinto do festival Optimus Primavera Sound



1. PALCO ATP 2. PALCO PRIMAVERA 3. PALCO OPTIMUS 4. PALCO CLUB 5. ENTRADA

Fonte: <http://optimusprimaverasound.com/recintos> (consultado a 13 de agosto de 2012)

Ao contrário de outros festivais de verão, como o Sudoeste, a música é o principal conteúdo do festival Optimus Primavera Sound e o objetivo primordial por parte daqueles que o procuram e que facilmente o veem como uma marca de qualidade.

“Eu não vou a um festival por um conceito, vou pela música, vou lá porque o cartaz me interessa, porque têm bandas que conheço e que me interessam, outras que não conheço e que me levam a pesquisar (...) coisa que gosto muito num festival é andar com o programa e identificar as bandas a tocar e ficar a ouvir, foi com este espírito que fui para o Primavera Sound de Barcelona...”

(Entrevista 1, Públicos, Masculino, 32 anos, Designer, Licenciatura, Coimbra)

A linha de programação definida pela promotora Pic – Nic S.A.⁴⁰ está bastante definida, resulta da configuração atual do panorama musical, sempre atendendo às bandas que participam no Primavera Sound de Barcelona.

“Nós somos o filtro da programação de Barcelona (...) A ideia é que o Primavera tenha a mesma linguagem e a mesma linha de programação, a ideia é ser um festival gémeo ...”

(Entrevista 45, Promotores, Masculino, 40 anos, Promotor Pic Nic/Ritmos, Licenciatura, Porto)

⁴⁰ A promotora Pic Nic SA nasce aquando do Festival, reúne membros da promotora Ritmos (responsável pela produção de outros festivais de música em Portugal) e membros da organização espanhola do primavera Sound.

A promotora dá especial atenção à contratação e produção artística, sem outro compromisso que não a qualidade e novidade dos espetáculos selecionados, centrados nos artistas. A aposta recai em *rock* independente, *pop rock*, *metal* e em interpretações mais experimentais, sempre em projetos musicalmente atraentes e de grande qualidade, capazes de gerar emoções no público, logo no primeiro dia de concertos.

Optimus Primavera Sound, 7 de junho de 2012

Final do primeiro dia de concertos, entrada da última banda da noite os The Rapture, que apesar do curto concerto, foram explosivos e dançantes, transformando o Palco Optimus numa enorme pista de dança.

Antes já os The Drums tinham agitado o público. A banda interpretou uma série de temas que provocaram no público os primeiros grandes momentos de euforia, agitando-se, cantando e dançando.

A quantidade de público estrangeiro é enorme, sendo raro ouvir português entre os grupos de festivaleiros. Audiência muito heterogênea, muito equilibrada em termos de géneros e primando pelo vestuário apurado e alternativo, bem diferente do que costumamos ver em outros festivais.

Diário de campo, Ana Farinha

Concertos constituem espaço de interação entre o espetador e a música, protagonizada por *performers* mais ou menos entusiasmantes. Verificamos então que não faltou espetadores, por exemplo, nos excêntricos Flaming Lips que apresentaram um espetáculo aparatoso, com bolas de espelhos, jovens eufóricas, *confetti* e a habitual performance do cantor Wayne Coyne a circular por cima do público dentro de uma bola. Um êxtase diferente, mas igualmente eufórico, regista-se também nos concertos dos americanos Black Lips e Thee Oh Sees. Para visões mais clássicas do *rock* alternativo apareceram também os Yo La Tengo e os Wilco com a sua música de raiz *country* e *folk* misturada com *rock*.

Existe aqui, juntamente com a música, a vontade de interagir com o outro. A partilha do gosto por determinadas bandas é motivo para estabelecer novas relações. Neste sentido, surgem novos aspetos de sociabilização assentes em gostos similares ou não, e na partilha de experiências.

“Creio que o que determina um bom festival é, principalmente, as pessoas que vão para ver e ouvir música e não aqueles a quem os concertos são indiferentes.”

(Entrevista 2, Públicos, Masculino, 34 anos, Topógrafo, Licenciatura, Pontevedra)

“O ambiente é muito bom as pessoas também (...) tem muitos estrangeiros e notas que não aplaudem e nem gritam.”

(Entrevista 7, Públicos, Feminino, 21 anos, Estudante, Frequência ensino superior, Lisboa)

Figura 3.5 – Concerto de Flaming Lips, no dia 8 de junho



Fonte: www.ptjournal.com (consultado a 13 de agosto de 2012)

Optimus Primavera Sound, 8 de junho de 2012

No Palco ATP, local intimista rodeado de intenso arboredo, os Shellac foram autores de um concerto duro e pujante, num registo mais agressivo, de som duro e reconfortante.

Horas antes no Palco Club, os também norte-americanos Black Lips realizavam um agitado concerto, perante uma tenda repleta de gente sedenta pelo som enérgico e explosivo. E assim foi, *rock'n'roll* com alguns contornos de *pop* polida, que em muito agradou aos presentes. O dia termina com os M83 que transformaram rapidamente a plateia numa pista de dança, numa atuação que pecou por demasiado breve (45 minutos apenas), que não impediu a reação frenética do público ao som do tema *Midnight City*.

Diário de campo, Ana Farinha

Não podemos avaliar a evolução do cartaz ou do nível organizativo, já que se realiza pela primeira vez, podemos apenas encontrar algumas semelhanças e diferenças em relação a outras ofertas nacionais.

“A diferença entre este festival e os outros é o cartaz, muito mais alternativo, os outros são muito mais pensados nas massas (...) O Primavera Sound aposta em bandas que estão a começar a sua carreira...”

(Entrevista 14, Públicos, Feminino, 28 anos, Bióloga, Mestrado, Coimbra)

“Este é um festival urbano mas acho mais parecido com Paredes de Coura, é um bocado a mesma onda.”

(Entrevista 9, Masculino, 32 anos, Biólogo, Doutoramento, Barcelona)

“Acho que este festival é uma coisa que fazia falta em Portugal, com cartaz de música alternativa, que traz novas bandas.”

(Entrevista 8, Masculino, 20 anos, Estudante, Frequência Ensino Superior, Oeiras)

Optimus Primavera Sound, 9 de junho de 2012

No último dia de concertos no Parque da Cidade, a chuva apareceu e forçou mesmo o cancelamento de duas atuações, para além de que foi bastante complicado para os resistentes e corajosos enfrentarem as condições meteorológicas que se fizeram sentir. Chuva miudinha, deixou toda a gente molhada e o terreno bastante enlameado. Vislumbra-se por todo o recinto as cores dos impermeáveis e dos chapéus de chuva.

Destaque para as atuações de Dirty Three, de Warren Ellis, companheiro de muitos projetos de Nick Cave, e ainda dos Wavves, que com o seu som intenso e agressivo granjearam grande êxito junto de quem escolheu os Palcos ATP e Club.

Diário de campo, Ana Farinha

Como indica a denominação do festival, a Optimus é o principal patrocinador. A associação ao mais importante festival de música do mundo permite à Optimus consolidar a estratégia de apoio à música. Esta estratégia que tem vindo a ser implementada desde o início da Optimus manifesta-se através de vários projetos de diferentes dimensões e sonoridades, como o festival Optimus Alive, a D'Bandada, o Optimus Clubing ou as edições dos Optimus Discos. A Optimus é o operador de telecomunicações mais associado à música, fruto de uma aposta empenhada e consistente na área, crítica para o posicionamento da marca e para a conquistas de novos públicos.

“Em Portugal, a música tem hoje um papel emocional enorme, uma marca que trabalhe nesse território tem mais valor, uma marca que se associe ao cinema, por exemplo, o cinema não emociona ninguém, ou dedicada a motos de água também não...”

“O impacto (do festival) é muito positivo e para a marca é positivo pelos motivos menos óbvios, é um produto que vai ajudar a vida das pessoas e esta ligação emocional vai manter-se por muito tempo...”

(Entrevista 46, Patrocinador, Masculino, 35 anos, Diretor de Marketing e Comunicação da Optimus, MBA, Porto)

A par do patrocínio da Optimus, o festival Optimus Primavera Sound conta também com outros parceiros e patrocinadores, dos quais destacamos a Câmara Municipal do Porto, a Galp, a Red Bull e a Santa Casa da Misericórdia.

Contrariamente ao cenário macro do festival Optimus Primavera Sound, aparece o festival Milhões de Festa. Este não se associa a grandes patrocínios, embora mantenha estruturantes parcerias com alguns meios de comunicação – Vice, P3, Canal 180, My Space, entre outros – e marcas de bebidas (Super Bock, Red Bull e Ballentines).

“Este ano temos algumas colaborações com a revista Vice e a Red Bull pela primeira vez com o Red Bull city gang ...”

(Entrevista 44, Promotores, Masculino, 29 anos, Promotor Lovers & Lollipops, Licenciatura, Barcelos)

O Festival Milhões de Festa nasce no início do século XXI, mais concretamente em 2006, no Porto. No ano seguinte desloca-se para Braga e interrompe a programação por alguns anos. Em 2010 reinicia em Barcelos e, desde então, tem vindo a povoar as margens do rio Cávado de *music lovers*.

Figura 3.6 – Cartaz Festival Milhões de Festa 2012



Fonte: www.milhoesdefesta.com (consultado a 17 de julho de 2012)

Todavia, este festival não apareceu com o intuito de assumir-se como tal. Na verdade resulta de uma iniciativa de Joaquim Durães (Fua para os amigos), na altura vislumbrado pelo ano de Erasmus (2004) e pela movida musical que se sentia em

Barcelona e o surgimento de novas bandas, como os Delorean e os El Guincho. Surge aqui a necessidade de transpor esse movimento para o nosso país e assim surge a editora/ produtora Lovers & Lollipops.

“A Lovers & Lollipops que começou por se hobby tornou-se num trabalho. Nessa lógica de um maior profissionalismo, começaram a surgir mais propostas e, em relação ao Milhões, há esse papel preponderante que foi aceitação por parte de uma Câmara Municipal. Um desafio deste tipo, um festival que não é para massas mas para um nicho, e claro que essa ajuda da Câmara alterou o que começou por ser uma brincadeira de amigos para amigos, para algo mais global ou nacional (...) um apoio estatal, institucional ou camarário é super importante para a base destes projetos, de outra forma era impossível”

(Entrevista 44, Promotores, Masculino, 29 anos, Promotor Lovers & Lollipops, Licenciatura, Barcelos)

A Câmara Municipal de Barcelos é, desde de 2010, uma importante interlocutora mostrando-se bastante recetiva. Esta cooperação é determinante para a afirmação e crescimento sustentado de um festival que pode ser considerado único no contexto nacional.

“É uma coprodução nossa e da Câmara Municipal, não há patrocínio de forma disciplinada a Câmara organiza e organiza connosco, há duas equipas de produção uma da Câmara Municipal e outra nossa que trabalham juntas.”

(Entrevista 44, Promotores, Masculino, 29 anos, Promotor Lovers & Lollipops, Licenciatura, Barcelos)

O Festival Milhões de Festa constitui uma abordagem onde se pode equacionar a relação entre o espaço e a *performance* musical e sobre os atuais cruzamentos entre políticas urbanas e políticas culturais locais.

No nosso país, as fragilidades estruturais do tecido e da dinâmica das atividades culturais, mais evidentes nos meios urbanos de pequena e média dimensão, têm vindo a ser contornadas pelas novas lógicas de produção assentes na realização de eventos culturais de diversa natureza. Estes podem ser caracterizados por uma maior ou mais intensa oferta cultural, concentrada em espaços e tempos restritos que assumem duas expressões fundamentais: a organização de festas populares (principalmente de cariz religioso) e a realização de eventos de duração limitada, em espaços circunscritos e de

ocorrência regular, frequentemente designados por festivais. Apesar da macrocefalia da esfera cultural portuguesa, algumas regiões projetam a sua imagem através realização destes eventos (Abreu, 2004). Desta forma constituem, por uma lado, um modelo de organização cultural dedicado a expressões artísticas marginais, por outro, possibilitam uma aproximação à política de autarquias locais ou a opções estratégicas de mecenato de empresas.

No caso específico do Festival Milhões de Festa, este estabelece também uma ligação entre o espaço da cidade de Barcelos e o universo de especialistas de música.

“O Milhões é um festival para conhecedores de música.”

(Entrevista 35, Públicos, Masculino, 17anos, Estudante, 12ºano, Viseu)

Todos os participantes do Festival revelam alguma experiência no contexto de festivais de música. Para este universo a música e a procura de projetos e bandas menos *mainstream* são as principais razões de mobilidade.

“O ambiente é diferente e a escolha das bandas. As escolhas musicais não passam tanto por nomes grandes. Prefiro sempre os (festivais) que têm música mais alternativa.”

(Entrevista 25, Públicos, Masculino, 32 anos, Professor e Músico, Licenciatura, Lisboa)

“Vim porque tenho amigos que tocam em bandas e vim vê-los e também porque gosto do cartaz. Vim ver Equations, Jiboia, Conan Mockasin, Baroness, mas também vim para conhecer o festival...”

(Entrevista 28, Públicos, Masculino, 22 anos, Estudante, Licenciatura, Beja)

A aposta recai numa mescla de estilos que vão desde o *hip hop*, ao *metal* e ao *rock*, resultante da escolha pessoal da organização. Há uma procura pela novidade, por projetos emergentes que não aparecem nas rádios, nem em meios de comunicação massivos. Esta experimentação é também vincada e enaltecida pelos músicos que aqui participam, muitos deles agenciados pela editora e promotora do evento

“Este festival acaba por se inserir nas dinâmicas das bandas aqui da cidade que podem ter uma oportunidade de atuar e de saírem daqui.”

“Este festival acaba por ser uma meca para quem procura música alternativa...”

(Entrevista 42, Músicos, Masculino, 21 anos, Estudante e Músico, Frequência Ensino Superior, Barcelos)

Nesta brilhante aposta num cartaz mais “alternativo” que envolve vários géneros musicais e projetos emergentes pode, na opinião de muitos participantes, alterar o panorama do *rock* alternativo em Portugal.

Acho que tem alterado, começa a perceber que tem todos os anos mais gente, a música chega a mais gente...”

(Entrevista 34, Públicos, Masculino, 35 anos, Estudante, Licenciatura, Espinho)

“Este festival é marginal e já entra pela Antena 3 e pode mostrar outra música (...) há cinco anos não assistias a festivais como este, era impensável.”

(Entrevista 36, Públicos, Masculino, 34 anos, Desempregado, Licenciatura, Coimbra)

Festival Milhões de Festa 2012, 21 julho de 2012

Chegada à estação de comboios de Barcelos por volta das 12h e sente-se um calor abrasador. A cidade está cheia de jovens com pulsos estampados de pulseiras coloridas. Já se sentem as dinâmicas de quem acabou de acordar depois de um dia de concertos, dinâmicas que nos levam à Piscina Municipal de Barcelos, onde todos procuram um sítio refrescante.

13h Rua Principal da Cidade, os cafés e restaurantes estão cheios. Almoço no Escondidinho, senhor simpático: “este festival dá alegria à cidade e traz clientes ao restaurante”.

Caminhada em direção aos palcos dos concertos, Revengeance às 15h30 na Piscina.

Diário de campo, Ana Farinha

Refletindo sobre a evolução do cartaz e da organização a partir de 2010, ano da mudança para Barcelos, verificam-se quatro diferentes palcos. Ao contrário de outros festivais, os palcos não aparecem associados a grandes patrocinadores, à exceção do palco Vice. Este palco, ladeado pelo rio Cávado, por um lado, e por uma parede em pedra do outro, destina-se a quem quer conhecer novos projetos. Aqui terminam todas as noites de concertos com *dj*'s e bandas até às seis da manhã.

A piscina, fator de distinção do festival, inúmeras vezes mencionada, inaugura o dia do Milhões, abrindo as portas das 12h às 20h. Num palco com palmeiras, situado entre duas piscinas, acontecem os concertos *lives* e *dj sets*. Este é o local ideal para os festivaleiros se refrescarem e se estenderem na toalha, beberem *mojitos* e comerem gelados.

Com o rio Cávado a ladear, o palco Taina convida os participantes a fazerem um *pic nic* durante a tarde. Aqui têm vinho verde e tinto e petiscos, com direito à deliciosa sobremesa de concertos com entrada livre, abertos a toda a cidade.

Figura 3.7 – Palco Piscina



Fonte: Ana Farinha, julho de 2012

Figura 3.8 – Preparação do concerto de Bro-X no Palco Piscina



Fonte: Ana Farinha, julho de 2012

Figura 3.9 – Concerto dos espanhóis Unicornibot no Palco Taina



Fonte: Ana Farinha, julho de 2012

Festival Milhões de Festa, 21 de julho de 2012

Final de tarde abrasador, chegamos ao palco Taina por volta das 18h, quando decorre o concerto de Unicornibot. O som de rock dura transmitido pelo trio espanhol foi, com certeza, uma das melhores atuações do dia. Os espanhóis das máscaras improvisadas com papel de prata deram uma lição de desconstrução sonora. As guitarras desenfreadas ecoavam de forma hipnotizante nos muros que ladeiam o pequeno recinto, cheio de espetadores sentados descontraidamente de calções e toalhas de praia, depois de uns mergulhos na piscina.

Diário de campo, Ana Farinha

Figura 3.10 – Público no Palco Taina



Fonte: Ana Farinha, julho de 2012

O palco maior, o palco Milhões, de costas para o rio Cávado e voltado para a cidade de Barcelos, acolhe os nomes mais conceituados deste festival e é o único palco dedicado, em exclusivo, a bandas. A sua ótima localização, no final de um declive, permite não só a excelente visualização dos concertos como uma comunhão com a natureza, com vista para o rio e para o areal de Barcelinhos. Por aqui passaram bandas como os Connan Mockasin, Blue Pills e El Perro del Mar.

Figura 3.11 – Concerto de El Perro del Mar no Palco Milhões



Fonte: Ana Farinha, julho de 2012

Festival Milhões de Festa, 21 de julho de 2012

A noite aproxima-se, hora de continuar a festa no recinto, entre os concertos que ocorrem alternadamente entre o Palco Milhões e o Palco Vice. O rol de concertos começa em alta, com uma grande dose de *rock* dada pelos Blues Pills, a voz de Elin Larsson é quase hipnótica e viajamos no tempo até aos ritmos que as décadas de 60 e 70 nos ensinaram e que ainda hoje apreciamos. Soube! Mais tarde El Perro del Mar, os festivaleiros dispersam pela zona da alimentação, mantém o ambiente informal, com *t'shirts* das edições anteriores dos festivais e de algumas bandas, aproveitam para beber uma cerveja.

Concerto de Connan Mokassin puxou por todos, através de um *frontman* que tentou de tudo para agarrar o público, rapidamente rendido.

A noite termina com Weedeater a fechar o palco Milhões, o concerto mais pesado do dia 21, cheio de entusiastas metaleiros mas com pouco *crowdsurf*.

Diário de campo, Ana Farinha

Com efeito, o Festival Milhões de Festa tem crescido de ano para ano e contou nesta última edição com mais de 9.000 espetadores (longe dos grandes números dos grandes festivais), cada vez mais fiéis ao conceito do festival e à oferta alternativa, sem qualquer concorrência nacional.

“O Milhões deste ano superou a expectativa dos nove mil espectadores. As tardes de fim-de-semana parecem confirmá-lo, a avaliar pela concentração de pessoas na lotada piscina, que foi o local mais *cool* do festival, ao som da música escolhida por Moullinex e Xinobi – «Smoth operator», o clássico de Sade, também passou por cá no sábado à tarde. A quinta edição do Milhões de Festa, terceira em Barcelos, terminou este domingo. O cartaz

incluiu Red Fang, Black Bombaim, Alt-J ou L'Enfance Rouge, piscina, sol e uma toalha estendida. Até breve.” (p3.publico)⁴¹.

Figura 3.12 – Ambiente do festival Milhões de Festa



Fonte: Ana Farinha, julho de 2012

3.3 – Os novos turistas musicais – práticas turísticas nos festivais

Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa

Os festivais de música de verão podem ser definidos como períodos formais ou programas de atividades de fruição, entretenimento, ou eventos que têm um caráter festivo e que celebram, publicamente, algum acontecimento ou facto e que decorrem na época estival. Com efeito, esta esfera da cultura performativa, mesmo que organizada em termos nacionais, e em algumas situações em termos internacionais, depende largamente de espaços e de lugares particulares (Sarmiento, 2007). Desta forma, os festivais de verão encontram a fórmula perfeita que conjuga música e o entorno geográfico em que se realizam.

“Interessa-me a música e apenas a música, se o local for aprazível como é Paredes de Coura e como se está revelar este sítio (Parque da Cidade) tanto melhor.”

(Entrevista 4, Públicos, Masculino, 43 anos, Jornalista, Licenciatura, Porto)

Assim, a escolha dos lugares, para além de construir um cenário perfeito para momentos artísticos importantes, reflete algumas das estratégias políticas locais de promoção de atividades de lazer, com o objetivo de atrair visitantes e turistas, projetando uma imagem de dinamismo a escalas regionais, nacionais e mesmo internacionais. Em Portugal, como registámos anteriormente, existe um conjunto de

⁴¹ Ver em www.p3.publico.pt (consultado a 30 de agosto de 2012).

festivais de verão que se tem vindo a consolidar nos últimos anos. Para alguns é preciso escolher qual o festival a que se vai em determinado ano. Para outros, estes festivais proporcionam uma rota, um percurso estival de música

Figura 163 – Recinto do festival Optimus Primavera Sound



Fonte: <http://meusimplesolhar.blogspot.pt> (consultado a 16 de agosto de 2012)

Com efeito, os festivais proporcionam uma nova oferta turística com algum impacto na economia local, mais concretamente na ocupação dos vários serviços hoteleiros e nos consumos no setor da restauração (Nurse, 2001).

“Hostels do Porto praticamente esgotados no Primavera Sound

O festival de música "devia acontecer todos os fins de semana", segundo alguns proprietários de hostels da cidade do Porto

O setor do turismo acredita que o Optimus Primavera Sound vai ter um impacto significativo na ocupação, por ser um evento que devia ser “todos os fins de semana”, disseram à Lusa vários elementos da área.

O Porto é um destino onde se nota uma “falha clara naquilo que são os grandes eventos, ao contrário do que acontece na maioria dos destinos internacionais”, disse à Lusa o presidente do Turismo do Porto e Norte de Portugal, Melchior Moreira, acrescentando que o Primavera é um acontecimento “claramente positivo” que deixa o setor “extremamente satisfeito”.

Por seu lado, os hostels do Porto, cidade que registou nos últimos cinco anos um aumento de um para 26 unidades hoteleiras do género, estão praticamente esgotados no fim de

semana do festival Optimus Primavera Sound e as reservas começaram a ser feitas há um mês e até há dois.” (P3- Público)⁴²

Nos locais de menor dimensão o impacto ainda é mais significativo. Na cidade de Barcelos a pouca oferta hoteleira não consegue responder à grande afluência de festivaleiros⁴³. Em contrapartida, este fenómeno é visto como um acontecimento positivo para a dinâmica da cidade. Uma conversa com o simpático empregado do Restaurante Escondidinho em Barcelos confirma a importância deste tipo de eventos para o comércio, “devia de haver mais festivais” (apesar de nunca ter assistido nem ter frequentado nenhuma das edições). Este impacto positivo é também corroborado pelos habitantes da vila.

“Vê-se mais movimento na cidade, acho que é positivo para a cidade, anima mais. Agora os jovens saem daqui, fixam-se para outras cidades, acho importante para trazer gente nova.”⁴⁴

(Maria, Feminino, 60 anos, Reformada, Barcelos)

Para além do impacto positivo que se sente nos cafés e restaurantes das cidades, não podemos deixar de referir que a maioria dos entrevistados permanece todos os dias dos eventos. Como observa Nurse (2001), o público participante, altamente qualificado, transmite alguma sensibilidade para as questões patrimoniais, históricas e culturais. Em algumas situações estendem a sua estadia para conhecer melhor os locais e, na maioria das vezes repetem a experiência e recomendam.

“Festival tourists are observed to be quite knowledgeable about the art forms and the region’s culture and history. Their spending habits are such that they tend to stay longer and spend more on local goods and services than the conventional tourist. They also tend to be repeat visitors and good word-of-mouth spoke-persons. (Ibidem, p.4)”

No entanto, a música é o mote principal e a razão nominal para a deslocação a determinado local, quer se tratem de festivais com carácter urbano, quer de cariz mais rural.

⁴² Ver em p3.publico.pt (consultado a 30 de agosto de 2012).

⁴³ Contactámos telefonicamente os estabelecimentos, Hotel Bagoeira, Hotel do Terço, Residencial Arantes, Residencial Solar Estação e Residencial D. Nuno, e estavam todos lotados alguns dias antes do início do festival.

⁴⁴ O testemunho aqui assinalado não consta nos Anexos deste trabalho, resulta de uma conversa informal no centro da cidade de Barcelos.

“Se não houvesse festival em Paredes de Coura, não iria. Aproveito estas ocasiões para visitar os sítios e ir ao festival.”

(Entrevista 13, Públicos, Masculino, 32 anos, Produtor cultural, Licenciatura, Porto)

“A música é um bom incentivo para viajar.”

(Entrevista 34, Públicos, Masculino, 35 anos, Estudante, Licenciatura, Porto)

“Hoje já passei pela cidade (...) Paredes de Coura para mim é o meu turismo.”

(Entrevista 28, Públicos, Masculino, 22 anos, Estudante, Licenciatura, Beja)

“Faço férias de música, não consigo viajar sem ir a um festival ou a um concerto”

(Entrevista 32, Públicos, Masculino, 33 anos, Engenheiro, Licenciatura, Porto)

“Venho a Barcelos há três anos para vir ao Milhões.”

(Entrevista 25, Públicos, Masculino, 32 anos, Professor e Músico, Licenciatura, Lisboa)

“Vou ficar até ao final do festival (...) Um festival assim de cidade permite andar por aí, não estar sempre fechado no espaço dos concertos.

Vou sempre a festivais durante as férias, vou aproveitar enquanto tenho três meses de férias”

(Entrevista 23, Públicos, Masculino, 17 anos, Estudante, 12ºano, Vale de Cambra)

Desta forma, podemos afirmar que os festivais de música de verão constituem práticas turísticas que aliam o prazer da música com o local e a consequente marca turística da cidade ou do local. Assim, estes eventos constituem circuitos para *music lovers* que procuram um universo musical *rock indie* alternativo. Constatamos esta que move alguns dos patrocinadores dos festivais, pois constituem cenários perfeitos para o posicionamento da marca.

“Não estávamos à procura de nenhum festival, não estávamos e estamos. Quando surgiu esta oportunidade achámos que era o evento ideal. O primeiro valor que vimos tem a ver com a questão do Turismo, 50% de estrangeiros é brutal acho que não vai ser assim sempre, tínhamos ideia que iria ser grande. Há um mercado de música daquele género como há de outros, competitivo que não é local, que não é nacional, que é europeu e internacional.”

(Entrevista 46, Patrocinador, Masculino, 35 anos, Diretor de Marketing e Comunicação da Optimus, MBA, Porto)

Assim, em jeito de conclusão, os gostos musicais determinam novos circuitos turísticos, mais notados nos eventos de maiores dimensões. Com efeito o festival Optimus Primavera Sound constitui uma marco a nível internacional para os amantes dos sons alternativos, enquanto que o Milhões de Festa consolida-se no mercado regional e nacional para os curiosos de bandas e projetos emergentes.

Capítulo IV – *I Love Rock n' Roll*. Gostos e fruções musicais nos festivais

“I saw him dancin' there by the record machine
I knew he must a been about seventeen
The beat was goin' strong
Playin' my favorite song
An' I could tell it wouldn't be long
Till he was with me, yeah me, singin'

I love rock n' roll
So put another dime in the jukebox, baby
I love rock n' roll
So come an' take your time an' dance with me.”
(I Love Rock n' Roll, Joan Jett)

Após a análise dos dois festivais, importa agora cingir-nos à avaliação dos seus públicos. Pretendemos, assim, proceder a um breve perfil sociográfico dos seus atores e determiná-lo de acordo com os seus ambientes urbanos, locais de excelência das práticas e partilhas culturais, gostos e pertenças musicais. Assim, socorremo-nos novamente das entrevistas feitas *in loco*, nos contextos dos dois festivais – Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa – realizados nas cidades do Porto e de Barcelos.

Neste sentido, o estudo das práticas culturais em espaços urbanos é particularmente relevante porque a cidade é, desde logo, um centro de criação e produção cultural.

“Deste ponto de vista, os espaços urbanos constituem unidades de observação particularmente relevantes para a análise dos consumos e das práticas culturais, pelo facto de polarizarem um conjunto de efeitos que tendem a favorecer a implantação das atividades mais inovadoras e especializadas, nomeadamente as atividades de criação e produção cultural.” (Abreu, 2001, p.160)

Como sabemos, o trama da vida humana desenrola-se, cada vez mais, em tecido urbano, alastrando pelo campo, atingindo as povoações de menor dimensão. A cidade torna-se o lugar de se estar em público e o local onde o quotidiano das pessoas tende a inscrever-se, enquanto conjunto de práticas sociais. A vivência cívica pressupõe espaços

de convivialidade, lugares de reunião e de transmissão, construídos pela atividade coletiva (Fernandes, s. d.)

Cada sociedade produz o seu espaço, com a sua lógica e as suas estratégias próprias. Com efeito, a sociedade contemporânea revela as suas práticas e consumos culturais na sua transição de estilos de vida.

“Assiste-se, assim, nos espaços-tempos quotidianos à diluição de fronteiras entre a arte e a vida, sendo esta perspectiva como *locus* de estetização, e à deambulação do sujeito que busca a realização individual e a autonomia na performance da experiência quotidiana” (Guerra, 2004).

Neste sentido, o processo de estetização transmite o projeto de transformar a vida num trabalho de arte, revelando os consumos estéticos como meios distintivos de estilos de vida; alerta também para o carácter multifacetado da receção cultural, contemplando fatores intrínsecos e extrínsecos (económico, moral e social) que orientam os comportamentos e atitudes.

A música tem sido frequentemente considerada como um objeto revelador das lógicas que organizam o campo cultural, distinguem os objetos de arte e definem a relação dos atores sociais com o universo dos bens culturais. O seu consumo tem vindo a contextualizar algumas das transformações das sociedades contemporâneas no âmbito da cultura. De facto, a música constitui um dos modelos mais claros da autonomização dos campos culturais e um dos ícones mais importantes das indústrias culturais e criativas.

A popularização dos novos meios de audição e consumo musical transformou a música num objeto distinto de apropriação e de troca simbólica, reforçando a sua associação a práticas de sociabilidade, fruição e divertimento que ocorrem em contextos cada vez mais diversificados, reveladores das culturas de saídas, estreitamente ligadas a procura juvenil e a novas especializações das dinâmicas culturais, de lazer e entretenimento, de traço marcadamente urbano.

A música transformou-se num dos principais elementos caracterizadores das culturas juvenis, principalmente das culturas juvenis urbanas, assumindo uma dupla função: 1. Constitui o suporte das redes de relação e interação e de partilha; 2. É capaz de identificar grupos e de os distinguir face à comunidade envolvente (Abreu, 2000).

Os jovens são os utilizadores mais frequentes dos equipamentos emissores de música e os praticantes privilegiados da audição regular de rádio e da audição

quotidiana de música, da aquisição da mesma, da frequência em espaços noturnos e de concertos, especialmente de *rock/pop* e seus subgêneros. “Estas práticas atravessam os espaços domésticos, da rua, e dos equipamentos lúdicos e culturais, articulando-se com atividades de sociabilidade e constituição identitária que caracterizam a juventude como etapa do ciclo da vida” (Abreu, 2000, p.137). No caso específico da música ao vivo, esta constitui um meio de afirmação social e de gostos, bem como a pertença ao universo de determinado gênero musical. Esta afirmação resulta das já faladas evoluções tecnológicas e dos novos meios de divulgação que envolveram a *live performance* de uma nova aura.

Tendo em linha de conta, os dois estudos de caso aqui tratados, a frequência nos festivais de música constitui outro importante fator de afirmação das culturas juvenis contemporâneas e uma alternativa à oferta cultural musical dos grandes centros urbanos. Estes constituem também um importante fator de discriminação de preferências musicais, muito associadas ao universo do *rock*, bem como, fenómenos de introdução e massificação da música popular moderna e alternativa.

4.1 – Dois festivais urbanos: gostos e fruições musicais

Para ilustrar o número crescente de espetáculos de música ao vivo, utilizaremos os casos do Festival Primavera Sound, no Porto, e do Festival Milhões de Festa, em Barcelos. Como sabemos, o círculo de produção de concertos é relativamente limitado, representando apenas uma parte das produções e dos consumos musicais contemporâneos. No entanto, a crescente oferta de festivais de música de verão, em Portugal, tem contribuído para o fomento das ditas culturas de saídas e do consequente aumento do consumo de música ao vivo. Com efeito, este consumo cada vez mais específico, é a resposta às novas ofertas de festivais, referências para os consumidores de determinados gêneros de música popular, principalmente de *pop/rock*.

Mesmo se tratando de uma amostra qualitativa e seletiva (37 entrevistas), verificamos que os frequentadores dos festivais de verão, considerados no presente trabalho, inserem-se num contexto de praticantes culturais efetivos. Esta condicionante remete, assim, para a análise das práticas, gostos e fruições musicais.

Antes de caracterizar os agentes, no que refere aos seus gostos e práticas musicais, importa referir algumas variáveis que os perfilam. Para uma análise sociográfica teremos em conta os seguintes elementos: idade, sexo, nacionalidade e concelho de residência, grau de escolaridade e situação profissional. Assim, passando

agora, de forma concreta, à análise das variáveis, os indivíduos que frequentam os festivais Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa, constituem uma população que oscila entre os 17 e os 43 anos de idade, não obstante, seja de interesse maior constatar que, 21 dos 37 entrevistados, têm idades compreendidas entre os 27 e os 40 anos.

Tabela 4.1 – Idades dos frequentadores dos festivais Milhões de Festa e Optimus Primavera Sound

Idade	Milhões de Festa	Optimus Primavera Sound
Menos de 18	5	0
18 -26	6	4
27 – 40	8	13
41 – 65	0	1
Mais de 65	0	0
Total	19	18

Fonte: Ana Farinha

Quanto à distribuição de géneros, em termos gerais, estamos perante um pequeno conjunto de agentes sociais marcados por traços de masculinidade (24, dos 39 entrevistados, pertencem ao sexo masculino). Paula Guerra (2010), no levantamento feito nos festivais de verão Sudoeste TMN e Heineken Paredes de Coura em 2006, observa a mesma dominação masculina. Tal constatação vai de encontro da ideia de que a cultura é intenso processo de simbolização, sendo por isso também que a maior parte dos membros das bandas e da organização continuem a ser homens, o que tende de igual forma a reproduzir-se pelo público. Esta realidade prende-se com a génese histórica do *rock n'roll* e com toda a sua configuração. Desta forma,

“não só consideramos que o rock possui certas qualidades especificamente masculinas devido à áspera agressividade das suas convenções vocais, mas também determinados críticos adiantarem que o rock e a tradição clássica partilham mais do que um simples compromisso com respeito à autenticidade e ao significado. Os críticos e os teóricos que postulam a teoria feminista defendem que existem certos tipos música que, em determinados contextos, podem caracterizar-se como femininas ou masculinas, e que tanto o rock como a tradição clássica tendem a privilegiar as formas masculinas às formas femininas.” (Gilbert & Pearson, 2006, cit. por Guerra, 2010)

No entanto, esta realidade tem-se alterado lentamente e já se assiste a uma maior participação do género feminino revelado tanto nos números dos públicos como em presenças de bandas com elementos femininos

“Mulheres ao palco do Optimus Alive

Apesar da discoteca gigante dos Justice, a primeira noite foi das mulheres. Dum Dum Girls, Miuda e, principalmente, Santigold proporcionaram alguns dos melhores momentos de dia 13.

No início deste mês planeei um percurso para os meus dias no Optimus Alive. Sexta-feira, dia 13, o desafio era cumprir a primeira parte daquele roteiro, escrito a imaginar que começaria com um fim de tarde quente no Passeio Marítimo de Algés, iluminado por quatro sorrisos femininos no Palco Heineken. (...) Dee Dee, Malia, Jules e Sandy parecem manequins: são altas, elegantes, sexy e sérias. Não pode dizer-se que a banda californiana, composta exclusivamente por mulheres, tenha levado o público ao rubro...

Saiu uma miúda e horas depois deu-se a entrada daquela que para mim foi a mulher da noite: Santi White, mais conhecida por Santigold. A cantora, compositora e produtora norte-americana encheu o palco com a sua voz e a sua presença...” (P3 – Público)⁴⁵

Analisando agora a proveniência geográfica dos indivíduos que frequentam os festivais Optimus Primavera Sound e Milhões de Festa, verifica-se que a maioria provém das regiões do Grande Porto e da Grande Lisboa, ainda que os festivais apresentem algumas singularidades. No primeiro caso, apesar de apenas registarmos quatro participantes de proveniência estrangeira, este evento conta com uma forte participação de festivaleiros oriundos de diversos países. Dados transmitidos pela organização registam cerca de 50% de estrangeiros provenientes de países como Espanha, Reino Unido, Alemanha, Itália, Estados Unidos da América e Nova Zelândia⁴⁶. De facto, num percurso pelo recinto do festival transparece esta multinacionalidade, pelas diferentes línguas que se ouvem e pelas diferentes fisionomias entre o público, tal como é testemunhado por um dos entrevistados:

“...uma grande diferença que o diferencia de todos os outros festivais, também a quantidade de estrangeiros, posso estar a exagerar mas tenho a sensação que são mais que portugueses.”

(Entrevista 4, Públicos, Masculino, 43 anos, Jornalista, Licenciatura, Porto)

⁴⁵ Ver em: p3.publico.pt

⁴⁶ Dados fornecidos por José Barreiro, promotor do festival Optimus primavera Sound, aquando da entrevista realizada a 27 de julho de 2012.

Quanto ao festival Milhões de Festa não se nota essa diversificação. Com efeito, todos os entrevistados provêm de diversas cidades portuguesas, com principal incidência para Coimbra e Grande Porto, bem como uma ativa participação da população local.

Tabela 4.2 – Residência dos frequentadores do festival Milhões de Festa 2012

Residência	Festival Milhões de Festa
Grande Porto	5
Grande Lisboa	2
Coimbra	6
Barcelos	3
Viseu	1
Beja	1
Castelo Branco	1

Fonte: Ana Farinha

Numa das manifestações mais proeminentes da música popular em Portugal, os frequentadores dos festivais, em termos de qualificações escolares ou académicas, caracterizam-se como públicos qualificados (Guerra, 2010), salientando-se o grau de licenciatura em ambos os casos. Tal vai de encontro com os trabalhos sobre práticas culturais no nosso país e com a identificação dos perfis sociais dos atores nelas envolvidos. Com efeito, uma das características identificadas revela, concretamente, a relação privilegiada que os jovens mais escolarizados e mais qualificados profissionalmente estabelecem com o universo dos bens e serviços culturais (Abreu, 2000). Consiste, como afirma Craveiro e Silva (2011), num público jovem conhecedor que se associa a visitas frequentes de festivais e de concertos.

Outro elemento sociográfico caracterizador é a condição perante o trabalho. Apesar da pequena amostra, 17 entrevistados assumem que trabalham, com maior incidência no Festival Primavera Sound (13 entrevistados). No caso do Milhões de Festa encontramos um universo superior de estudantes (11 entrevistados) e alguns elementos que se assumem como desempregados, fruto da conjuntura atual que afeta milhares de jovens.

A par destes elementos sociográficos importa referir que para este pequeno universo, a música constitui uma expressão de sociabilidade. A ligação com a música

está presente nas práticas que desenvolvem nos festivais e no número considerável de concertos que veem ao longo do ano.

“Este ano sem contar com festivais devo ter visto quatro ou cinco concertos.”

(Entrevista 19, Públicos, Feminino, 22 anos, Estudante, Licenciatura, Porto)

“Semanalmente vou a um ou dois concertos para conviver e apreciar música.”

(Entrevista 35, Públicos, Masculino, 17 anos, Estudante, 12º ano, Viseu)

Em 2011 vi 20 a 25 concertos. Em 2012 vi uma média de 3 a 4 concertos por semana”

(Entrevista 13, Públicos, Masculino, 32 anos, Produtor cultural, Licenciatura, Porto)

Assim, quando questionados acerca de um posicionamento face aos seus gostos musicais, temos um universo de referências muito direcionado para o *rock* e *indie rock*, universos próximos das ofertas musicais dos dois festivais. Ao referirmos a questão do gosto concordamos com Paula Abreu que as práticas culturais, enquanto manifestações específicas de uma fase do ciclo da vida, constituem-se como “configurações particulares de símbolos, estilos e práticas quotidianas e definem-se como referências identitárias para os indivíduos que, no seu processo de transição para a vida adulta, partilham experiências e contextos sociais, políticos, económicos e culturais com algum tipo de semelhança ou proximidade” (2000, p.130). De facto, o significado social dos gostos, quando este se manifesta na experiência artística, constitui um potente meio de troca interaccional, ensinando-nos a entender que o gosto pode ser um meio de construção de relações sociais (Guerra, 2010).

De acordo com o argumento é possível identificarmos, não obstante o facto de se tratar de dois festivais diferentes pelo historial, indivíduos que assinalam a sua preferência pelo *rock indie* e alternativo, embora muitos dos participantes tenham alguma dificuldade em definir os seus gostos. As suas classificações relacionam-se, intimamente, com as identificações transmitidas pelos mercados que tentam delinear classificações comerciais para um maior lucro. Tal se inscreve, por vezes, nas autodenominações dos festivais: Barreiro Rocks, Barco Rock Fest, entre muito outros.

Assim, a análise aos géneros musicais referentes às bandas identificadas como reveladoras dos gostos musicais dos agentes sociais em questão, segue também a mesma lógica de caracterização, o *rock* nas suas diferentes manifestações.

“Eu gosto de rock. Gosto de bandas como os The Drums...”

(Entrevista 10, Públicos, Feminino, 22 anos, Estudante, Licenciatura, Madrid)

“A banda que está acima de tudo, a grande distância de todas as outras, são os Joy Division, a partir tudo o que se possa imaginar e que seja descendente mais próximo desse universo, é a música que eu gosto. Dêem-me *rock n' roll* e eu estarei lá para apreciar.”

(Entrevista 4, Públicos, Masculino, 43 anos, Jornalista, Licenciatura, Porto)

“A primeira banda foi U2, os meus pais gostavam muito e acabei por ouvir, depois passei por uma onda de Greenday, Foo Fighters e depois *rock* mais pesado, Slipnot, Pantera e depois uma onda mais alternativa, Palcebo, Arcade Fire e The Cure”

(Entrevista 7, Públicos, Feminino, 21 anos, Estudante, Frequência Ensino Superior, Lisboa)

“Oíço tudo um pouco, há coisas que ficam e há coisas que vão. Oíço bastante música mas sinto-me mais ligado ao *rock indie* e alternativo e agora a cenas mais eletrónicas, do género de M83”

(Entrevista 3, Públicos, Masculino, 32 anos, Consultor, Licenciatura, Lisboa)

“Antes ouvia mais bandas calminhas dos anos 60, como Simon and Garfankel e outras coisas do meu pai. Agora ando numa onda mais eletrónica (...) continuo a ouvir a eletrónica francesa, Air...”

(Entrevista 21, Públicos, Masculino, 22 anos, Estudante, Frequência Ensino Superior, Coimbra)

“Oíço *rock* alternativo, *blues*, até música clássica, *rock* psicadélico também e gosto de bandas tipo Black Bombaim.”

(Entrevista 23, Públicos, Masculino, 17 anos, Estudante, 12º ano, Vale de Cambra)

“Oíço um bocadinho de tudo mas maioritariamente *garage rock*, *punk*, uma onda mais de reciclagem dos anos 60 com lado *punk*, bandas como os Oblivian e os Gories.”

(Entrevista 25, Públicos, Masculino, 32 anos, Professor e Músico, Licenciatura, Lisboa)

“Eu oíço um pouco de tudo mas não oíço tudo. Gosto daquele som colado no *hardcore*, Cult of Luna, Fugazi.”

(Entrevista 27, Públicos, Masculino, 30 anos, Produtor, Licenciatura, Coimbra)

“Gosto de «rockalhada» mas não me prendo a um só estilo, gosto de ouvir um bocado de tudo. Artic Monkeys é a banda que está sempre presente e que acompanho há algum

tempo. Numa fase ouvia The National , Massive Attack, houve uma altura que andei viciada, Portishead também...”

(Entrevista 19, Públicos, Feminino, 22 anos, Estudante, Licenciatura, Porto)

“Eu gosto the «epic music», gosto do som que abre o chão à minha volta, como é o caso dos Cult of Luna, Moon, Mogway , *metal* progressivo, não gosto de dar etiquetas aos grupos por isso é que eu digo «Epic Music»”

(Entrevista 26, Públicos, Masculino, 23 anos, Ator, Frequência Ensino Superior, Coimbra)

Figura 4.1 – Público no concerto de Blues Pils, no Festival Milhões de Festa 2012



Fonte: Ana Farinha, julho de 2012

Entender os diferentes gostos musicais a partir dos rótulos é tarefa árdua, porque na maior parte das vezes estes rótulos são imposições da própria indústria musical. Se o *pop rock*, em regra, se refere à música “mais comercial” que se encontra no *top* de vendas, o *indie rock* também não se contrapõe a esta teoria dos *tops*, pois muitas das bandas mencionadas e enunciadas, principalmente no cartaz do Festival Optimus Primavera Sound, atingem escalas internacionais relevantes. Apesar de viverem sob o rótulo de *rock* alternativo/ *indie*, bandas como os The XX, The Flaming Lips, Beach House, M83 e The Drums, chegam a milhões de pessoas.

Em contrapartida, as bandas apresentadas no Festival Milhões de Festa cicatrizam o verdadeiro conceito de *rock indie*/ alternativo, muitas delas cingidas a um contexto regional. É caso de algumas das bandas editadas pela entidade promotora do evento, como os The Glokenwise, os Alto!, os Throes & Shine e os La la la

Ressonance. Outras conseguem atingir níveis internacionais mas destinam-se a mercados de nicho, como El Perro del Mar, Baroness e Connan Mockassin. Contudo, a partilha de “nova música” é valorizada pelos seus espetadores, pois pode constituir um momento de valorização e pertença da cultura *indie*.

“ Tens bandas menos conhecidas, não crias tantas expectativas e acabas por ser surpreendida (...) Vim principalmente pelo cartaz de ontem mas às vezes vens por uma banda mas acabas por conhecer outra e mais outra.”

(Entrevista 20, Públicos, Feminino, 21 anos, Estudante, Frequência Ensino Superior, Castelo Branco)

“O ano passado tinha uma banda que me puxou mesmo a vir (...) a originalidade daqui é a estranheza do cartaz”

(Entrevista 34, Públicos, Masculino, 35 anos, Estudante, Licenciatura, Espinho)

Desta forma, o Festival pode alterar o cenário e o consumo do rock alternativo em Portugal, como constataam alguns dos participantes, através da promoção de projetos emergentes e possivelmente na alteração dos gostos dos seus participantes.

“O Milhões dá apoio a projetos nacionais e tem vindo a crescer e tem cada vez mais gente”

(Entrevista 28, Públicos, Masculino, 22 anos, Estudante, Licenciatura, Beja)

“O Milhões tem sempre bandas mais alternativas e as pessoas acabam por ver e consumir coisas menos conhecidas.”

(Entrevista 20, Públicos, Feminino, 21 anos, Estudante, Frequência Ensino Superior, Castelo Branco)

Assim, podemos afirmar que os dados apresentados mostram que assistimos a uma maior abrangência cultural e um conseqüente maior peso dos seus atores culturais, delineado pela sua melhor qualificação e sensibilidade para as questões musicais.

Avaliando os dois festivais não existe uma clara oposição entre o alternativo e o *pop* ou entre *underground* e o *mainstream*, talvez entre o rock *indie* que circula em diversos canais e o alternativo emergente. Com efeito, a posição simbólica dos gostos musicais dos frequentadores dos festivais pouco diferem, pois, consideram-se entendedores de música. Não há, assim, grandes diferenças no posicionamento dos públicos destes festivais, pois, um será sempre o complemento do outro.

Capítulo V – Os festivais e a nossa cena

One, two, three o'clock, four o'clock rock
Five, six, seven o'clock, eight o'clock rock
Nine, ten, eleven o'clock, twelve o'clock rock
We're gonna rock around the clock tonight

Put your glad rags on, join me, Hon
We'll have some fun when the clock strikes one
We're gonna rock around the clock tonight
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight
Gonna rock, gonna rock around the clock tonight

When the clock strikes two, three and four
If the band slows down we'll yell for more
We're gonna rock around the clock tonight
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight
Gonna rock, gonna rock around the clock tonight
(Rock Around the Clock, Bill Haley)

De acordo com os capítulos anteriores e com toda a teorização, acerca das cenas musicais e das neotribos e comunidades que a compõem, importa contextualizá-la no ambiente dos festivais de música. Neste pequeno capítulo recorreremos novamente às entrevistas que fizemos nos contextos dos dois festivais, para ilustrar a cena musical que vivenciamos nestes eventos.

Como referimos anteriormente, a base investigativa é definida pelo Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham quando desenvolve um novo paradigma interpretativo, para os estilos e para as atividades dos grupos juvenis que surgiram no pós-guerra. Assim, das linhas de pesquisa desenvolvidas destaca-se a investigação sistemática dos estilos e das atividades dos diferentes grupos: *teddy boys*, *skinheads*, *rockers*, entre outros. Pretendia, desta forma, construir um retrato meticuloso das raízes sociais, económicas e culturais das variadas subculturas juvenis e dos seus vínculos com a divisão do trabalho e as relações de produção, sem negligenciar as especificidades do seu conteúdo e da sua posição etária e geracional (Filho e Fernandes, 2005). Contudo, a partir da década de 90, os estudos subculturais são desacreditados por alguns autores e estabelecem-se novas áreas de investigação. Os “pós-subculturalistas”

pretendem, em linhas gerais, reavaliar a relação entre os jovens, a música, o estilo e a identidade, na realidade deste novo milênio, onde os fluxos globais se articulam com as correntes locais, produzindo novas relações culturais. Como consequência deste esforço revisionista surgem novas terminologias como cenas, comunidades emocionais e neo-tribos. Assim, é avaliada a formação das redes de prazer, gosto, criatividade e identidade que fundamentam a relação entre as culturas juvenis e a música popular. Portanto, o conceito de cena constitui um importante vocábulo para os fãs, críticos, promotores e músicos e determina a experiência espacial vivida nos recintos dos festivais de música.

5.1 – Festivais de música e cenas

O conceito de cena musical trata questões muito pertinentes para o entendimento semiótico da formação de alianças afetivas, não tão “visíveis” quanto as subculturas que, como por exemplo o *punk*, materializavam a sua distinção pelo vestuário e atitudes.

Will Straw (1991), a partir da distinção entre comunidade e cena musical, examina como certas práticas musicais operam no sentido de conjunto ou de grupo no contexto das metrópoles. Segundo o autor, o conceito de comunidade remete para um grupo, cujo envolvimento com a música é o reflexo da exploração de uma ou várias linguagens musicais enraizadas numa herança histórica de um determinado local geográfico. O propósito destas comunidades é, assim, estabelecer uma ligação afetiva entre as práticas musicais contemporâneas e o legado musical. Quanto às cenas musicais, estas são definidas como um espaço cultural, onde diversas práticas musicais coexistem, interagindo através de processos de diferenciação de acordo com trajetórias variantes de mudança e fertilização mútua (Ibidem). A noção de cena musical pretende proporcionar uma clara imagem da relação entre o local e a música que se produz nele. Neste sentido, os estudos publicados devem ter em conta que o surgimento de uma cena não é apenas o resultado de interações sociais, mas igualmente uma consequência da produção e da comercialização das indústrias musicais/ fonográficas para segmentar a música e torná-la mais lucrativa (Filho e Fernandes, 2005).

Assim, o conceito de cena trata a correspondência entre os atores sociais e os espaços culturais das cidades e pode ajudar a compreender a dinâmica das relações que afetam a expressão cultural coletiva associada à produção musical. Todavia, a delimitação das cenas musicais não se restringe apenas às fronteiras geográficas. Olson (1998), a partir do exemplo do *rock* alternativo, revela que os valores estéticos desta

cena musical são os mesmos de um cosmopolitismo que mantém pontos de referência relativamente estáveis, de uma comunidade para outra, permitindo a reprodução dessas particularidades locais para níveis internacionais e globais.

Como observa Olson (1998), os académicos tendem agora para equiparar as cenas a comunidades, abandonando o campo espacial para o social. Assim, aproximando-se do conceito de neotribo de Maffesoli, as comunidades afetivas explicam os estilos de vida derivados de identificações empáticas e emocionais com outros indivíduos que partilham os mesmos gostos e as mesmas inclinações estéticas. De acordo com este ponto de vista, as neotribos são comunidades emocionais e os seus critérios de escolha são enfatizados pelos sentimentos de pertença, amizade e grupo.

No caso dos festivais de música, concretamente dos festivais *indie rock* - contexto tratado nos dois estudos de caso - o seu consumo não é uma afirmação perante a classe dominante, embora os festivais se possam revestir de outro papel social⁴⁷. Aqui são valorizadas as suas práticas quotidianas, com uma clara oposição ao *mainstream* e com a apropriação da música alternativa.

“Gosto de festivais mais pequenos e com cartazes mais alternativos”

(Entrevista 16, Públicos, Feminino, 28 anos, Psicóloga, Licenciatura, Vila Nova de Gaia)

“Oíço bastante música mas sinto-me mais ligado ao *rock indie* e alternativo...”

(Entrevista 3, Públicos, Masculino, 32 anos, Consultor, Licenciatura, Lisboa)

Cummings (2007) associa igualmente a abordagem pós-subcultural ao estudo das relações sociais que caracterizam os frequentadores de festivais de música. Segundo a autora, os elementos caracterizadores das subculturas, como o estilo, o gosto musical e identidade, tornaram-se mais fluídos no momento em que os jovens consumidores começaram a associar vários estilos e géneros musicais. “This approach abandons modernista concerns with socio-structural identities, instead favouring the variety and fluidity of tenuous tribal structures.” (Ibidem, p.153)

Com efeito, os entrevistados - participantes e promotores - não conseguem definir os seus gostos musicais num só género. A música alternativa segue a mesma

⁴⁷ O festival de música Woodstock Music Art and Fair, realizado de 15 a 17 de agosto de 1969, tratou-se de um movimento pela paz, uma congregação de várias vozes contra a guerra no Vietname. Os mesmos valores pela paz e pela preservação na natureza que inspiraram os seus fundadores (John Roberts, Joel Rosemman e Michael Lang), mantêm-se e materializam-se nas diversas organizações que apoiam: Doctors without Borders, WWF, RiverKeeper e FINCA. (www.woodstock.com)

tendência, projetando-se numa fusão de géneros, o que nos leva a pensar o que é realmente alternativo. A programação dos festivais obedece à mesma amálgama de influências musicais.

“Os concertos que promovemos ao longo do ano vão desde o *rock* psicadélico a coisas mais eletrónicas, a projetos mais experimentais ou mais pesados. O conceito do festival, consiste em pegar em todos estes géneros que nos relacionamos. É quase um mosaico que tentamos construir com bandas tão diferentes, esse é o grande desafio e que nos dá grande gozo, o público que temos acaba por refletir essa liberdade de escolha”

(Entrevista 44, Promotores, Masculino, 29 anos, Promotor Lovers and Lollipops, Licenciatura, Barcelos)

No entanto, verificamos um sentimento de união entre os “festivaleiros”, um sentimento de grupo e de encontro com estados de espírito semelhantes. Os festivais podem constituir momentos de prazer que se alongam pelos quatro ou cinco dias de concertos, dependendo das condições, do ambiente e dos concertos.

“Claramente os que gostei mais mas em níveis diferentes, Alive e Paredes de Coura, o que gostei menos, Super Bock no Meco, é horrível.”

(Entrevista 3, Públicos, Masculino, 32 anos, Consultor, Licenciatura, Lisboa)

“No Primavera gosto de praticamente de tudo (...) Está muito bem organizado, na fila das pulseiras estava muita gente e foram muito rápidos. A experiência que tenho de outros festivais, as filas para as pulseiras são sempre intermináveis e demoram imenso tempo”

(Entrevista 8, Públicos, Masculino, 20 anos, Estudante, Frequência Ensino Superior, Oeiras)

Nos espaços dos festivais cristalizam-se variadas expressões socio musicais juvenis. O emprego do conceito cena pode ajudar a observar as formas pelas quais os participantes organizam os discursos sobre as suas participações culturais, e a forma de diferenciação, face ao que é produzido por outras cenas. As diferentes ofertas de festivais podem constituir diferentes cenas, ou seja, diferentes segmentações, pois “os universos simbólicos em que se operacionaliza a escolha, se matizam através do estabelecimento de prioridades, de valores distintos, no que toca à frequência dos mesmos” (Guerra, 2010, p.1252). Assim, a “tribalização” dos públicos remete para divisão espaço social, podendo observar grupos distintos no seio destes eventos. É

também possível entender os elementos estruturantes e diferenciadores destes mesmos grupos, pois são claramente apreendidos pelos diferentes intervenientes das cenas.

“O Milhões é para aficionados de música, muitas das bandas que vão lá tocar tu não consegues nem nunca ouviste falar. Nos outros festivais aparecem bandas que estão mais que ganhas mas também muitas das pessoas que vão ao Milhões, vão a Paredes. Em Paredes não tens metaleiros. No Milhões podes ouvir *metal*, *hip hop*, vale pela diversidade musical. Paredes vai muito para o *indie*, o Optimus Alive não arrisca nada, é pouco imaginativo.”

(Entrevista 43, Músicos, Masculino, 30 anos, Lojista e Músico, Licenciatura, Porto)

“Paredes de Coura é o melhor festival porque a linha estética musical é aquela com a qual me identifico, a música independente que não é para as massas. Depois o espaço é fantástico. O público dos dois festivais (Paredes de Coura e Primavera Sound) é parecido, mais *indie*.”

(Entrevista 40, Músicos, Masculino, 35 anos, Músico, Licenciatura, Ermesinde)

“A nível da programação estamos mais próximos do Primavera Sound e do Paredes de Coura, nada temos a ver com o Marés Vivas”

(Entrevista 44, Promotores, Masculino, 29 anos, Promotor Lovers and Lollipops, Licenciatura, Barcelos)

“Não gosto do Sudoeste, é uma cambada de miúdos (...) os miúdos vão para o Sudoeste por alguma coisa que não é a música...”

(Entrevista 24, Públicos, Masculino, 35 anos, Desempregado, 9ºano, Lisboa)

Assim a consolidação dos festivais depende dos diferentes cenários representativos, ajustáveis aos elementos de diferentes cenas.

Os autores Bennett e Peterson (2004), descrevem três tipos de cenas: locais, translocais e virtuais. As cenas locais constituem a noção inicial de cena, referindo-se a um grupo num determinado espaço geográfico. Por outro lado, as cenas translocais referem um espectro mais alargado que o contexto local, sistematizando a comunicação acerca de uma vivência e estilo musical. Por último, as cenas virtuais distinguem as relações que se desenrolam para além dos espaços físicos através de diferentes suportes como fanzines, blogues, redes sociais e sítios eletrónicos. Como confirmam os autores, as cenas virtuais são: “newly emergent formations in which people scattered across

great physical spaces create the sense of scene via fanzines and (...) internet (Bennett e Peterson, 2004, p.6-7).

No caso dos festivais de música, estes integram as cenas locais, translocais e virtuais (Cummings, 2008). São locais porque ocupam um espaço físico delimitado, como o Parque da Cidade do Porto ou o Parque Municipal de Barcelos. Trata-se de uma componente importante pois, a relação que se estabelece entre os espaços e as sensações dos espetadoras é diversas vezes relatada pelos festivaleiros. A escolha do espaço distingue a essência do festival, a maior ou menor aproximação com a natureza ou a sua ligação a uma cidade.

“Gosto de ir a Paredes de Coura pelo recinto e pelo campismo”

(Entrevista 28, Públicos, Masculino, 22 anos, Estudante, Licenciatura, Beja)

“Não gostei do Alive, de estar no meio de uma cidade metropolitana, tenho que ir para a província, para a aldeiazinha”

(Entrevista 26, Públicos, Masculino, 23 anos, Ator, Frequência Ensino Superior, Coimbra)

“Se o local for aprazível como é Paredes de Coura e como este se está a revelar (Parque da Cidade), tanto melhor”

(Entrevista 4, Públicos, Masculino, 43 anos, Jornalista, Licenciatura, Porto)

Os festivais de música possuem também características translocais, pois os seus participantes podem fazer consideráveis deslocações para participar na cena. Analisando novamente os locais de residência dos participantes, verificamos que a maioria dos participantes provém dos maiores aglomerados urbanos. Contudo, registamos também um número considerável de diferentes cidades como Coimbra, Viseu, Castelo Branco e Beja. A principal motivação da viagem é a música, o convívio e a oportunidade de ver e conhecer diferentes projetos musicais.

“Eu vim a Barcelos ao Milhões pelo convívio e pela música, vou sempre atrás das bandas que gosto.”

(Entrevista 35, Públicos, Masculino, 17 anos, Estudante, 12º ano, Viseu)

“Viajo muito por causa de música. Dificilmente viria a Barcelos se não fosse o Milhões”

(Entrevista 24, Masculino, 35 anos, Desempregado, 9ºano, Lisboa)

Para além dos seus aspetos locais e das suas particularidades translocais, os festivais de música constituem igualmente cenas virtuais. A divulgação destes eventos é feita por diversas plataformas musicais, imprensa e *websites*. A internet veio alterar a natureza das cenas locais e das relações entre os diversos atores. Com efeito, grande parte dos participantes utiliza os vários espaços virtuais como fontes de informação sobre os eventos, através dos sítios das bandas que compõem o cartaz ou do *website* oficial de cada festival.

“Já conhecia o festival há algum tempo e já pensava cá vir (...) e vi na internet.”

(Entrevista 21, Públicos, Masculino, 22 anos, Estudante, Frequência Ensino Superior, Coimbra)

“Tive conhecimento do Milhões de Festa pela internet há dois anos, quando viemos pela primeira vez”

(Entrevista 37, Públicos, Feminino, 32 anos, Estudante, Mestrado, Coimbra)

Kruse (2010) alerta também para esta mudança de hábitos, através do exemplo da cena musical *indie*, referindo a facilidade de contacto e partilha entre as regiões, países e continentes. Segundo a autora, a partir dos anos 1980 e início dos 90, a internet passa a desempenhar um papel preponderante na produção, promoção, disseminação e consumo da música independente. “The internet has altered the landscape of indie pop and rock music” (Ibidem, p.626). Assim, as novas possibilidades de comunicação virtual alteram as relações entre os diversos intervenientes, afetando as cenas inicialmente locais e transformando-as em acontecimentos mundiais. Neste contexto, podemos referir tanto os diversos géneros musicais como os próprios festivais são hoje acontecimentos mundiais, dependentes das vendas e divulgações virtuais.

“The online marketplace, of course, provides its own stores and opinion leaders in its virtual places and websites like eMusic and Pitchfork are certainly more available to more people worldwide than indie hipster bricks and mortar operations and the people who staff them ever were.” (Ibidem, p.630)

Os mesmos canais virtuais são também aproveitados pelos próprios músicos para a divulgação de novos projetos.

“Acho que certas plataformas são importantes para conhecermos música que de outra forma não seria possível. Acho importante para a divulgação da música.”

(Entrevista 39, Músicos, Masculino, 35 anos, Investigador e Músico, Doutoramento, Lisboa)

Para além dos sítios eletrónicos, as redes sociais desempenham um papel fundamental nas sociedades contemporâneas. Um ponto em comum entre os diversos tipos de redes sociais é a partilha de informações, conhecimentos, interesses e esforços em busca de interesses comuns. Há aqui um contexto de maior participação e mobilização através de *post*, vídeos e notícias.

“Redes sociais tiveram mais de 12 mil publicações sobre festivais de verão

As redes sociais Facebook e Twitter geraram um total de 12.086 publicações durante os períodos de sete dos principais festivais de música em Portugal, segundo um estudo do E.life Group, uma empresa de monitorização.

A análise decorreu entre 05 de junho e 19 de agosto e registou, através de vários termos de pesquisa utilizados em dois sistemas de medição da empresa no Facebook e no Twitter, um total de 12.086 publicações, tendo o Optimus Alive, em Oeiras, sido o evento mais citado com 3.092 publicações e um impacto de 1.640.509 pessoas.

Porém, as citações não equivalem necessariamente a impacto, tendo o Primavera Sound, no Porto, sido o menos citado (1.039 publicações), ainda que tenha ficado em terceiro lugar em termos de impacto total, ou seja, a extensão de pessoas a que chegou, que foi de 1.130.596.

Já Paredes de Coura, em segundo lugar no que toca ao impacto com 1.278.123 pessoas, verificou um particular destaque para o regresso dos Ornatos Violeta no que toca ao conteúdo das mensagens, indicou o documento da E.life, com a chuva a também ser um elemento das partilhas dos utilizadores das duas redes sociais. (Jornal i, 30 de agosto de 2012)⁴⁸”

Este novo cenário informativo não é só utilizado pelas organizações e participantes, os músicos encontram aqui uma ferramenta livre para publicitarem os novos projetos e agendas de concertos. De acordo com algumas entrevistas feitas a diversos músicos, esta abertura total nem sempre é positiva, tornando-se necessário alguns meios de filtragem de informação.

“Acho que a internet veio facilitar uma coisa e dificultar outra. Por um lado toda a gente tem espaço, tem oportunidade e pode mostrar o que faz. Isso é bom porque democratiza. Por outro lado, obriga-te, como nos anos 70, a ter um *single* e o *single* tem que ser uma música forte e tem que atrair as pessoas no primeiro minuto”

(Entrevista 41, Músicos, Masculino, 29 anos, Músico e Fotógrafo, Licenciatura, Porto)

⁴⁸ Ver em: www.ionline.pt (consultado a 1 de setembro de 2012)

“ Nós gravamos discos para tocar ao vivo, as pessoas já não compram cd, querem apenas o *link* para fazer o *download* na internet. Gera alguns problemas porque as pessoas já não têm a paciência de ouvir um disco inteiro.”

(Entrevista 43, Músicos, Masculino, 30 anos, Lojista e Músico, Licenciatura, Porto)

Em jeito de conclusão, parece-nos claro que os festivais de música são muito mais complexos do que a experiência individual de cada participante, são cenas intensas. Através da atmosfera e intensidade criada pelos festivais, os diferentes atores sociais sentem que pertencem a um grupo com uma forte identidade musical, identificada pelas diversas entrevistas feitas. Este ambiente de conexão manifesta-se no momento em que abanamos a cabeça, furiosamente, enquanto nos entregamos à nobre arte do *air guitar*, para no momento seguinte entrarmos no ambiente introspetivo do *pop* psicadélico oferecido pelo Festival Milhões de Festa, ou ainda o momento em que não desmobilizámos, sob chuva intensa, no terceiro dia do Festival Optimus Primavera Sound e podemos desfrutar de extraordinários concertos, como foram o dos The XX, Wavves, Dirty Three ou Washed Out.

Considerações finais

A dissertação aqui apresentada corresponde à paixão, diariamente alimentada, pela música nas suas manifestações mais “rockeiras”. Paixão esta que floresceu na escuta do álbum *Goo*, dos Sonic Youth e do *rock* melancólico de *Ok Computer*, dos Radiohead, e na constante procura de música ao vivo com predileção para os festivais de música. Movidos pelo entusiasmo do início da época estival e da agenda dos festivais de verão, não podemos deixar de assinalar o ano inaugural do evento Optimus Primavera Sound no Porto, nem de experimentar o festival Milhões de Festa em Barcelos. À luz do conceito de cena musical, pretendemos com o estudo apresentado sistematizar a relação entre o local e a música. Como exemplificámos, o conceito de cena encoraja o exame da interconexão entre os atores sociais e os espaços culturais, geralmente abraçados pelos cenários urbanos. Contudo, esse espaço não se estabelece apenas nos territórios físicos mas também virtuais.

As paisagens sonoras dos dois festivais constituíram, então, o contexto perfeito para a constatação da presença de cenas musicais locais, translocais e virtuais, através do relacionamento estabelecido entre os festivaleiros, músicos, promotores e patrocinadores. Relacionamento este que se inscreve, apenas, na relação com a música nas suas diferentes linhas de produção. Com efeito, as teorias da Escola de Birmingham, apoiadas na afirmação de classes sociais, através de diferentes consumos musicais e estilos de vida, não se adaptam às realidades juvenis atuais, estas unem-se pelo prazer da música e afirmam a sua identidade grupal pelos consumos festivaleiros que realizam.

As entrevistas e observações feitas confirmaram a presença de neotribos, caracterizadas pelo consumo de *indie rock* e *rock* alternativo, e de uma clara oposição ao *mainstream* e à música “mais comercial”. Posição esta que se reflete no número considerável de concertos que assistem ao longo do ano, confirmando a sua posição de consumidores culturais. Outras conclusões coincidem com as novas apostas e tendências do turismo cultural nestes eventos ao ar livre, tornando-os instrumentos de desenvolvimento de políticas culturais, muitas vezes patrocinados pelos agentes do poder local. Com efeito estes eventos têm conquistado cada vez mais adeptos e têm promovido Portugal à escala internacional.

Assim, finalizando com a conclusão mais evidente, as pesquisas e leituras feitas aumentaram a paixão e equacionaram um profundo amor pela música *rock*. Contudo, este respeito e gratidão artística são também partilhados por todos os que contactamos

no âmbito do trabalho empírico. Os festivais explicitam, então, as diferentes relações de partilha entre todos os atores sociais, que podem ser locais, translocais e virtuais. Criam, assim, redes de partilha, de sentimentos e fruição em torno do *rock* alternativo.

Glossário

Blues – o género musical surgiu nos Estados Unidos, a partir de cânticos religiosos, de gritos e canções de trabalho, com forte influência estilística da África Ocidental. Interpretado pelas comunidades de escravos, as suas letras incluem, muitas vezes protestos contra a escravatura ou formas de escapar da mesma. O *blues* exerce grande influência em géneros e subgéneros de música popular ocidental, como o *jazz*, o *rhythm & blues*, *rock n' roll*, *country*, entre outros.

Dance music – é um género musical que se desenvolveu principalmente na década de 1990, através da disseminação de variados estilos de música eletrónica. Os estilos incluem *techno*, *house*, *trance*, *drum & bass*, entre muitos outros difíceis de classificar devido às diversas possibilidades que a música eletrónica oferece.

Gótico/ *Goth* – representa uma das subculturas mais distintivas dos últimos anos. A dedicação dos envoltivos a um modo de vida que, visto de fora, pode parecer *dark* e sinistro. O *rock* gótico surge no final dos anos de 1970 e consiste num subgénero do pós-*punk* e na música característica da subcultura gótica.

Grunge – a música *grunge* trata um subgénero do rock alternativo que surgiu no final dos anos de 1980 no estado americano de Washington, mais concretamente na cidade de Seattle. As letras dos projetos integrantes caracterizam-se geralmente por sentimentos de angústia e sarcasmo, ou por temas de como a alienação social, confinamento e desejo de liberdade. A estética *grunge* é despojada e muitos músicos destacam-se pela aparência desleixada e por rejeitarem a teatralidade nas suas atuações.

Heavy metal – género musical (muitas referido apenas como *metal*) que se desenvolveu no final da década de 1960 e início de 1970 principalmente no Reino Unido e nos Estados Unidos. Tendo como raízes o *blues rock* e o *rock* psicadélico, as

bandas que disseminaram o género caracterizam-se por um som maciço, com altas distorções amplificadas, prolongados solos de guitarra e bateria. São exemplo disso, bandas como Black Sabbath, Motorhead, Iron Maiden ou Megadeth.

Hip Hop – é um movimento artístico que se iniciou durante a década de 1970 nas áreas das comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas, na cidade de Nova Iorque. Afrika Bambaataa, um dos percursores do movimento, estabeleceu quatro elementos essenciais da cultura *hip hop*: o *rap*, o *DJing*, a *breakdance* e o grafite. Outros elementos incluem também a “moda *hip hop*” e as próprias gírias.

Indie rock – o termo é frequentemente utilizado para descrever os meios de produção e distribuição de música *underground* independente e dissociada das grandes editoras. Os artistas *indie rock* são reconhecidos por manterem o controlo da música, da produção e da sua carreira, lançando álbuns em gravadoras independentes (companhias por vezes gerenciadas pelos próprios artistas, como por exemplo a DFA Records, de James Murphy, que editou toda a discografia dos Lcd SoundSystem) e grande parte do seu trabalho é divulgado nos concertos ao vivo, em rádios independentes e na internet.

Jazz – género musical originário dos Estados Unidos no início do século XX, na cidade de Nova Orleães. Desde o início do seu desenvolvimento, o *jazz* criou diversos subgéneros como o *dixieland*, o *swing* das *big bands*, o *bebop*, o *jazz* latino e o *fusion*. Devido à disseminação mundial, o *jazz* adaptou-se a muitos estilos musicais locais, tendo assim uma grande variedade melódica, harmónica e rítmica.

Mod – subcultura de origem inglesa, mais concretamente na cidade de Londres, na década de 1950. A subcultura *mod* é constituída, inicialmente, por jovens da classe média, obcecados pelas tendências da moda e estilos musicais, como fatos italianos bem justos e *jazz* e *rhythm and blues*.

Punk – a subcultura *punk* possui determinadas características como o princípio de autonomia de “faz por ti mesmo”, o interesse por uma aparência agressiva, o sarcasmo niilista e a subversão da cultura. Entre os elementos caracterizadores do *punk* podem constar: o estilo musical, a moda, o *design*, as artes plásticas, o cinema, a poesia e também o comportamento (podendo incluir princípios éticos e políticos definidos). O movimento *punk* surge num contexto de contracultura, reação à não violência da cultura *hippy* e ao otimismo que a caracteriza.

Rap – é um discurso rítmico com rimas e batidas que surgiu no final do século XX, entre as comunidades negras dos Estados Unidos. É um dos cinco pilares fundamentais do género *hip hop*. Pode ser interpretado *a capella*, bem como com um som de fundo (*beat box*). Os cantores de rap são conhecidos como *rappers* ou *MCs* (abreviatura para mestre de cerimónias).

Rock alternativo – é um termo que pode identificar todo o *rock* não proveniente do *mainstream* ou das *major labels*, o que não significa necessariamente que os projetos assim rotulados não se insiram neste contexto e que não sejam financiadas por contratos com grandes editoras. *Rock alternativo* pode também descrever os artistas *underground* dos anos 1980 e bandas *rock* da década de 1990, ligadas a diversos subgéneros musicais como o *indie rock*, *post-punk*, *new wave*, etc.

Rock n’roll – é um estilo musical que surgiu nos Estados Unidos no final dos anos 1940 e início de 1950, com fortes influências da música *country*, *blues*, *R&B* e *gospel*, que rapidamente se espalhou por todo o mundo. O instrumento mais comum é a guitarra. A batida é essencialmente um *blues boogie-woogie* com contratempo acentuado.

Rockabilly – é um dos subgéneros do *rock n’roll*, o termo *rockabilly* é uma junção dos termos *rock* e *hillbilly* (música *country* que costumava ser chamada de *hillbilly* nos anos 1940 e 50). Outras importantes influências foram o *western swing*, o

boogie woogie e o *rhythm & blues*. Chuck Berry, Jerry Lee Lewis, Carl Perkins, Bill Halley, Wanda Jackson ou Eddie Cochran são alguns dos principais intérpretes do subgênero.

Skinhead – é uma subcultura que nasceu no seio dos jovens operários ingleses, nos anos de 1960. Esta subcultura era originalmente baseada na moda, na música e no estilo de vida e não na política, nem em questões raciais. No final dos anos 1970, a raça, a política tornaram-se características determinantes, gerando divergências e divisões entre a subcultura. O contexto político da subcultura skinhead abrange a extrema direita e a extrema esquerda. O estilo *skinhead* caracteriza-se pelo seu vestuário (botas de biqueira de aço e suspensórios), pelo culto à virilidade, ao futebol e ao hábito de beber cerveja. Está também ligado à música, especialmente *ska*, *streetpunk/ oi!*, *punk rock* e *hardcore*.

Teddy boys – subcultura britânica das décadas de 1950, 60 e 70, tipificada pelo vestuário usado (roupas inspiradas no estilo da era eduardiana) e pela associação à música *rock n'roll* e *rockabilly*. Os *teddy boys* eram uma clara oposição aos *mods*.

Referências bibliográficas

ABREU, Paula (dezembro 2004) – Músicas em movimento. Dos contextos, tempos e geografias da performance musical em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. nº 70. p. 159-181.

ABREU, Paula (2001) – Públicos culturais nas cidades ou das cidades? In PINHEIRO, Magda; BAPTISTA, Luís V.; VAZ, Maria João (org.) – *Cidade e metrópole centralidades e marginalidades*. Oeiras: Celta Editora. p. 159-170.

ABREU, Paula; SANTOS, Helena (setembro 2000) – Culturas e Cidades: Espaços, Dinâmicas, Públicos. Algumas Pistas de Análise. *Oficina CES*. nº 152.

ABREU, Paula (fevereiro 2000) – Práticas e consumos de música(s): ilustrações sobre alguns novos contextos da prática cultural. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. nº 56. p.123-147.

AZEVEDO, Natália (2007) – *Políticas culturais, turismo e desenvolvimento local na área metropolitana do Porto: um estudo de caso*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BENNETT, Andy (2008) -*Towards a Cultural Sociology of Popular Music*. [Em linha]. [Consult. abril 2012]. Disponível em: <http://jos.sagepub.com/content/44/4/419>.

BENNETT, Andy; PETERSON, Richard (2004) - *Music Scenes: Local, Translocal & Virtual*. Nashville: Vanderbilt University Press.

BENNETT, Andy (2004) - *Consolidating the music scenes perspective*. Surrey: Department of Sociology, School of Human Sciences, University of Surrey.

BENNETT, Andy (2002) - Estilos Globais, Interpretações Locais: Reconstruindo o “Local” na Sociologia da Cultura Juvenil. *Fórum Sociológico*, nº 7 e 8, p. 49-67.

BENNETT, Andy (2000) - *Popular Music and Youth Culture: Music Identity and Place*. Basingstoke: Hampshire.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia (janeiro – julho 2005) – Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol.2. nº1. p. 68-80.

BOURDIEU, Pierre (2007) – *A distinção: a crítica social do julgamento*. São Paulo: Editora Zouk.

CASALEIRO, Paula; QUINTELA, Pedro (2008) – *As paisagens sonoras dos Centros Históricos de Coimbra e do Porto: um exercício de escuta*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

CASTRO, Gisela (2007) – *Música, juventude e tecnologia: novas práticas de consumo na cibercultura*. São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing.

COHEN, Sara (1991). *Rock Culture in Liverpool: Popular Music in the Making*. Oxford: Clarendon Press.

COHEN, Sara (1988) - *Decline, Renewal and the City in Popular Music Culture: Beyond the Beatles*. Burlington: Ashgate Publishing Company.

CONNOR, Alan O' (2002) - Local scenes and dangerous crossroads: punk and theories of cultural hybridity. *Popular Music*. Vol. 21. p. 225-236.

CORBIN, Alain (1995). *A História dos Tempos Livres*. Lisboa: Editorial Teorema.

CUMMINGS, Joanne (outubro 2008) – Trade mark registered: Sponsorship within the Australian Indie music festival scene. *Continuum: Journal of Media & Cultural Studies*. vol. 22. nº5. p. 675-685.

CUMMINGS, Joanne (2007) – We're All in This Together: The Meanings Festivalgoers Attribute to Their Music Festival Participation. In KALLIONIEMI, Kari; KARKI, Kimi; MAKELA, Janne; SALMI, Hannu (org.) – *History of Stardom Reconsidered*. Turku: International Institute of Popular Culture. pp. 153-157.

CUMMINGS, Joanne (2005) – *Australian Indie Music as Scenes*. Tasmania: Tasa Conference 2005, University of Tasmania.

CUMMINGS, Joanne (s.d.) – *Selling the Indie Scene. Music Festivals, Neo-tribes and Brand Communities*. Sydney: University of Western Sydney.

DUFFY, Michelle (s.d.) – *Performing A Sense Of Place*. [Em linha]. [Consult.Março 2012]. Disponível em: <http://www.snarl.org/youth/duffy1.pdf>.

FERNANDES, António Teixeira (s. d.) - *Dinâmicas urbanas e poder político*. [Em linha]. [Consult.Abril 2012]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigos8401.pdf>.

FILHO, Jorge (2007) - *Mediações e experiência: perspectivas de investigação sobre as dinâmicas expressivas do Rock*. Salvador: I Encontro de Mídia & Música Popular Massiva.

FILHO, Jorge; FERNANDES, Fernanda (2005) – *Jovens Espaço Urbano e Identidade: Reflexões sobre o Conceito de Cena Musical*. Uerj: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

FIRTH, Simon (2002) - Globalização e Fluxo Cultural: o Caso da Música Rock Anglo-Americana. *Fórum Sociológico*, nº 7 e 8, p. 127-143.

FIRTH, Simon (1981) - The magic that can set you free: the ideology of folk and the myth of rock. *Popular Music*. Vol.1. p.159-168.

FORTUNA, Carlos (outubro 2002) – *Culturas urbanas e espaços públicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico*. Revista Crítica de Ciências Sociais. nº 63.

FORTUNA, Carlos (1997) - *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editora.

GETZ, Donald (1991). *Festivals special events and Tourism*. New York: Butterworth Hienemann.

GRATTON, C., TAYLOR, P.D. (1995) - *Impacts of festival events: a case study of Edimburgh*. London: YHT Lda.

GUERRA, Paula (2012) - *Following the scene! The pop rock music festivals as spaces of extended transactions in Portugal. Soundtracks: Music, Tourism and Travel. 6-9 July 2012*. Liverpool: The Institute of Contemporary Music Performance/ Leeds Metropolitan University.

GUERRA, Paula (2010) – *A Instável Leveza do Rock. Génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*, Vols. 1,2,3 Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

GUERRA, Paula (2004) – *Culturas urbanas emergentes e/ou alternativas: músicas, sonoridades e estéticas*. Porto: Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto.

GUERRA, Paula (1992) – Tecido urbano atual: continuidade ou descontinuidade. *Revista Faculdade de Letras: Sociologia*. Série I. vol.2.

HARVEY, David (1989) – *The Condition of Postmodernity*. London: Blakwell.

HODKINSON, Paul (2004) – Translocal connections in the goth scene. In BENNET, Andy; PETTERSON, Richard A. (org.) – *Music scenes: local, translocal and virtual*. Nashville: Vanderbilt University Press.

LOPES, João Teixeira (1998) – Sociabilidade consumos culturais: contributos para uma sociologia da fruição cultural. *Revista Faculdade de Letras: Sociologia*. Série I, vol. 8. p. 179-188.

MACIEL, Bárbara (2011) – *Festivais de música e turismo: dois estudos de caso: Les Aralunaires e Milhões de Festa*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

KAURANEN, Reeta (2010) – *Live Rock Scene in Helsinki, Management and Communication*. Jyväskylä: Jyväskylän Ammattikorkeakoulu, JAMK University of Applied Sciences.

KRUSE, Holly (dezembro 2010) – Local Identity and Independent Music Scenes, Online and Off. *Popular Music and Society*. vol. 33. nº 5. p. 625-639.

NURSE, Keith (2001) – *Festival Tourism in The Caribbean. An Economic Impact Assessment*. Washington: Inter-American Development Bank.

OLSON, Mark (1998) – Everybody loves our town – scenes, spaciality, migrancy. In SWISS, Thomas (org.) – *Mapping the beat – popular music and contemporary theory*. Malden, MA: Blackwell. p. 269-289.

PELICANO, Marisa (2009) – *Festivais de Música – Perfil do consumidor e determinantes dos padrões de consumo*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia da Universidade de Aveiro.

PETITING, Carolina Santos (2008) – *Festival de Verão Salvador: Significado para o turismo, a música independente, a economia e o marketing da cidade*. Salvador: Universidade Federal da Bahia.

PRENTICE, Richard; ANDERSEN, Vivian (2003) – Festival as Creative Destination. *Annals of Tourism Research*. vol. 30. nº1. p. 7-30.

RHEINGOLD, Howard (1994) – *The Virtual Community: Finding Connection in a Computerized World*. London: Secker and Warburg.

SARMENTO, João (2007) - *Festivais de Música de Verão: artes performativas, turismo e território*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

SIMÕES, José; NUNES, Pedro; CAMPOS, Ricardo (2005) - Entre Culturas e Neotribos: Propostas de Análise dos Circuitos Culturais Juvenis. O Caso da Música Rap e Hip Hop em Portugal. *Fórum Sociológico*. nº 13 e 14. p. 171-189.

SLOBIN, Mark (1993)- *Subcultural sounds: micromusics from the west*. Midletown: Wesleyan University Press.

STHALL, Geoff (2004) – “It’s like Canada reduced”: setting the scene in Montreal. In BENNET, Andy; KAHN, Harris K.; STRAW, Will (org.) – *After Subculture: Critical Studies in Contemporary Youth Culture*. Basingstoke: Palgrave.

STRAW, Will (2002) – *Time, Culture and Heritage*. Salvador, Bahia: Intercom.

STRAW, Will (1991) – *Systems of articulations, logics of change: communities and scenes in popular music*. Cultural Studies. vol. 5. nº3. pp. 368-388.

STRAW, Will (s.d.) – *Scenes and Sensibilities*. [Em linha]. [Consult.Março 2012]. Disponível em: <http://strawresearch.mcgill.ca/StrawPublicScenes.pdf>.

RIVERO, Concepción Regidor (2009) – *Impacts of music festival on tourists destination image and local community*. Bournemouth: Bournemouth University.

THORNTON, Sarah (1995) - *Club Cultures: Music, Media and Subcultural Capital*. Cambridge: Polity Press.

WEINSTEIN, Denna (2000) - *Heavy Metal: The Music and its Culture*. [Em linha]. [Consult.Julho 2012]. Disponível em:

http://books.google.pt/books/about/Heavy_Metal.html?id=3agT6ppMowC&redir_esc=y
].

Sítios eletrónicos

[Consult. junho, julho, agosto 2012]

Blitz – <http://www.blitz.aeiou.pt>

Cascais Music Festival - <http://www.cascaismusicfestival.pt/>

Díário de Notícias – <http://www.dn.pt>

Facebook - <https://www.facebook.com/>

Festivais de Verão- <http://www.festivaisverao.com/>

Festival Barreiro Rocks - <http://www.barreirorocks.org/>

Festival Milhões de Festa - <http://www.milhoesdefesta.com/>

Festival Optimus Primavera Sound - <http://optimusprimaverasound.com/>

Festival Paredes de Coura - <http://www.paredesdecoura.com/2012/>

Instituto Nacional de Estatística - <http://www.ine.pt/>

Jornal i – <http://www.ionline.pt>

P3, Público - <http://p3.publico.pt/>

Pt Jornal - <http://www.ptjornal.com/>

Ritmos Lda. - <http://www.ritmos.biz>

Turismo de Portugal - <http://www.turismodeportugal.pt/>

Woodstock festival – <http://www.woodstock.com>

Anexo 1 Guiões de observação e de entrevistas

Guião de observação

1. Práticas culturais /ambiente cultural
 - 1.1 Relação tempo/prática, momento de fruição
 - 1.2 Espaço – palcos (identificar as diferentes toponímias); ambiência (estética, sons, decoração, cheiros)

2. Atores sociais e concertos
 - 2.1 Perfil (idade, género)
 - 2.2 Modos de apresentação (vestuário, acessórios...)
 - 2.3 Interação (comportamentos, atitudes)
 - 2.4 Envolvimento no concerto (palcos e áreas adjacentes)
 - 2.5 Audição das bandas (gestos, olhares, posturas...)
 - 2.6 Procura de contatos com bandas (concertos e áreas adjacentes)

Guião de entrevista – públicos do festival Optimus Primavera Sound

Data:

Local:

Idade:

Sexo:

Grau de escolaridade:

Nacionalidade:

Residência:

Atividade profissional detalhada:

1. Festival Primavera Sound.

1.1 Identificar através de que meio teve conhecimento do festival (imprensa, website, blogs, redes sociais).

1.2 Averiguar se conhece o Primavera Sound em Barcelona e se já esteve presente.

1.3 Abordar as semelhanças e diferenças entre este festival e outros festivais de música em Portugal.

1.4 Identificar os diferentes festivais de música em Portugal (oferta, cartazes, organizações).

1.5 Apurar os festivais que frequenta em Portugal e no estrangeiro (porquê? e com o qual mais se identifica).

1.6 Hierarquizar os diferentes Festivais (o que mais gosta até aos menos importantes, a seu ver).

1.7 Avaliar que impacto terá o Optimus Primavera Sound no panorama do *rock* alternativo em Portugal e nas dinâmicas culturais do Porto e Norte de Portugal.

1.8 Identificar as razões que levaram à escolha do festival Optimus Primavera Sound (cartaz, presença de uma banda emblemática, companhia dos amigos, férias/turismo, convívio)

2. Gostos e pertenças musicais.

2.1 Identificar gostos musicais (géneros e subgéneros, bandas, influência de amigos e familiares, as marcas associadas).

2.2 Abordar a importância da música ao vivo na definição dos gostos musicais (evolução dos gostos musicais ao longo da vida, razões e tendências).

2.3 Avaliar o que influencia os gostos musicais (família, amigos, local de residência, rádio, redes sociais, concertos, festivais...).

2.4 Inquirir sobre a definição de cena musical (como define, que imagens e lugares associa).

2.5 Questionar acerca das suas frequências de música ao vivo no último ano, em sala e em festival (bandas, músicos, festivais e frequência em festivais internacionais).

3. Localização e práticas turísticas.

3.1 Identificar onde fica hospedado (hostel, pensão, hotel).

3.2 Nº de dias.

3.3 Identificar outros locais que pretende visitar na cidade do Porto ou nas outras cidades circundantes (locais, sítios, monumentos, arquitetura, cafés, bares...).

3.4 Avaliar a frequência em festivais de música como uma prática turística.

Guião de entrevista – públicos do festival Milhões de Festa

Data:

Local:

Idade:

Sexo:

Grau de escolaridade:

Nacionalidade:

Residência:

Atividade profissional detalhada:

1. Festival Milhões de Festa.

1.1 Identificar através de que meio teve conhecimento do festival (imprensa, website, blogs, redes sociais).

1.2 Averiguar se esteve presente nas edições anteriores.

1.3 Abordar as semelhanças e diferenças entre este festival e outros festivais de música em Portugal.

1.4 Identificar os diferentes festivais de música em Portugal (oferta, cartazes, organizações).

1.5 Apurar os festivais que frequenta em Portugal e no estrangeiro (porquê? e com o qual mais se identifica).

1.6 Hierarquizar os diferentes festivais (o que mais gosta até aos menos importantes, a seu ver).

1.7 Avaliar que impacto terá o festival Milhões de Festa no panorama do *rock* alternativo em Portugal e nas dinâmicas culturais do Porto e Norte de Portugal.

1.8 Identificar as razões que levaram à escolha do festival Milhões de Festa (cartaz, presença de uma banda emblemática, companhia dos amigos, férias/turismo, convívio).

2. Gostos e pertenças musicais.

2.1 Identificar gostos musicais (géneros e subgéneros, bandas, influência de amigos e familiares, as marcas associadas).

2.2 Abordar a importância da música ao vivo na definição dos gostos musicais (evolução dos gostos musicais ao longo da vida, razões e tendências).

2.3 Avaliar o que influencia os gostos musicais (família, amigos, local de residência, rádio, redes sociais, concertos, festivais...).

2.4 Inquirir sobre a definição de cena musical (como define, que imagens e lugares associa).

2.5 Questionar acerca das suas frequências de música ao vivo no último ano, em sala e em festival (bandas, músicos, festivais e frequência em festivais internacionais).

3. Localização e práticas turísticas.

3.1 Identificar onde fica hospedado (hostel, pensão, hotel).

3.2 Nº de dias.

3.3 Identificar outros locais que pretende visitar na cidade de Barcelos ou nas outras cidades circundantes (locais, sítios, monumentos, arquitetura, cafés, bares...).

3.4 Avaliar a frequência em festivais de música como uma prática turística.

Guião de entrevista - músicos

Data:

Local:

Idade:

Sexo:

Grau de escolaridade:

Nacionalidade:

Residência:

Atividade profissional detalhada (músico *full time*, *part time*)

1. Festival Optimus Primavera Sound/ Milhões de Festa.

1.1 Identificar através de que meio teve conhecimento do festival (imprensa, website, blogs, redes sociais).

1.2 Averiguar se esteve presente nas edições anteriores.

1.3 Abordar as semelhanças e diferenças face a outros festivais de música.

1.4 Identificar outras cidades portuguesas em já esteve presente (festivais, salas de espetáculos).

1.5 Que impacto terá o festival Optimus Primavera Sound/ Milhões de Festa no panorama do rock alternativo em Portugal e nas dinâmicas culturais de Barcelos e Norte de Portugal.

2. Campo musical – *rock* alternativo/ *indie rock*.

2.1 Importância das redes sociais, *website*, *blogs*.

2.2 Relação com a imprensa.

2.3 Novo panorama fonográfico – cd, mp3, *download*.

2.4 Projetos anteriores e futuros.

Guião de entrevista - promotores

Data:

Local:

Idade:

Sexo:

Grau de escolaridade:

Nacionalidade:

Residência:

Atividade profissional detalhada:

1. Origem e funcionamento.

1.1 Objetivos e razões da atividade de promotor (data, primeiro evento, viragem, principais acontecimentos).

1.2 Linhas de programação (espetáculos, bandas) e principais géneros musicais.

1.3 Parceiros (financeiros, coprodução, cedência de materiais).

1.4 Público-alvo e seleção dos artistas (avaliação interna face aos eventos).

1.5 Promoção do evento (canais utilizados: internet, redes sociais, imprensa).

1.6 Projetos futuros.

1.7 Análise aos mercados das produtoras/ promotoras nacionais e a sua importância no campo musical (análise da concorrência e da estratégia).

1.8 Quem dita as tendências musicais (managers, promotores, editoras, rádios...).

2. Campo musical português.

2.1 Caracterização do atual panorama musical (*pop rock*, *indie rock*, entre outros).

2.2 Avaliação da divulgação da música portuguesa.

2.3 identificação dos estilos mais importantes atualmente.

2.4 Definição de cena musical (como define, que imagens e lugares associa).

2.5 Frequências de música ao vivo no último ano, fora da atividade profissional (bandas, músicos, festivais e frequência em festivais internacionais).

3. Gostos e pertenças musicais.

3.1 Gostos musicais (géneros e subgéneros, bandas, etc.).

Guião de entrevista - patrocinador

Data:

Local:

Idade:

Sexo:

Grau de escolaridade:

Nacionalidade:

Residência:

Atividade profissional detalhada:

1. Importância da música na Optimus (eventos, promoção de novos projetos e bandas portuguesas, o caso da Optimus Discos).

2. Festival Optimus Primavera Sound.

2.1 Balanço (aspetos mais positivos).

2.2 Atividades futuras (intervenções, colaborações).

3. Gostos e pertenças musicais.

3.1 Gostos musicais (géneros e subgéneros, bandas, etc.).

Anexo 2 Entrevistas públicos - Optimus Primavera Sound/ Milhões de Festa

Análise categorial entrevista 1

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
8 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	31	Masculino	Licenciatura	Portuguesa	Coimbra	Designer numa empresa de design gráfico na Curia

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Eu tive conhecimento do festival numa primeira instância através da minha namorada, nós já tivemos em Barcelona em 2009, entretanto achei uma boa ideia e combinámos com um casal amigo nosso vir ao Festival”	Soube pela namorada e mais tarde pelos canais habituais, imprensa, internet e rádio.
“Eu não vou a um festival por um conceito, vou pela música, vou lá porque o cartaz me interessa, porque têm bandas que conheço que me interessam, outras que não conheço e que me levam a pesquisar” “coisa que gosto muito num festival é andar com o programa e identificar as bandas, ver as bandas a tocar e ficar a ouvir, foi com este espírito que fui para o Primavera Sound de Barcelona” “A reedição do festival Vilar de Mouros em 1996, para mim os espetáculos mais bonitos que estive, a viagem, toda a envolvência, as pessoas” “Talvez o meu preferido seja Paredes de Coura”	- O principal interesse é a música, melómano, está sempre em constante descoberta de música ao vivo. - Identifica cada um dos festivais como uma nova experiência - Pretende ir a mais festivais este ano

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
---------	---------

“Eu considero-me um melómano, consumo quase todos os estilos de música, a música é uma fonte de alimentação, é uma bolsa ar que tenho de respirar” “...lembro-me de começar a ouvir a música do meu pai, a pessoa que tenho que agradecer bastante, que desde pequenino quase que me obrigou a ouvir cassetes dos The Clash, do Zeca Afonso, Vitorino, Janita Salomé Ran Kyao, José Mario Branco” “cresci a ouvir o punk inglês, Sex Pistols, os The Clash...” “estou numa fase em que recuei um pouco no tempo, voltei a ouvir o que ouvia quando tinha 17 anos, gosto muito de punk nova iorquino”	Amante de música e consumidor de todos os géneros de música, mas o seu dia a dia foi muito marcado pelo punk inglês e americano. Influenciado inicialmente pelo pai, mais parte de uma pesquisa pessoal e de algumas sugestões de amigos.
“A cena musical, é uma questão muito subjetiva com a mudança tecnológica podes estar a ver um concerto na internet, efeito da globalização..”	Chama a atenção para os efeitos da globalização, potenciados pelas novas tecnologias, e o desenvolvimento das cenas virtuais

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Pode ser uma prática turística, mas por vezes é difícil conciliar as duas coisas ir ao Festival, vais ao festival à noite não vais poder conhecer a cidade à noite nem de dia, aproveitais para descansar para o dia seguinte de festival..” “termos turísticos também vai atrair mais pessoas, será bom para o comércio...”	Fica apenas os dias do festival em casa de um amigo. Vem apenas para o festival, pois desloca-se regularmente ao Porto e prefere visitar a cidade noutras ocasiões. No entanto considera a ida a um festival uma prática turística.

Análise categorial entrevista 2

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
8 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	34	Masculino	Licenciatura Eng. Florestal	Espanhol	Pontevedra	Topógrafo

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“No Primavera de Barcelona, quando referiram o alargamento do festival a uma segunda cidade” “Sempre as bandas, sempre a música, se não me convencem, não vou. Habitualmente, procuro festivais com grupos e bandas que quero ver...” “Creio que o determina um bom festival é principalmente as pessoas que vão para ver e ouvir música e não aqueles a quem os concertos são indiferentes...” sala, de preferência pequena. Creio que num festival se perde a essência das bandas	Teve conhecimento do festival pela organização de Barcelona. . Vem apenas pela música e as bandas que conhece mas acha também importante que o público esteja na mesma cena. . Prefere concertos em salas pequenas, onde na sua opinião de vê a verdadeira essência das bandas.
“Habitualmente vejo 50 a 60 concertos por ano...”	Práticas culturais ativas

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
	Consumidor de <i>indie rock</i> desde tenra idade, influenciado pelos seus amigos mas principalmente por aquilo que procura na imprensa musical (online)

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“já conheço o Porto já vim várias vezes, conheço a cidade de dia e de noite e agora estou apenas para ver o festival”	Fica apenas os dias do festival num hotel em Matosinhos

Análise categorial entrevista 3

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
8 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	32	Masculino	Licenciatura em Matemática	Português	Lisboa	Consultor

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“...pela internet, por blogues, por sites de música. De seguida a pesquisa das bandas que passam pelo Festival, no site do Primavera Sound e em outros sítios.”	Teve conhecimento do festival pelas várias notícias que apareceram na internet Nunca esteve no Primavera Sound de Barcelona
“claramente os que gostei mais, mas em níveis diferentes, Alive e Paredes de Coura, o que gostei menos o Super Bock no Meco que é horrível” “...a música, mais nada...”	Frequenta vários festivais ao longo do ano, o sua única razão é a música, bandas que quer ver ao vivo
“...alguns dias antes pesquisei no youtube algumas bandas que quero ver”	Pesquisa regularmente notícias e novas músicas na internet

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“...oiço tudo um pouco, as coisas que ficam e há coisas que vão, oiço bastante música mas sinto-me mais ligado ao <i>rock indie</i> e alternativo e agora a cenas mais eletrónicas, do género de M83...” “falo com muita gente ligada à música, discuto muito sobre música...”	Considera que tem um gosto eclético, mas escolhas muito focadas no <i>indie rock</i> e alternativo. Influenciado por amigos ligados à música, discute regularmente o assunto, tema que lhe interessa cada vez mais.
“Acho que está a voltar à estética, já vê a Nike e a Adidas a patrocinarem festivais e a entrarem em força em <i>merchandising</i> , cada vez mais a música é estética em toda a linha não só ao vivo” “por exemplo Braga tem imensas bandas <i>rock</i> . No país todo associa bandas estilos de música a cidades”	Quando questionado sobre as cenas musicais dos festivais, regista a presença ativa de <i>sponsors</i> , marcas cada vez mais associadas aos eventos. Por outro lado, associa também géneros musicais a determinados locais, a cidades especificamente.
“e sou capaz de ver uma média de concerto e meio por semana”	Vê concertos ao vivo regularmente em espaços noturnos e outras salas de espetáculos, vincando a forte oferta cultural da cidade de Lisboa e de o Music Box, espaço que corresponde ao seu gosto musical.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Bom festival, urbano, com grande projeção a nível europeu. O Porto é uma cidade que atrai muita gente, cada vez mais tem mais turistas, este festival é outro chamariz para a cidade, e creio que muitas pessoas	Fica apenas os dias do festival em casa de um amigo. Vinca a importância destes eventos para atrair visitantes, não só para verem os concertos mas também para conhecerem a cidade e outros

ficarão o resto da semana para conhecer a cidade.” “sim, acho que estes eventos são um chamariz para a cidade e o festival é um bom pretexto para cá vir”	lugares.
--	----------

Análise categorial entrevista 4

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
8 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	43	Masculino	Licenciatura	Português	Porto	Jornalista freelancer

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“...foi pelos sistemas informativos normais e depois foi pelo campo profissional, através da ligação com a organização deste Primavera Sound.” “...se aproxima mais de Paredes de Coura...” “Relativamente a outros tem pouco a ver, aqui há poucos nomes do <i>mainstream</i> ou nenhum, havia a Bjork mas cancelou, uma grande diferença que o diferencia de todos os outros festivais, também a quantidade de estrangeiros, posso estar a exagerar mas tenho a sensação que são mais que portugueses.”	- Teve conhecimento do festival pelos media e posteriormente pela organização. - Pensa que o festival em estudo se aproxima mais do festival Paredes de Coura, pela oferta musical. - Considera que não é um festival destinado a conhecedores de música, e não tanto focado nas massas como outros exemplos em Portugal. Regista a diferença no público e a presença de um grande nº estrangeiros
“A música e apenas a música. Se o local for aprazível, como é Paredes de Coura e como se está a revelar este sítio tanto melhor.”	Já frequentou vários festivais, por razões profissionais e de lazer, interessa-lhe apenas a música.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“...com 20 anos ouvia o que gostava e os meus ouvidos não estavam disponíveis para mais nada que não fosse aquilo. Entretanto, até por questões profissionais que fui desenvolvendo fui abrindo o meu leque. Neste momento considero-me um melómano em toda a sua plenitude.” “A banda que está acima de tudo, a grande distância de todas as outras, são os Joy Division, a partir tudo que se possa imaginar e que seja descendente mais próxima desse universo, é a música que eu gosto. Dêem-me <i>rock n'roll</i> e eu estarei lá para apreciar.”	Considera-se um melómano e amante de todos os géneros de música, com uma predileção vincada por sons mais rockeiros, semelhantes à sua banda de culto, os Joy Division
“...acho que o PS corresponde, musicalmente, termos de programação cartaz, perfeitamente ao espírito musical do Porto, puxa para aquilo que inicialmente se chamava música de vanguarda e que agora se chama música alternativa, e é essa a alma musical da cidade e principalmente do público que enche a Baixa diariamente, que ouve muitos concertos que já vão havendo pela cidade, e que interage de uma forma estupenda com os visitantes ou turistas <i>low cost</i> que vêm à descoberta de uma cidade fantástica.”	Quando questionado sobre a cena musical, insere o festival na cena local do Porto e na oferta cultural de alguns espaços da cidade, focado no rock alternativo. Pensa que não irá modificar o panorama rock alternativo do Norte mas será um reforço desta cena local, muito influenciada pela cultura alternativa do Reino Unido.

“Penso que a grande referência energética do pessoal em Portugal do rock, o imaginário leva-nos automaticamente a Inglaterra, algumas <i>nuances</i> dos Estados Unidos”	
“... o consumo que faço em casa obriga-me a ir a concertos ao vivo...”	
“Nestes 6 meses (2012), não consigo quantificar exatamente mas já devo ter visto aproximadamente meia centena de concertos”	Quanto aos consumos de música ao vivo, vê concertos com muita regularidade, por razões profissionais e não só.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Eu desloco-me para ir aos Festivais, mais nada. Uns são em Lisboa, outro em Paredes de Coura.”	

Análise categorial entrevista 5

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
8 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	28	Feminino	Licenciatura	Irlandesa	Dublin	Professora do Ensino Secundário

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“the differences between this festival and others, the things are much cheaper , and you get free things, the programme is free (...) everything is money in Ireland”	- Primeira vez que se desloca a Portugal num contexto de Festival. Já visitou Faro por outros motivos. - Consegue identificar algumas diferenças entre o Festival Primavera Sound e outros em que esteve
“ two or three big ones every year”	- Frequentadora de festivais, 2 ou 3 grandes festivais por ano
“was fantastic, the food was good, the men were beautiful, the weather was good...” “the music is not important” “This Festival has a good environment”	- Festival preferido Sziget (Hungria), por diversas razões , a música não é o mais importante - Segundo preferido Glastonbury (UK) - Sobre o Festival P.S. refere o ambiente
“I always had a good time”	Nunca teve uma má experiência ,
“The ticket is very cheap” “... just to be with my friends”	A principal razão que a trouxe ao P.S. o preço do bilhete, e estar com as amigas

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“ I like old music, i love to find old records”	Gosta de “música antiga”, enumera algumas bandas que acompanha como Radiohead e David Bowie
“I always search music on web, and usually read some blogs”	Procura música na internet, trata-se de uma busca pessoal, pouco influenciada pelos amigos e pela família
“ there’s a lot of irish music festivals but I prefer the rock festivals”	Refere a cena musical Irlandesa , Irish Music, mas frequenta os festivais rock
“I love to see music”	Assiste a cerca de 7 concertos por ano, acha importante a música ao vivo

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“ I want to see the river, the old city (...) maybe I’ll grab a bike” “ I want to see the architecture”	Fica no Porto uma semana, mais alguns dias após o festival, para visitar a cidade e ver a arquitetura.
“we rent an apartment”	Para pernoitar Kathy e as amigas optaram por alugar um apartamento.
“ we came to Porto only for the festival”	Considera a frequência em festivais uma prática turística, vincando que se deslocou ao Porto apenas para vir ao festival.

Análise categorial entrevista 6

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
8 jun. 2012	Festival P.S.	28	Feminino	Licenciatura em Comunicação	Venezuelana	Lisboa	Técnica de comunicação na Vodafone

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“...soube do festival através das notícias”	Teve conhecimento do festival através dos media e acompanha regularmente reportagens sobre música
“quero ir, um dia eventualmente”	Nunca esteve no P.S. de Barcelona mas pretende ir, também não tem qualquer experiência em festivais fora do país
“acho que o festival mais semelhante é Paredes de Coura, por tudo o que envolve, não só pelo verde da paisagem (...) também tens um anfiteatro natural”	Quando questionada sobre as semelhanças entre o PS e outros festivais em Portugal, menciona apenas a paisagem
“o Rock in Rio é super elitista (...), o Sudoeste é claramente para um público mais jovem (...) Paredes de Coura tem sempre um cartaz para pessoas que gostam realmente de música, com bandas menos comerciais...”	A entrevista consegue claramente identificar diferenças entre os grandes festivais de verão portugueses, fazendo uma distinção dos públicos.
“a pior experiência que tive foi no Super Bock Super Rock no Meco (...) porque não tem condições” “o que gosto mais, Paredes de Coura (...) pelo ambiente, pela música...”	Consegue rapidamente identificar as suas piores e melhores experiências em Festivais
“as bandas, e o bom ambiente...” “fui ao Meco e não esperava um bom ambiente mas fui pelo cartaz”	As bandas dos cartazes são a principal razão
“espero que fique por mais alguns anos”	Espera que o evento permaneça e pensa que irá mudar o panorama do rock alternativo no Norte

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“quando tinha 12 anos gostava de ouvir Nirvana e Offspring” “os meus amigos influenciavam-me muito e os meus primos mais velhos” “lia muito o Blitz, quando ainda era um jornal” “também passei pelo <i>metal</i> ” “também ouvi <i>hip hop</i> ” “hoje oiço mais pop” “és bombardeada com 500 bandas”	Durante o início da adolescência ouvia determinadas bandas por influência dos amigos e da família. Apesar de não haver a facilidade de acesso à informação web, lia regularmente imprensa musical. Ao longo do seu crescimento passou por vários géneros de música até se afirmar uma consumidora de por rock que tenta estar sempre informada. Assinala o excesso de informação da internet e da seleção que tenta fazer.
“às vezes vês uma banda que gostaste bastante e vais investigar e já estás a dizer a alguém tens que ouvir isto”	Acha importante o contexto de música para a determinação dos gostos domésticos.
O norte é mais alternativo, prefiro ver aqui concertos”	Considera-se parte da cena alternativa da região norte.
“por semana vou a 1 ou 2 concertos, assim em média” “tenho ido muitas vezes ao Hard Rock”	Frequentadora ativa de música ao vivo em diferentes espaços: salas e festivais.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“infelizmente vou ficar só os dias do festival(...) em casa de uma amiga”	Conhecedora da cidade, só fica durante os dias do festival
“acho que se começa a assumir como tal” “gostava de ir ver um festival fora de Portugal”	Acha que a ida a festivais é efetivamente uma prática turística apesar de apenas ter frequentado festivais nacionais

Análise categorial entrevista 7

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
9 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	21	Feminino	Frequenta o ensino superior	Portuguesa	Lisboa	Estudante

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“não me lembro bem, pela internet provavelmente” “por acaso estávamos a falar disso, podíamos ter ido ao de Barcelona em vez deste”	Teve conhecimento do festival pelas notícias web. Apesar de nunca ter estado no festival de Barcelona, pensa um dia ir com os amigos
“vamos muito a festivais, nem que seja só por uma banda que queiramos muito ver (...) é pelo cartaz não é bem o convívio” “dizem que o ambiente é muito bom mas prefiro ver bandas maiores” “o primeiro é o SBSR, segundo lugar o Paredes, o Sudoeste em terceiro (...) o Rock in Rio está definitivamente em último (...) o PS foi a 1ª vez mas é também um dos meus preferidos”	Festivaleira nata, vai a vários festivais anualmente. Os seus preferidos são o Optimus Alive, Paredes e SBSR. A sua principal motivação a música/ as bandas/ cartaz. Nunca foi a produções mais pequenas, como o Festival Bons Sons e Milhões de Festa, pois interessa-lhe as grandes bandas internacionais Consegue enumerar os seus festivais preferidos pela razão primeiramente apresentada
“o ambiente é muito bom as pessoas também (...) tem muitos estrangeiros e notas nos concertos, eles não aplaudem nem gritam”	Elogia principalmente a organização dos festival e deteta algumas diferenças no público, evidentes pelo grande nº de estrangeiros
“ainda não tive essa experiência mas estou quase a tê-la. No próximo ano vou fazer Erasmus em Istanbul e quando chegar já tenho um concerto de Red Hot Chili Peppers e estou a pensar ir a Glastonbury”	Nunca esteve num festival fora do país, pretendo fazê-lo e está bastante informada sobre o que se passa lá fora
“acho fixe, vai trazer mais estrangeiros a Portugal, acho que o país precisa disto, eles estão a pagar hotéis...”	Na sua opinião é muito importante a permanência do festival PS na cidade do Porto

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“A primeira banda foi U2, os meus pais gostavam muito e acabei por ouvir (...) depois passei para uma onda de Greenday, Foo Fighters e depois rock mais pesado, Slipnot, Pantera (...) e depois uma onda mais alternativa com Placebo , Arcade Fire, The Cure” “sim, ontem vi Beach House e no outro dia The Drums adorei, vou procurar...” “música nova procuro em sites estrangeiros, em revistas estrangeiras de música, é uma procura minha ou com a minha irmã ou com a Carolina, e rádio às vezes (...) a Radar	A sua procura inicial de música foi muito influenciada pelos discos dos pais, com a entrada na adolescência e o convívio com os colegas de escola, associa uma série de bandas de subgéneros rock bastante diversos, a várias etapas. O apuramento do gosto, na sua opinião é definido pelos concertos que viu. Quando é surpreendida por uma banda ao vivo faz uma busca pessoal. Como muitos dos participantes é uma melómana informada e busca notícias essencialmente em sítios eletrónicos estrangeiros.

“nunca paguei para ir ao Rock in Rio” “Acho que tirando o Sudoeste é tudo numa onda do <i>rock</i> alternativo, <i>indie</i>...” “ o Sudoeste é aquela coisa, pode ter uma banda boa, o resto é treta...”	Considera que faz parte da cena <i>rock indie</i> alternativo, principalmente pelo consumo de música e os festivais que frequenta. Nunca iria ao festival Rock in Rio, pois não se enquadra nos seus gostos musicais, nem considera que se enquadra no ambiente comercial do festival.
“este ano já estive no Rock in Rio porque me ofereceram um bilhete, no Mexefest no Porto e agora no Primavera.”	Consumidora cultural ativa, principalmente de festivais

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Estou hospedada em casa do meu amigo Igor que nos dá casa a todos...” “só passei no Porto quando estive cá no Mexefest e tirámos fotografias...” “ não iria a Paredes de Coura se não houvesse festival...”	Fica apenas os dias do festival, em casa de um amigo com um grupo de amigos. Teve oportunidade de visitar a cidade numa ocasião anterior, num contexto de festival também. O festivais de música constituem para a entrevistada a ocasião ideal para se deslocar/ viajar para qualquer sítio.

Análise categorial entrevista 8

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
9 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	20	Masculino	2º ano na Escola de Hotelaria do Estoril	Portuguesa	Oeiras	Estudante

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Um amigo o João Carvalho da Ritmos é que me disse que o Primavera vinha ao Porto” “...apaixonei-me pelo cartaz (...) fui vendo as bandas as que conhecia e as que procurei ...” “No Primavera gosto praticamente de tudo” “Está muito bem organizado, na fila das pulseiras, estava muita gente e foram muito rápidos. A experiência que tenho de outros festivais as filas para as pulseiras são sempre intermináveis e demoram imenso tempo”	Teve conhecimento do festival por um amigo e foi acompanhando ao longo dos meses, o anúncio das bandas. A curiosidade pelos nomes menos conhecidos, levou-o a procurar na internet. Nunca esteve em nenhuma edição do PS de Barcelona mas pensa ir um dia, eventualmente. Consegue identificar a boa organização dos serviços, comparando-a com outros festivais em que esteve presente
“o Rock in Rio é como a Alive (...) querem fugir ao <i>pop</i> mas não conseguem. O cartaz tem coisas muito boas e coisas muito más (...) com bandas que já não interessam”	Frequenta vários festivais anualmente, aponta várias críticas a alguns mega eventos como o Rock in Rio e o Optimus Alive
“acho que este festival é uma coisa que fazia falta em Portugal, com cartaz de música alternativa, que traz novas bandas	Na opinião do António faltava um festival com um cartaz coerente, dentro da cena do <i>rock</i> alternativo

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“a primeira banda que descobri por mim foi Ben Harper (...) vi-o no Sudoeste” “Há pouco tempo apaixonei-me por Beatles por causa do meu pai...” “agora estou a ouvir a cena mais eletrónica...” “tenho muitas conversas com amigos meus” “os cartazes que eu vejo de outros festivais, sites, revistas”	Claramente uma evolução de gostos com a idade, primeiramente a busca pessoal de um artista específico, tanto em concertos ao vivo como em casa. Por influência da família e dos amigos descobre outros géneros, “ecletizando” os gostos. Procura informação sobre música na imprensa musical, está atento aos programas de vários festivais e na busca da informação na internet
“acho que a cena alternativa está nos revivalismos dos anos 80 e 90”	Não consegue definir a cena a que pertence, apesar de frequentar vários festivais ao ano e de afirmar-se como um amante do <i>rock</i> alternativo
“Em 2011, contando com festivais, vi mais de 20 concertos. Em 2012 ainda não vi muito.” “Em 2011 estive no Sudoeste, Alive, Delta Tejo e em alguns concertos em salas” “Há bandas que só gosto de ver em sala”	Frequentador assíduo de festivais e concertos, perto da sua área de residência. Na sua opinião, para além das diferenças no público, existem bandas que são mais atrativas em salas fechadas em concertos mais intimistas, e outras para contextos de festivais.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“A primeira ideia era visitarmos a cidade mas tem sido impossível” “Queria muito ir ao mercado do Bolhão, visitar Serralves e andar pelas ruas ”	Está hospedado em casa de um amigo, e fica apenas nos dias do festival.
“Acho que fosse a um festival fora aproveitava para conhecer a cidade e a cultura do país juntava o útil ao agradável”	Considera efetivamente a ida a um festival uma prática turística

Análise categorial entrevista 9

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
9 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	32	Masculino	Doutorado	Portuguesa	Barcelona	Trabalha numa empresa farmacêutica

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Tive conhecimento através do Festival de Barcelona” “Pesquisei regularmente pela internet as bandas de cada um dos cartazes”	Frequentador assíduo da edição em Barcelona (onde já esteve várias vezes) teve conhecimento do festival do Porto através da organização espanhola
“Este é um festival urbano mas acho mais parecido com Paredes de Coura, é um bocado a mesma onda” “uma das diferenças entre festivais de campo e cidade está na maneira como as pessoas se vestem	Frequenta diversos festivais por ano (perdeu a conta), em Portugal e Espanha, visível pelo nº considerável de pulseiras que tem nos pulsos, com predileção por festivais semelhantes ao P S de Barcelona. Consegue traçar alguns paralelismos entre os festivais portugueses.
“a música, o convívio com os amigos, normalmente vamos sempre em grupo...” “de todos os que fui, o meu preferido é o Primavera de Barcelona” “pior experiência, o pó do Meco”	Vai aos festivais pela música, pelo ambiente e pelo convívio com os amigos. O seu festival preferido continua a ser o Primavera Sound de Barcelona, a pior experiência que teve foi no SBSR do Meco devido às condições do espaço.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“primeiro comecei a ouvir música eletrónica”	Começou a ouvir música eletrónica (<i>house, drum n' bass</i>) por influência dos amigos. Procurava informação no jornal Blitz, pois não havia a mesma acessibilidade à internet de hoje.
“gosto de descobrir os grupos que oiço em casa em concerto”	A procura de música em ambiente doméstico define a escolha de concertos ao vivo.
“acho que o Porto teve sempre muita movida, principalmente na cena alternativa”	Define a cena musical da cidade, muito ligada ao <i>rock</i> alternativo que caracteriza algumas das bandas locais e espaços noturnos.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“quando fui a Paredes de Coura sim, aproveitei para ver a vila”	Está hospedado em casa de um amigo e fica apenas os dias do festival. Não aproveita para visitar a cidade nesta ocasião mas refere que em outras experiências em idas a festivais, optou por visitar a região.
“um festival é o pretexto para ir muitos sítios (...) já fui ao Japão e escolhi a data de um festival...”	Considera os festivais uma prática turística.

Análise categorial entrevista 10

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
9 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	22	Feminino	Licenciatura	Espanhola	Madrid	Estudante de Mestrado

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“tive conhecimento pelo meu pai” “já estive no PS de Barcelona, estudo em Barcelona e não podia perder a oportunidade” “Já estive em 3 festivais, contando com este” “o mais importante é a música” “nº 1 o Primavera Sound de Barcelona”	Teve conhecimento do festival através do pai que a acompanha. Não se considera grande frequentadora deste tipo de eventos mas teve 3 experiências diferentes em festivais, uma delas na edição do PS de Barcelona de 2010 (o seu festival preferido) A principal razão que a leva a um festival é a música.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“eu gosto de rock” “eu gosto de bandas como os The Drums” “conheço muitas bandas com o meu pai, os meus amigos não gostam muito de rock” “gostava de ir a mais concertos do que vou mas não tenho dinheiro...”	Considera que tem um gosto eclético e que ouve um pouco de tudo, mas prefere sempre rock. É influenciada principalmente pelo pai. Vai a alguns concertos anualmente, menos do que gostaria.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“venho ver o festival mas também queria ver a cidade” “o <i>hostel</i> é incrível, tem pequeno-almoço e é barato”	Considera os festivais uma prática turística, fica apenas os dias do festival e está hospedada num <i>hostel</i> no Porto.

Análise categorial entrevistas 11 e 12 (realizadas em simultâneo)

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
9 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	27	Feminino	Licenciatura Economia	Portuguesa	Póvoa de Varzim	Trabalha numa empresa de contabilidade
9 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	27	Feminino	Licenciatura	Portuguesa	Póvoa de Varzim	Controler numa empresa de Bijuteria

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Já fomos ao Sudoeste, a Paredes de Coura” (Entrevista 11) “o Sudoeste é claramente um festival para gente mais jovem e com música mais comercial” (Entrevista 11)	Tiveram as duas conhecimento através do Facebook e nunca estiveram em nenhuma edição de Barcelona. Já estiveram em outros festivais como o Sudoeste, Paredes de Coura. Conseguem identificar algumas diferenças entre as diversas ofertas de festivais.
“Paredes de Coura, apesar da chuva, é o meu preferido (...) tem aquele anfiteatro natural, o jazz na relva” (Entrevista 12) “Eu sou mais de Sudoeste, gosto mais de música comercial” (Entrevista 11)	Apesar de irem juntas a festivais, não partilham os mesmos gostos.
“eu sou mais de música comercial, estou a gostar muito, (...) venho ver The XX (Entrevista 11) “Sim, o cartaz é que me trouxe cá” (Entrevista 12)	A música e as bandas de renome são a principal razão da ida ao PS.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Essencialmente os amigos, a rádio também” (Entrevista 11) “No Facebook, alguém posta uma música qualquer e ouves, e depois procuras” (Entrevista 12)	Quem as influencia são essencialmente os amigos e a meios de comunicação, como a rádio, e redes sociais.
“Acho que a cena musical do Porto não é tão alternativa como este festival...” (Entrevista 12)	Acham que oferta noturna da cidade, bem como as bandas do Porto não se enquadram na oferta de rock alternativo do festival.
“em 2011 não faço ideia, fui a alguns” (Entrevista 12)	O festival PS não consiste no primeiro concerto de 2012, foram a menos de 10 concertos em 2011.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“quando vais a Paredes de Coura acabas por visitar a vila, no Sudoeste vais à praia (...) mais dias que o festival não costumo ficar (Entrevista 11)	Consideram a ida a um festival uma prática turística, deslocam-se apenas para o festival.

Análise categorial entrevista 13

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
9 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	32	Masculino	Licenciatura	Espanhol	Porto	Produtor cultural

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Conheço o Festival PS desde o início no Populo Espanhol” “Acho que vou cada vez menos a festivais” “já me identifiquei muito com o Sonar (...) o festival que mais gostei foi o Sonar de 2002 e também gostei muito da 1ª edição do PS em Barcelona” “A pior experiência que tive foi em Paredes de Coura, estava tudo muito confuso” “acho que o festival PS não irá mudar o panorama rock alternativo no Porto. Acho que o Norte de Portugal tem uma estrutura musical <i>underground</i> muito sólida, com muita afluência das pessoas...”	- Conhece a edição de Barcelona onde já esteve em diversas ocasiões. - Afirma que já frequentou mais festivais do que agora e não consegue contabilizar todos em que já esteve presente. - A música é o principal motivo mas também considera a organização um fator importante - Pensa que o festival não irá alterar o panorama do <i>rock</i> alternativo no Norte de Portugal

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Comecei a ouvir coisas mais eletrónicas, Air, Bjork, Tricky...” “Acho que agora estou mais numa cena experimental, como Murcof...” “Procuro muitas vezes no Spotify” “Acabo por descobrir muita coisa em <i>blogs</i>”	- Define todas as fases de consumo de música, associadas a diferentes géneros. - É uma procura pessoal, pouco influenciada por outras pessoas, mais pelos concertos que vê. Procura também na internet, em sítios especializados sobre música.
“Acho que cada vez se distingue mais a cena musical do Sul e do Norte.”	- Identificou claramente a cena musical do Norte, <i>rock underground</i>, na sua opinião mais definida que no sul.
“Em 2011 vi 20 a 25 concertos” “Em 2012 vejo uma média 3 a 4 concertos por semana.”	- Praticante cultural ativo, vê concertos ao vivo regularmente.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“caso não houvesse festival em Paredes de Coura, não iria...” “aproveito estas ocasiões para visitar os sítios e ir	Considera os festivais de música uma prática turística

ao festival”	
--------------	--

Análise categorial entrevista 14

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
9 Jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	28	Feminino	Estudante de Doutoramento	Portuguesa	Coimbra	Bióloga (Bolseira FCT)

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“web talvez, já conhecia o Primavera Sound de Barcelona”	- Teve conhecimento do festival através de notícias na internet. - Já conhecia a edição de Barcelona, onde estive em 2009
“Já estive no SBSR, em Paredes de Coura, já estive no Sudoeste há uns anos...” “a diferença entre este festival e os outros é o cartaz, é muito mais alternativo, os outros são muito mais pensados nas massas” “o PS aposta em bandas que estão a começar a sua carreira” “Paredes de Coura, consigo distanciá-lo dos outros, é meu preferido, pela localização e os cartazes são os menos comerciais, são os que têm mais a ver comigo” “O Sudoeste foi a minha pior experiência (...) fui quando tinha 18 anos e nunca mais voltei”	- Festivaleira ativa já frequentou vários festivais em Portugal e a única experiência que teve fora do país foi o PS de Barcelona em 2009 - O cartaz musical é o principal motivo para a escolha do festival, e a diferença que deteta entre os vários eventos. - O seu preferido é Paredes de Coura pela envolvimento e pela oferta musical - O Festival Sudoeste direcionado para um público mais jovem, é apontado pela falta de organização e pelas más condições do espaço

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“tenho momentos marcados por diferentes músicas” “comecei a ouvir desde o miúdo a ouvir Led Zeplin, Doors (...) música que o meu tio ouvia na altura” “O meu primeiro vínculo musical foi grunge... comecei a vestir camisas de flanela...” “ouvia muito Pearl Jam” “depois cresci e virei-me para o Britpop, é a fase dos Blur e dos Oasis” “acabei o liceu e descobri Radiohead” “agora tenho um gosto mais eletrónico (...) como os Kruder and Dorfmeister”	- Primeiramente por influência de um familiar começa a ouvir os clássicos dos anos 60 e 70. Ao longo da sua adolescência, por influência dos amigos, procura a música grunge muito em voga nos anos 90 com a emergência de algumas bandas em Seattle. Descobre o <i>britpop</i> e os sons mais alternativos do Reino Unido e mais tarde sons mais eletrónicos. Há uma clara influência dos espaços que percorre, adolescência – Vila Real; faculdade – Coimbra, Erasmus – Florença, e a alteração dos seus gostos.

“durante os Erasmus voltei a uma fase mais <i>rock n’roll</i> ”	
“um concerto leva-me a perceber se continuo a consumir a banda ou não” “por outro lado as bandas que descubro em concerto e que me impressionam, levam-me a procurar mais”	A música que vê ao vivo define os seus gostos musicais.
“este ano devo ter visto entre 20 a 30 concertos” “tenho visto muitos concertos <i>rockabilly</i> a única oferta que tenho em Coimbra”	Consumidora ativa de concertos e música ao vivo. No seu local de residência, Coimbra, a oferta é escassa, limitada a um subgénero musical.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“em Barcelona dediquei-me apenas ao festival” “à partida não vou disposta a programa culturais, o festival em si já absorve muito tempo”	Fica apenas os dias do festival em casa de um amigo. Considera os festivais práticas turísticas e constituem a principal razão para a sua deslocação.

Análise categorial entrevista 15

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
10 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	36	Masculino	Licenciatura	Portuguesa	Porto	Engenheiro informático

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“queria muito conhecer este festival, é a minha onda de música mais <i>indie</i>, alternativa” “comecei por ir ao Sudoeste, a Vilar de Mouros há umas décadas...” “nunca fui ao Rock in Rio e ao Alive, festivais mais citadinos, gosto da parte de ir de férias e de ir para a praia...” “não tenho nenhum preferido, gosto de ir a festivais e que me leva continuamente a festivais diferentes” “o fator principal é a música (...) de ir a um sítio diferente, ver gente diferente”	- Festivaleiro ativo, desloca-se a vários festivais anualmente principalmente pela música mas também pelo convívio. - Prefere festivais fora dos centros urbanos, que lhe permitam usufruir de paisagens naturais e aproveitar alguns dias de férias. - Já frequentou os grandes festivais portugueses mas não consegue definir a melhor experiência que teve nestes contextos
“acho que este festival não irá alterar grande coisa, as bandas que aqui vieram podiam ter ido a outro lugar qualquer”	Acha importante a existência deste evento na cidade do Porto mas acredita que nada acrescenta de novo à cidade

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“três ou quatro bandas que são bandas para toda a vida, a malta dos anos 70, os Rolling Stones e pouco mais” “nos tempos de faculdade partilhava com o meu grupo de amigos”	Aparte de todos os consumos que teve na adolescência, influenciado pelos colegas da escola, afirma que retorna às suas bandas de referência. Nos seus “tempos de faculdade” era um consumidor de música mais ativo, música que partilhava com o seu círculo de amigos e que procurava na internet.
“Há coisas que ouvi no festival e que agora vou procurar”	Os concertos ao vivo determinam a sua procura de música.
“em média vou a concertos uma vez por semana”	Frequentador ativo de música ao vivo.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“geralmente tiro mais alguns dias para passear” “ nos meses de julho e agosto prefiro ir a festivais que tenham 2 ou 3 bandas conhecidas e que tenham uma praia ao lado”	Os festivais são uma prática turística por dois motivos. Primeiro, porque a música constitui a principal razão da deslocação. Segundo, tenta aliar o “útil ao agradável” e escolhe recintos que lhe permitem usufruir de outros convívios.

Análise categorial entrevista 16

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
10 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	28	Feminina	Licenciatura	Portuguesa	Vila Nova de Gaia	Psicóloga num Escola Profissional em Gaia

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Fiquei a saber do Festival pela Antena 3” “fui pesquisar o cartaz, e interessava-me pela música mais alternativa e muitas bandas que não conhecia e fiquei com vontade de conhecer” “gostei muito deste festival por o ambiente era mais intimista, o espaço era fabuloso e poder estar sentada na relva a comer qualquer coisa e a ouvir nomes como Wilco e Yann Tiersen”	Teve conhecimento da edição Optimus Primavera Sound pelos media, mais propriamente pela rádio Antena 3 que ouve regularmente. A principal razão da compra do bilhete foi o cartaz, pelos nomes conhecidos e pelas bandas menos <i>mainstream</i> que suscitaram curiosidade. Para além da música, o ambiente e o local dos concertos também são aspetos importantes.
“Paredes de Coura e o Primavera Sound foram os meus preferidos” “Gosto de festivais mais pequenos e com cartazes mais alternativos”	Não esteve presente em nenhuma das edições do PS de Barcelona, nem teve nenhuma experiência fora do país. No entanto já frequentou alguns em Portugal: Paredes de Coura, Sudoeste, Marés Vivas e Primavera Sound Porto
“ao veres bandas menos conhecidas, com esta qualidade, levará a procurar mais informações e consumir a sua música”	Acha que o Festival PS pode alterar o panorama do rock alternativo, principalmente os consumos dos festivaleiros

2. Gostos e Pertenças Musicais

Excerto	Síntese
“na adolescência a minha irmã mais velha influenciou-me bastante, na altura com os Bom Jovi e o Pedro Abrunhosa, quando surgiu o álbum Viagens” “Agora gosto muito de jazz com junção de eletrónica, como os Jazzanova” “oiço alguma coisa de indierock mas não é tanto a minha praia”	Ao longo dos anos regista a evolução dos seus gostos, primeiramente muito influenciados pela irmã e mais tarde por amigos e procura individuais. Hoje interessa-se por sons mais eletrónicos remisturados
“este ano só em salas de espetáculo vi 7 se contar os festivais o nº sobe mais um bocadinho”	Consumidora de música ao vivo

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“todos os festivais que fui só fiquei o nº de dias” “no Sudoeste passei pela vila e fui à praia, tirando isso só costume ir para o festival”	Desloca-se aos lugares apenas para ver os concertos, à exceção do Sudoeste que aproveitou a proximidade da praia para visitar o lugar mas não iria à Zambujeira se não fosse acontecesse o festival.

Análise categorial entrevista 17

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
10 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	18	Feminino	11º ano	Portuguesa	Porto	Estudante na Escola Profissional de Turismo

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“já conhecia o de Barcelona pelo cartaz e conheci o do Porto pela net e depois pelos cartazes que apareceram na cidade” “1º que tudo o cartaz e depois a companhia” “acho que o Rock in Rio é uma onda muito comercial, nunca fui e acho que não teria paciência para ir..” “quero muito ir ao Optimus Alive ver Radiohead “acho que continuam a ter problemas com o campismo, não têm grandes condições..”	Teve conhecimento do festival pela internet e publicidade que surgiu depois do anúncio. O que a trouxe ao festival, como a todos os outros em que esteve, foi a música. Já foi a vários festivais, de dimensões mais pequenas apenas para ver as bandas, sempre acompanhada pelos amigos Pensa que todos continuam a ter problemas com o campismo mas no todo, considera que todos foram boas experiências.
“Acho que o Porto é uma cidade muito cool e ficará mais se o Festival continuar por cá..”	Não consegue avaliar se o Festival PS irá alterar o panorama do rock alternativo, mas sua opinião, vai alterar certamente a imagem da cidade do Porto.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“as minhas bandas favoritas foram quase todas ao Primavera (...) os Kings of Convenience , adorei o concerto, The Drums, acho que podiam ter dado mais, e gosto muito de Yo La Tengo”	Não consegue identificar os géneros musicais que a identificam mas enumera a bandas que acompanha A escolha de música ou de bandas é bastante influenciada pelo seu grupo de amigos.
“normalmente quando vou a concertos é porque já conheço e já gosto...”	Há um procura inicial de música antes da experiência ao vivo
“ao festival Primavera associo principalmente o rock alternativo, e associo a marca Optimus, que também aparece em outros festivais”	Não tem noção que faz parte de uma cena musical mas consegue associar um género musical específico e a marca Optimus, patrocinador de muitos festivais de verão.
“vejo mais ou menos 2 concertos por mês” “no Optimus Clubing vemos sempre um público muita mais velho (...) e os festivais têm sempre mais jovens”	Apesar de assistir a menos concertos que os anteriores entrevistados, frequenta vários concertos ao longo do ano. Afirma algumas diferenças entre os públicos de concertos e dos festivais

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“acho que os estrangeiros vêm sempre à procura	Considera os festivais práticas turísticas

dos festivais portugueses (...) acho que têm qualidade e são mais baratos..”	
--	--

Análise categorial entrevista 18

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
10 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	38	Feminino	Licenciatura em História	Portuguesa	Porto	Cantora Rececionista na Fundação de Serralves (part-time)

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Já conheço o Primavera Sound de Barcelona há muito tempo, nunca estive mas vou acompanhando mais ou menos a programação do festival que me agrada muito (...) e fui acompanhando também outras extensões que o festival foi tendo...” “O espaço é perfeito, o tempo não foi tão perfeito, mas por um lado acabou por ser perfeito porque acabou por ter tudo, tivemos o sol de um outro festival solarengo qualquer e ao mesmo tempo a chuva e a lama de um festival inglês..” “a programação é um pouco diferente, é um festival mais <i>indie</i>...”	Já conhece a organização Primavera Sound há algum tempo, acompanha regularmente, pela internet, a programação do festival de Barcelona bem como dos outros eventos associados. Valoriza o ambiente e o espaço do festival, apesar do dia intenso de chuva A principal diferença que identifica, em relação a outros festivais, é a programação
“Acho que dá para catalogar perfeitamente, apesar de não conhecer todos, consegues rotular bem entre o Paredes de Coura e o Primavera Sound e um Rock in Rio e um Marés Vivas, que têm cartazes para todos os gostos, para toda a família (...) Se me perguntassem onde gostaria de atuar, muito mais no Primavera e no Paredes do que num desses...” “conheço Paredes de Coura e Vilar de Mouros. A minha primeira experiência e que gostei mais foi o da Zambujeira, tem muito a ver com o cartaz e com as pessoas, foi o festival que voltei mais vezes, foi o festival que mais me impressionou, não digo até à data, porque apanhei um cartaz na altura fabuloso, lembro-me que foi Portishead...” “os festivais portugueses são muito semelhantes na oferta de comidas e bebidas, no espaço...” “No estrangeiro estive em festivais porque fui lá atuar, no Exit na Sérvia, festival fantástico com vários climas, é muito eletrónico com nomes muito fortes, é num local fabuloso na montanha(...) e outro, completamente diferente no SWSX em Austin no Texas, é feito na cidade e nessa altura fica cheia de música por todo o lado...”	Na sua opinião consegue-se identificar as diferenças entre as ofertas dos festivais pelo cartaz e pelo público. Já esteve em vários festivais nacionais, destaca as várias experiências do festival Sudoeste na Zambujeira, principalmente pelas bandas que viu nesses anos. Esteve presente em festivais estrangeiros por razões profissionais. Atuou com a banda Papercutz em dois contextos muito diferentes Exit na Sérvia e SWSX nos EUA, primeiro pelo espaço e segundo pela oferta musical. Nestas experiências destaca o concerto de The XX em Austin, numa capela. Aqui é valorizada a adaptação do espaço para concerto, bem como o improvisado.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Comecei por ouvir em minha casa fado e coisas mais comerciais. Na altura estava muito em voga música italiana e francesa e ouvi muita coisa dentro desses géneros (...) quando canto acho que mantenho essa influência (...) há aí uma tonalidade que me atrai, e o fado também Depois eu própria quis procurar outras coisas e com quem eu privava já ouvia outras coisas (...) Kate Bush foi das primeiras coisas que me apaixonei, lembro-me do vinil do meu tio...” “na adolescência (...) ouvíamos nas discotecas coisas que ainda continuo a ouvir, The Cure, The Smiths, uma das referências musicais intemporais, Nick Cave...” “Depois os meus amigos, falávamos muito ,mas também quando chegava a casa tinha a MTV e aí via Modern Talking e por aí fora...” “Mais tarde são mais as minhas escolhas. Comecei a descobrir a voz e comecei a descobrir vozes (...) jazz nomeadamente Ella Fitzgerald (...) numa outra área uma grande influência foi também a Aretha Franklin...” “Agora descobri a <i>pop</i> (...) por influência de namorados e também por causa das bandas que comecei a trabalhar e fui descobrindo cada vez mais coisas (...) e agora consigo definir o que gosto mesmo: Kate Bush, Johny Cash, Ella Fitzgerald, a Aretha Franklin, a Fiona Apple...”	As suas influências musicais são vastas, desde tenra idade que ouve os discos do pai dentro das sonoridades do fado e dos clássicos da música francesa e italiana. Seguidamente por influência de um tio descobre os ícones da <i>pop</i> dos anos 80, destacando Kate Bush. Mais tarde, de acordo com as suas saídas noturnas e lugares que frequentava, altera os gostos para bandas <i>pop rock</i> e não só. Até aos seus consumos atuais que não se cingem a um género musical, talvez por defeito profissional tenta sempre encontrar vozes diferentes.
“o afastamento da capital leva ser mais originais (...) acho que o Porto e os projetos que aqui se desenvolvem é muito mais <i>pop rock</i>...” “As escolas também são muito importantes, eu estudei em Leça e em Leça surgiram muitas bandas, Os Expensive Soul, as Amarguinhas...”	Quando questionada sobre a cena musical, considera que faz parte da cena musical <i>pop rock</i> do Porto, talvez por todos os projetos musicais que abraçou. Chama a atenção para o centralismo de Lisboa e facilidade de meios.
“Devo ver um concerto por semana...”	Fora as atuações que tem com as bandas com quem colabora

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“costumo ir a alguns sítios pela música, mas não é uma coisa que faça muito porque fica muito caro, viagem mais bilhetes se fosse mais barato, faria muito mais vezes...” “quando decido ir vou ser sempre pela música...”	Fica os dias todos do festival, considera o festival uma prática turística um motivo para se deslocar a determinado sítio.

Análise categorial entrevista 19

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	22	Feminino	Licenciatura	Portuguesa	Porto	Estudante de Mestrado de Design de Comunicação

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“nesta altura procuro sempre as agendas dos festivais e os nomes que vêm ao nosso país (...) este festival já tinha ouvido falar, alguns amigos meus já cá vieram” “...este ano interessam-me algumas bandas e decidi vir só hoje” “... o Milhões tem uma escala mais pequena em comparação ao Sudoeste e ao SBSR e se calhar ganha por isso” “venho ver El Perro del Mare, Jorge Coelho, Gala Drop, The Chick...”	Teve conhecimento do festival pelos amigos que vieram às edições anteriores. O seu principal pretexto é a música e as bandas que terá oportunidade de ver. Acha interessante a pequena escala do festival, quando compara com grandes as produções de outros festivais de verão. Nestes meses de verão procura estar atenta aos diversos cartazes, através dos diferentes websites dos festivais.
“A pior experiência que eu tive, já nem qual foi o festival, tinha 16 anos e estava a chover imenso e só devo ter visto um concerto (...) Tara Perdida”	Refere a pior experiência pela falta de condições do recinto, pela meteorologia e pela má seleção de concertos
“Este ano já fui ao SBSR e ao Primavera Sound do Porto (...) e vi bandas incríveis no Primavera”	Frequentadora de outros festivais nos meses anteriores ao Milhões de Festa, teve oportunidade de ir a dois festivais, em cidades diferentes.
“este festival proporciona bandas mais alternativas, penso que pode mudar o panorama do <i>rock</i> alternativo (...) apesar de não conhecer algumas bandas dá-te oportunidade de conhecer outra música...”	Acha que irá mudar o panorama do <i>rock</i> alternativo no Norte principalmente pela oferta de bandas, muito diferente de outros eventos.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“gosto de rockalhada (...) mas não me prendo a um só estilo, gosto de ouvir um bocado de tudo” “Artic Monkeys é a banda que está sempre presente, é a banda que acompanho há algum tempo (...) uma fase ouvia The National, Massive Attack houve uma altura que andei viciada (...) Portishead também...”	Considera-se amante do <i>rock</i> mas não resume os seus gostos apenas a um género musical, faz apenas referência a alguns nomes que consumiu ao longo dos anos.
“mas também acontece ver num festival, ser surpreendida e ouvir depois em casa...”	A música ao vivo determina alguns dos consumos domésticos mas também acontece o inverso em menos ocasiões.
“o meu irmão, tem mais dois anos que eu, há a sempre aquela coisa «já ouviste isto, ouve aquilo (...) depois mais com os amigos e agora mais eu...”	A sua procura de música é muito influenciada pelo irmão e pelos amigos mas também tem uma parte substancial de procura pessoal na rádio e na internet.

Festivais de Música. A Grande Cena!

“...existem boas bandas a surgir na zona Norte, por exemplo os Black Bombaim que fomos ver ao Passos Manuel e às Curtas (...) a cena de Barcelos com novas bandas como os Glokenwise..”	Identifica duas cenas locais, a do Porto com a identificação de alguns espaços de concertos, e a cena de Barcelos com o aparecimento de novos grupos.
“este ano, sem contar com festivais devo ter visto 4 ou 5 concertos”	O seu consumo musical não se resume apenas a festivais, vê também concertos em salas de espetáculos

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“...vamos ficar no parque campismo e vamos ficar de hoje para amanhã. Amanhã vamos aproveitar e ver um bocado de Barcelos...”	Considera a ida a um festival uma prática turística e uma mais valia para as regiões e principalmente para o comércio local.
“...as localidades têm muito a ganhar (...) consumimos comida e outros bens”	

Análise categorial entrevista 20

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	21	Feminino	Frequência Ensino Superior	Portuguesa	Castelo Branco	Estudante de Medicina

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“primeiro foi pela internet e depois por outros meios de comunicação, agora já começa a aparecer”	Primeira vez que frequenta o festival apesar de já o conhecer há algum tempo. Primeiramente teve conhecimento pela internet e depois pelos media (rádio principalmente)
“é um festival com menos gente, não tem tanta gente no recinto, nem tanta gente a acampar e por isso tem melhores condições...” “não tens filas para as casas de banho” “O cartaz não apresenta grandes nomes como no SBSR e no Alive”	Deteta algumas diferenças em relação a outros festivais, principalmente no número de espetadores, muito inferior ao dos grandes festivais. Tal diferença manifesta-se na melhor qualidade logística do evento. Outra diferença consiste no cartaz que não apresenta nomes “menos sonantes” do universo <i>pop rock</i> .
“Tens bandas menos conhecidas, não crias tantas expectativas com as bandas e acabas por ser surpreendida...”	Vem principalmente pela música, para conhecer novas bandas.
“o festival que prefiro é o Paredes de Coura, o que eu menos gostei foi SBSR no Meco, pelo pó, era impossível lá estar (...) o cartaz acabou por compensar mas...”	Já teve várias experiências em diferentes festivais – Paredes de Coura, SBSR, Alive – o seu preferido é Paredes de Coura pelo cartaz e pelo ambiente. Apesar de ter frequentado, mais que uma vez, o SBSR aponta a edição de 2011 como a sua pior experiência nestes contextos pelas más condições do recinto.
“tem sempre bandas mais alternativas e as pessoas acabam por ver e consumir coisas menos conhecidas...”	Na sua opinião o Milhões de Festa acabará por alterar o panorama do <i>rock</i> alternativo em Portugal devido, principalmente, ao agenciamento de bandas menos mainstream e ao consequente consumo de música mais alternativa.
“Vim principalmente pelo cartaz de ontem (...) às vezes vens por uma banda mas acabas por conhecer outra e outra...”	A razão que a trouxe ao festival foi a música.
“Este ano fui a dois festivais e mais dois ou três concertos...”	Consumidora de concertos ao vivo.

2. Gostos e Pertenças Musicais

Excerto	Síntese
“Quando era mais nova, no secundário gostava de um <i>rock</i> mais pesado, em Castelo existiam muitas bandas de <i>punkrock</i> ...” “Agora oiço bandas como Arcade Fire, Sigur Rós, Mogwai, The National (...) e coisas mais pesadas, Tool, Queens of the Stone Age...”	Muito influenciada pelo meio onde cresceu e pelo som das bandas locais, muito ligadas ao <i>punk</i> . Sempre aceitou e aceita sugestões de amigos. Não consegue definir o seu gosto apenas num género musical, enumera várias bandas de universos muito diferentes.
“acho que festivais como Paredes de Coura definem a cena musical do norte...”	

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“estamos no campismo do Festival”	Fica apenas nos dias do Festival mas vai aproveitar para visitar a vila. Nunca dorme em hotéis fica sempre no campismo.

Análise categorial entrevista 21

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade Profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	22	Masculino	Frequência Ensino Superior	Portuguesa	Coimbra	Estudante de Medicina

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“já conhecia a algum tempo, desde o início e já pensava cá vir (...) e vi na internet...” “há dois ou três anos começou a massificar...”	- Já conhecia o festival, apesar de ser a primeira vez que o frequenta. -Pesquisou pela internet as bandas agendadas. - Refere que o evento tem agora maior cobertura dos meios de comunicação sendo mais fácil o acesso à informação.
“... vês muita segurança no campismo (...) menos gente no recinto” “...o bilhete é mais barato...” “O cartaz é mais alternativo...”	Quando questionado sobre as diferenças que deteta em relação a outros festivais, refere o ambiente mais seguro no local do campismo; número de pessoas inferior em relação a outros festivais; o cartaz que considera mais alternativo; e o preço do bilhete.
“Gosto de Paredes de Coura (...) o Meco foi horrível, o pó era tanto que não conseguíamos distinguir as tendas no campismo	Paredes de Coura é o seu favorito, principalmente pelo cartaz musical, apesar de apresentar, na sua opinião cartazes fantásticos, o SBSR foi a sua pior experiência devido às más condições do recinto
“Trouxe-me cá os Sensible Soccers, Youthless (...) ver bandas portuguesas menos conhecidas...”	A razão principal a música, o cartaz e a oportunidade de ver novas bandas portuguesas

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Antes ouvia mais bandas mais calminhas dos anos 60, como Simon and Garfunkel, coisas do meu pai. Agora ando numa onda mais eletrónica (...) continuo a ouvir a eletrónica francesa, Air...”	Muito influenciado pelos discos do pai durante a adolescência, agora partilha música com os amigos. Consegue descrever o som que gosta de ouvir, próximo da eletrónica francesa.
“Este ano, sem contar com os festivais em que estive, devo ter ido a 3 ou 4 concertos...”	Consumidor de concertos ao vivo
“acho que a cena musical do Norte é <i>rock</i> ...”	

3. Localização e práticas turísticas

Entrevista	Excerto	Síntese
Jorge	“ não devo ir para fora de Barcelos porque não vim de carro mas devo uma voltinha por aqui...”	Vai ficar os dias do Festival, no campismo improvisado pela organização. Considera a ida ao festival uma prática turística

Análise categorial entrevista 22

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	17	Masculino	12º ano	Portuguesa	Vale de Cambra	Estudante

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“através da internet e das redes sociais...”	Teve conhecimento do festival através da internet.
“Este festival em termos de condições é totalmente diferentes, o campismo comparado com o Super Bock é muito melhor (...) esse vale pelas bandas...”	Consegue delinear algumas diferenças em relação a outros festivais em que esteve presente, principalmente o campismo
“as bandas que aprecio muito e outras nem por isso, pelo ambiente, acabam por ser umas férias com música, que é sempre bom...”	A razão principal da vinda ao Festival é a música e também o ambiente
“O meu preferido? Em termos de condições é o Milhões, em termos de cartaz, gostei muito do SBSR do ano passado, também gostei do Alive, mas muito mais do SBSR.”	Não consegue descrever uma má experiência em contexto de festival, todas foram bastante satisfatórias, umas pela música, outras pelo ambiente.
“a Associação de Vale de Cambra tem concertos quase todas as semanas, de algumas bandas que já passaram pelo Milhões...”	Para além de festivais, costumo ver mais concertos ao longo do ano, muitos deles promovidos pela Associação do seu local de residência.
Os festivais levam o pessoal interessar-se mais por música, por exemplo aqui em Barcelos toda a gente sabe o que é o Milhões, os comerciantes esperam pelo Milhões...”	Os festivais são uma importante parte da cena musical do Norte, mais concretamente da cena musical <i>rock</i> alternativo

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Gosto de várias coisas...”	Ouve tudo... mas interessa-lhe bastante as novas bandas que surgiram em Barcelos, editadas pela Lovers and Lollipops.
“Gosto de algumas bandas de Barcelos, acho que têm muita qualidade”	
“um amigo fala de uma banda ou de um concerto e acabo por pesquisar e a partilhar as tuas pesquisas com os amigos...”	Os amigos influenciam muito as suas escolhas. A música constitui um momento de partilha entre o grupo de amigos.
“no caso deste festival, já ouvi em casa e agora venho ver os concertos...”	Os seus consumos domésticos determinam a sua procura de concertos ao vivo.
“as bandas do Norte, apesar de não ser fácil ser músico em Portugal...”	Acha que o que caracteriza principalmente a cena musical do Norte são as novas bandas.
“não consigo precisar, só em Vale de Cambra tem havido muita coisa (...) pra aí uns 20”	Consumidor de concertos ao vivo, até à data da entrevista já esteve em 20 concertos.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“estou no campismo...”	Fica apenas durante os dias do Festival, no campismo. Aproveita para conhecer a vila durante a tarde.
“aproveito para dar uma volta por Barcelos...”	
“...as pessoas do comércio esperam pelo Milhões...”	Alguns na entrevista refere a importância dos frequentadores do Festival para o comércio local.

Festivais de Música. A Grande Cena!

“as minhas férias este ano vão ser quase todas em festivais...”	Os festivais constituem uma prática turística
---	---

Análise categorial entrevista 23

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	17	Masculino	12º ano	Portuguesa	Vale de Cambra	Estudante

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“... foi o passa palavra, através dos meus amigos..” “tem melhores condições e as bandas também são diferentes, é um festival com pouco investimento, tem menos gente (...) o cartaz mistura mais estilos...” “aqui não tanta agressividade nos palcos, não há gente que quer estar à frente	O Festival foi sugerido pelas amigos e só depois procurou no site do Festival. Regista algumas diferenças em relação a outros festivais, nomeadamente as condições logística, o cartaz mais eclético e o pública mais ordeiro.
“vêm cá algumas bandas que eu gosto, também pelas pessoas que vêm para cá, pelo ambiente do festival que é um bocado diferente...”	A música é a principal razão da participação no Festival, mas também valoriza a ambiente e os frequentadores do evento.
“o meu preferido é o SBSR com o alinhamento do ano passado (...) o Milhões também é bom para variar...” “Gostei de todos os festivais em que estive...”	Apesar de ser muito jovem já teve várias experiências “festivaleiras”, todas elas com o propósito de ver boas bandas, não apresentando nenhum aspeto negativo dessas experiências.
“Há uma associação em Vale de Cambra que faz muitos concertos de bandas portuguesas...”	Para além de festivais, participa em outros espetáculos de música ao vivo, muitos deles promovidos por uma associação do seu local de residência.
“o Porto tem cada vez mais concertos e melhores...”	Na sua opinião o panorama do rock alternativo está a mudar, o que se reflete no nº de festivais e de concertos na cidade do Porto
“só de festivais fui ao Alive, estou aqui e vou a Paredes, só concertos mais de 20...”	Consumidor ativo de música ao vivo, já viu várias dezenas de concertos em 2012.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“...oiço <i>rock</i> alternativo, <i>blues</i>, até música clássica, rock psicadélico também..” “gosto de bandas tipo Black Bombaim,	Não se consegue aliar a um único género musical, ouve de tudo um pouco, com alguma preferência para alguns subgéneros do <i>rock</i>.
“acho que a família me influenciou até fase de transição, no 10º ano, depois criei o meu grupo de amigos...”	Refere a influência de alguns familiares nas suas escolhas musicais iniciais. As “saídas à noite” e o grupo de amigos são agora a sua fonte de informação de nova música.
“no caso do SBSR, deu para conhecer algumas bandas novas e ouvi em casa depois...” “Aqui no Milhões já conheço El Perro del Mar e Conan Mockasin e quero vê-los ao vivo...”	A música determina os seus consumos musicais e vice versa.
“...a Lovers and Lollipops, neste momento a maior produtora da música alternativa no Norte (...) o Porto é talvez uma capital alternativa, acontecem cada vez mais coisas..”	Pensa que cena musical do Norte se caracteriza principalmente por dois aspetos: a editora/ produtora Lovers and Lollipops e a “noite do Porto”, e a nova oferta de concertos de alguns espaços noturnos e salas de espetáculos.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“vou ficar até ao final de festival...” “ um festival assim de cidade permite-te andar por aí, não estar sempre fechado no espaço...”	Fica durante os dias do festival, no campismo. O facto de o festival decorrer dentro da vila permite visitar Barcelos durante os tempos mortos.
“sim, vou sempre a festivais durante as férias, aproveitar enquanto tenho três meses de férias...”	Os festivas são o seu destino principal de férias

Análise categorial entrevista 24

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	35	Masculino	9º ano	Português	Oeiras	Desempregado

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“tive conhecimento do festival principalmente por causa de Baroness e Red Fang (...) quero muito vê-los, principalmente Baroness, estava com expectativa gigantesca...” “o Festival é muito bom, tem um visual apelativo e o espaço é fantástico mas tenho uma crítica muito grande que são o seguranças, ontem em Baroness correu mal, não permitiram <i>crowdsurf</i> (...) apareceram logo seguranças...” “... gosto muito do espaço, tem um anfiteatro natural como em Paredes de Coura...”	Teve conhecimento do festival através de duas bandas que acompanha e ouve regularmente. As duas bandas, principalmente Baroness são a principal razão da sua participação no festival. Primeira vez que participa no festival Está a gostar da experiência mas aponta algumas críticas à segurança do festival que não permite a interação comum de concertos de rock, valoriza principalmente espaço do recinto.
“Sempre fui a Paredes de Coura, embora não vá há três anos por causa de trabalho e entretanto fui pai...”	O seu festival de eleição, que acompanha há alguns anos, quase desde o início
“Paredes é mais alternativo, comparando com Alives” “os festivais das grandes produtoras trazem sempre as mesmas bandas, aqui podes conhecer música nova...”	-Refere mais uma vez o festival Paredes de Coura como o seu preferido devido à seleção de bandas; - Aponta algumas críticas aos festivais da grande Lisboa, que detém cartazes previsíveis e mais comerciais; -Difere o Milhões dos restantes festivais pela aposta em grupos emergentes.
“festival nunca estive lá fora, concertos sim (...)fiz a <i>tournee</i> de Pearl Jam estive em Berlim, Manchester e Londres em 2009...” “... e este ano vou ver Eddie Vedder ao Sudoeste (...) acho que não será o sítio ideal para o ver mas...”	Frequenta vários festivais mas nunca teve essa experiência fora do país, apenas alguns concertos da <i>tourne</i> da banda Pearl Jam em 2009. O amor pela banda vai levá-lo ao concerto de Eddie Vedder (vocalista dos Pearl Jam), no festival Sudoeste.
“...não gosto do Sudoeste, é uma cambada de miúdos (...) os miúdos vão para o Sudoeste por alguma coisa que não é a música...”	O festival Sudoeste foi a pior experiência que teve nestes contextos festivaleiros. Mas já foi ao festival especificamente para ver algumas bandas.
Acho que não muda o panorama da música em Portugal (...) viver da música é muito difícil, tenho amigos que são músicos e que tocam de borla só para poderem tocar (...) falta investir na música em Portugal...” “é preciso mais festivais pequenos como este para mudar...”	Na sua opinião a alteração do panorama do <i>rock</i> alternativo em Portugal passa pela maior profissionalização dos músicos portugueses e pensa que iniciativas semelhantes à do Milhões podem alterar esse panorama

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Gosto de <i>metal</i>...” “nos anos 90, tinha eu 15, 16 anos foi o auge do <i>grunge</i> (...) depois da fase do <i>grunge</i>, comecei a ouvir <i>metal</i> por causa da minha mulher...” “também oiço <i>jazz</i>...”	Ouve de tudo um pouco, destaca o consumo de <i>grunge</i> durante toda a adolescente e da recente influência da mulher na cena <i>metal</i>.
“ Geralmente primeiro oiço em casa e depois vou aos concertos...”	O consumo de música no ambiente doméstico determina a escolha dos concertos ao vivo.
“ Este ano já devo ter ido a mais de 20 concertos...”	Consumidor ativo de música ao vivo

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Estou num hotel...” “Visitei a cidade de manhã..”	Fica apenas durante os dias do Festival, hospedado num hotel. Aproveita para passear na vila fora dos horários dos concertos
“ Viajo muito por causa de música..” “Difícilmente viria a Barcelos se não fosse a Barcelos...”	Os festivais e concertos ao vivo são uma prática turística

Análise categorial entrevista 25

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	32	Masculino	Licenciatura	Portuguesa	Lisboa	Professor de Matemática e Músico

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“Já acompanho a editora Lovers and Lollipops há uns anos e os concertos que promovem e internet..” “Já venho há dois anos, é a 3ª vez...” “o ambiente é diferente e a escolha das bandas (...) as escolhas musicais não passam tanto por nomes grandes ...”	Teve conhecimento do festival através do promotor e de pesquisas na internet. Não é um estreante e as razões principais da repetição consistem no ambiente e nas bandas agenciadas.
“costumo ir a festivais, em Portugal acho que já corri todos...” “prefiro sempre os que têm música mais alternativa (...) o Barreiro Rocks é outro festival de eleição que tem uma aposta naquela onda específica do <i>garage</i>.”	Já esteve presente em quase todos os festivais portugueses. Prefere as produções mais pequenas que apostam em música alternativa.
“o meu preferido é o Barreiro Rocks porque é de um estilo muito específico e aposta em bandas que não viriam cá noutra situação (...) é como aqui, quando vês o cartaz vês que quem organiza gosta de música...”	O seu festival preferido é Barreiro Rocks como uma oferta <i>garage</i>, género de adota enquanto músico. Crítica a comercialização dos grandes festivais que têm como principal preocupação a captação do maior número de público possível
“Festivais como este podem dar visibilidade a pequenos projetos e principalmente a bandas portuguesas que em outros sítios não teriam...”	Considera que o Milhões de Festa, apar de outros pequenos festivais, pode alterar o panorama do <i>rock</i> alternativo, através do agenciamento de projetos emergentes e de novas bandas portuguesas.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
Oíço um bocadinho de tudo mas maioritariamente <i>garage rock</i>, <i>punk</i>, uma onda mais de reciclagem dos anos 60 com lado <i>punk</i>, bandas como Oblivian, Gories...” “Para as pessoas da minha geração, dos 30 e tais, foi muito importante o <i>boom</i> do <i>grunge</i> (...) houve um <i>boom</i> de bandas deu vontade de fazer alguma coisa e toda a gente da minha queria ter uma banda, o que não acontece muito hoje. Agora qualquer miúdo pode ser <i>dj</i>, basta ter um computador	As suas preferências musicais tocam alguns subgéneros do <i>rock</i> como o <i>garage</i> e o <i>punk</i>. Durante a adolescência não escapou à influência <i>grunge</i>, subgénero musical muito em voga na década de 90
“Este ano devo ter visto uns 20 concertos”	Consumidor ativo de música ao vivo

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Venho a Barcelos há 3 anos para vir ao Milhões de Festa...”	Vem a Barcelos apenas para o festival e fica hospedado num hotel durante os dias do festival.
“estou num hotel a minha idade já não permite acampar...”	

Análise categorial entrevista 26

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	23	Masculino	Frequência Ensino Superior	Português	Coimbra	Ator no grupo CITAC

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“O primeiro ano que vim tive conhecimento através de duas bandas, os Men Eater e os Radio Panico, duas bandas que gosto muito...” “o Milhões é um festival para um público específico...” “aproveitar 3 dias de festival e ainda por cima com uma piscina..” “estou aqui pela 3ª vez...” “estou aqui pela música mas a cidade também é muito importante, as pessoas recebem-nos muito bem...” “apercebeste que as pessoas que estão aqui, estão pela música”	Teve conhecimento do Festival em 2010, através de duas bandas que acompanha regularmente. À semelhança de outros participantes teve conhecimento através dos agenciados e não da organização. (esta pesquisa é feita geralmente nos <i>websites</i> e <i>newsletters</i> das bandas). Participa pela 3ª vez e vem sempre pela música e pelo ambiente da cidade.
“Já estive no Alive, Paredes de Coura, já estive na Holanda, no Ermal, já fui a uns quantos sítios” “Não gostei do Alive, de estar no meio de uma cidade metropolitana, tenho que ir para a província, para a aldeizinha..” “O meu preferido é o Roadburn na Holanda, tem uma onda completamente diferente”	Festivaleiro experiente, prefere festivais em zonas rurais ou de pequena dimensão
“depois com a internet, redes sociais tens uma quantidade enorme de informação e toda a gente vê...”	Acha que eventos como o Milhões alteram o panorama do rock alternativo, tarefa facilitada pela internet e redes sociais que permitem uma maior pesquisa e a mudança dos consumos

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“eu gosto the «epic music» (...) gosto do som que abre o chão à minha volta, como é o caso dos Cult of Luna (...) Moon, Mogway, <i>metal</i> progressivo (...) não gosto de dar etiquetas aos grupos por isso é que eu digo «Epic Music»”	Não gosta de catalogar os seus gostos musicais por géneros e subgéneros musicais, embora tenha predileção por bandas com influências <i>metal</i>.
“não sei, uma quantidade inacreditável..”	Consumidor de música ao vivo

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Eu estou no campismo” “vou a sítios específicos que a minha malta já foi e que tenham tratado bem...”	Veio apenas para o Festival e optou por acampar; Sítios a visitar alguns cafés e restaurantes recomendados pelos amigos.

Análise categorial entrevista 27

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	30	Masculino	Licenciatura em Estudos Artísticos	Português	Coimbra	Produtor na Escola da Noite

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“Já acompanho há algum tempo os concertos da Lovers...”	Soube do Festival através da organização que o contratou como fotógrafo do evento
“lá tens 30 concertos num dia” “ gosto do Supersonic em Birmingham é um festival urbano com coisas muito específicas (...) quem vai, vai pela música, só a organização deve conhecer o cartaz é impossível conhecer tudo...”	Refere também o festival Roadburn na Holanda e Supersonic de Birmingham, o seu festival de eleição
“Ermal, Paredes, Sudoeste, Alive, Super Bock mais vezes do que me lembro, HotFest, SuperSonic, Roadburn, Milhões...”	Já esteve presente em vários festivais, tanto nacionais como estrangeiros, alguns em mais do que numa edição.
“Alive só fui ver Rage Against the Machine, tem gente a mais. Este ano nem coloquei a hipótese de ver Radiohead lá por causa da confusão (...) o cartaz é pensado para fazer dinheiro, não tem uma programação pensada	Destaca o festival Alive como a sua pior experiência, devido às enchentes de pessoas, demasiado massificado para o seu gosto
“ el Perro del Mare é alternativo em termos de público que quer atingir mas se tivesse uma grande <i>madger</i> por trás não seria tão alternativo”	Considera que a verdadeira música alternativa não se destina às massas

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Eu oiço um pouco de quase tudo, não oiço tudo (...) gosto daquele som colado no <i>hardcore</i> , Cult of Luna, Fugazi (...) também gosto da «Epic Music» numa onda de Explosions in The Sky...” “nunca achei muita piada a bandas como Alice in Chains (...) tenho os primeiros cds de Offspring, Green Day. Ouvei muito mais Smashing Pumpkins do que Nirvana...” “neste momento oiço Black Bombaim, o último álbum está fenomenal, qualquer coisa que o Justin Brother faça...”	Associa os seus gostos musicais a bandas; Em nenhuma altura da sua vida consumiu <i>grunge</i> , como a maioria dos adolescentes que passaram nos anos 90; Associa o seu gosto a bandas que surgiram na década mais próximas do <i>punk</i>
“No Milhões isso pode acontecer porque aparecem muitas bandas que não conheces e que acabas por descobrir cá (...) no Roadburn, ouvi em casa que queria ver ao vivo	Quando questionado sobre a importância da música ao vivo na definição dos seus gostos, partilha mais uma vez as suas experiências em festivais: o Milhões de Festa para descobrir música e ouvir em casa e o Roadburn que corresponde à sua música doméstica
“Gasto muito dinheiro em música, aquilo que eu gosto acabo sempre por comprar...”	Primeira entrevista que refere a compra de música (cd e vinil)
“Este ano já vi vários concertos, alguns deles fui que organizei (...) entre 30 e 50...” “as minhas férias são para ver música, geralmente vou ao Roadburn...”	Este ano já viu algumas dezenas de concertos, muitos organizados por si na States, espaço noturno em Coimbra

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Eu estou num hotel a pagar”	Fica os dias do festival e está hospedado num hotel

Análise categorial entrevista 28

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	22	Masculino	Licenciatura	Português	Beja	Estudante de Mestrado e Músico

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“Um amigo que falou” “Vim cá pela 1ª vez há dois anos” “é um festival mais intimista, tem um espírito diferente dos outros festivais mais «comercialóides» ..” “vim porque tenho amigos que tocam em bandas e vim vê-los e também porque gosto do cartaz (...) Vim ver Equations, Jiboia, Conan Mockasin, Baroness (...) mas também vim para conhecer”	Teve conhecimento do Milhões através de um amigo e vem pela segunda vez. Valoriza o ambiente do festival, diferente de outros em que esteve mas a principal razão da sua participação é o cartaz, as bandas que já conhece e outras que pretende conhecer.
“pior foi o Sudoeste porque tinha muita gente, outras energias (...) o que gosto mais o Paredes de Coura...”	O festival que menos gosta Sudoeste devido ao ambiente, e à escolha musical, o seu preferido é Paredes de Coura
“gosto de ir a Paredes de Coura pelo recinto e pelo campismo.	Vai a Paredes de Coura principalmente pelo espaço natural....
“o Milhões dá apoio a projetos nacionais e tem vindo a crescer e tem cada vez mais gente...”	Acha que o Milhões pode alterar o panorama do <i>rock</i> alternativo em Portugal principalmente pela divulgação que faz de projetos nacionais.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“oiço todo o tipo de música, tudo o que seja bem feito e tenha um bom conceito por trás, gosto” “Marsvolta é uma banda que me influencia e Radiohead também gosto (...) também tenho ouvido eletrónica...” “os meus amigos influenciam bastante” “acho que tive vontade de aprender a tocar quando ouvi Nirvana”	músico nos Balão Dirigível, banda de <i>rock</i> alternativo, afirma que ouve um pouco de tudo e refere algumas bandas “maiores” que influenciaram e que continua a ouvir
“Quando vejo um concerto e gosto, chego a casa saca a música...”	A música ao vivo influencia muito o seu consumo de música em casa
“O Alentejo tem uma cena <i>metal</i> e <i>hardcore</i> (...) mas não entra nos circuitos, isso só acontece em Lisboa ou no Porto	Refere cena musical <i>metal</i> do Alentejo mas as bandas só atingem determinada escala nos grandes centros urbanos
“Este ano fui ao Alive, Milhões, fui a alguns concertos em Lisboa, vi concertos de amigos meus ...”	Já viu algumas dezenas de concertos ao vivo este ano.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“já passei pela cidade...”	Fica durante o festival no Campismo
“Paredes de Coura para mim é o meu turismo...”	Considera a ida a festivais a sua prática turística

Análise categorial entrevista 29

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	25	Masculino	Licenciatura em Estudos Artísticos	Português	Coimbra	Desempregado

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“fui ao primeiro em Braga e depois quando surgiu em Barcelos, já conhecia...” “Este é o melhor festival” “A qualidade das bandas” “Este ano venho ver RedFang”	Acompanha o festival desde o início, e acha o que o distingue dos restantes é o cartaz e a escolha das bandas
“Paredes, Milhões, Alive ...” “Sudoeste não gostei muito	Nunca esteve num festival fora de Portugal Os seus festivais preferidos são: Paredes de Coura, Milhões de Festa e Alive; a pior experiência que teve Sudoeste.
“são os únicos eventos que fomentam o rock alternativo...”	Na sua opinião, apesar da diversidade de géneros musicais do Milhões, os festivais de música consistem no principal fator de mudança do panorama do rock alternativo

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“eu sempre ouvi <i>rock</i>” “Gosto muito de Red Fang, ...”	Sempre consumiu <i>rock</i> e afins, (o barulho de fundo do concerto que estava a decorrer não permite decifrar todos os nomes de bandas que referiu
“várias bandas que ouvia na rádio e não dava importância, vi ao vivo e comecei a ouvir em casa	Os concertos ao vivo definem os seus consumos posteriores em casa
“o meu pai sempre me influenciou a ouvir Pink Floyd Dire Strait, Black Sabat...”	Sempre influenciado pelo pai a ouvir os clássicos
“acho que os festivais são a cena musical...”	Considera os festivais uma cena porque divulgam bandas e atraem cada vez mais pessoas a ouvir música nova.
“este ano devo ter visto 20 concertos de bandas...”	Adepto de música ao vivo

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“os festivais levam-me a sítios”	Fica apenas os dias do Festival, no campismo Afirma que se desloca a determinados locais apenas para ir a festivais

Análise categorial entrevista 30

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	17	Masculino	12ºano	Portuguesa	Barcelos	Estudante

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“Aqui em Barcelos é muito conhecido...” “é a segunda vez que venho...” “eu venho por tudo, para estar com os amigos, para ir à piscina, para curtir e ouvir música” “A banda que mais quero é Red Fang..”	Habitante de Barcelos, teve logo conhecimento do festival. Vem pela segunda vez por vários motivos.
“Já estive no Avante, Rock in Rio e aqui” “já fui a Paredes de Coura..” “Gostei mais do Avante, porque é uma festa e não um festival (...) e porque também fui lá tocar...”	O Milhões não foi o primeiro festival que frequentou, já esteve na Festa do Avante, no Rock in Rio e em Paredes de Coura. Valoriza a experiência da Festa do Avante pelo ambiente e pela experiência de tocar ao vivo com a sua banda Brain Scape (banda <i>rock</i>)
A minha pior experiência ... a Amy Winehouse no Rock in Rio...	A pior experiência em festival não diz respeito à organização, ao ambiente ou ao cartaz de um festival mas a uma atuação especificamente
“ A música é que me puxa...”	

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Oíço sempre <i>rock</i>, tirando isso oíço bandas mais de <i>blues</i>..” “A minha banda preferida são os Wonderwolf...” “ a minha família sempre me incentivou a aprender música (...) e também partilho com os amigos	Consome essencialmente <i>rock</i>, partilha música com a família e os amigos.
“Barcelos tem muitas bandas..”	Considera que a cidade tem uma grande dinâmica musical, para um espaço tão pequeno.
“Este ano já vi oito concertos”	Viu alguns concertos.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“(a música) é um destino de 2 ou 3 dias”	Fica os dias do festival, mora na cidade. Já se deslocou várias vezes para ver música ao vivo.

Análise categorial entrevista 31

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Palco Milhões	17	Masculino	12ºano	Português	Barcelos	Estudante

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“...conheço o festival porque sou de Barcelos e ouço sempre o pessoal dizer, vem aí um festival com muitas bandas(...) conheço desde 2010” “É a terceira vez”	Sendo um morador de Barcelos, facilmente teve conhecimento da iniciativa. Participa no festival desde de 2010, ano em que a organização optou por Barcelos para a realização do Milhões.
“Festival como este, estive na Festa do Avante. Queria muito ir ao Marés Vivas mas optei pelo Milhões” “este Festival venho mais pela música, pelas bandas, ao Avante eu vou pelo convívio”	Já estive na Festa do Avante (cada vez mais um festival). Este ano optou mais uma vez pelo Milhões em vez do festival Marés Vivas que decorre nos mesmos dias. Nos diferentes contextos refere diferentes motivações. Vem ao Milhões pela música.
“acho que o Milhões pode alterar, o Optimus Alive também contribui, era preciso o Milhões dar um saltinho...”	Pensa que o Milhões juntamente com os outros festivais de música alternativa contribuem para a modificação do <i>rock</i> alternativo em Portugal. A sua perspetiva analisa apenas o consumo de música

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Eu gosto de tudo dos anos 50 aos 70, tudo o que seja, <i>rock</i>, <i>blues</i> e <i>jazz</i>(...) gosto muito de Doors, Led Zeppelin, oiço pouco <i>metal</i>, oiço mais aquele antiquinho como Black Sabbath e Iron Maiden.” “Não foi o meu pai, embora ele tenha sido <i>dj</i> mas passava música completamente diferente (...) acho que procurei por mim coisas que via em programas de televisão e depois procurava...”	Amante dos sons das décadas de 50, 60 e 70 e diferentes géneros de música popular. A procura de música parte da sua iniciativa e da informação que recolhe nos media
“ em Barcelos tem um historial de bandas muito interessante, os Alto!, os Glokenweis, os Rendimento Mínimo, fora estas existem muitas outras”	Quando questionado sobre a cena musical transmitiu o exemplo da cidade de Barcelos e das bandas que surgiram nos anos 90 e que agora “estão na estrada”.
“este ano já devo ter visto dezenas de concertos”	Vê concertos todos os fins de semana, principalmente de Bandas da zona de Barcelos.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“ a boa música leva-me a festivais, de preferência acompanhado pelos meus amigos...” “Vou várias vezes ao Porto para ver concertos...”	Fica os dias do festival e a boa música é um pretexto para sair de casa.

Análise categorial entrevista 32

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	33	Masculino	Licenciatura	Português	Porto	Engenheiro na Cooperativa dos Pedreiros e <i>dj</i>

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“Há dois anos vim ver Year Long Disaster, pareceu-me ter qualidade e uma boa organização e voltei ...” “Acho diferente dos outros festivais, menos do Amplifest. Os outros são cenas mais comerciais (...) este festival tem estilos muito diversificados, é bom ouvir uma cena metal e depois uma cena pop (...) com bandas não muito conhecidas e vens fazer umas belas descobertas.”	Não é um estreante no festival, está pela segunda vez. Difere o Milhões de todos os outros pela diversidade do cartaz e pela escolha de bandas emergentes
“agora estou impressionado com um festival que fui ver à Dinamarca, muitas dos nomes principais que vêm aqui foram lá tocar...” “Fui ao Primavera Sound (Porto) (...) <i>indie</i> um bocado mais comercial, ver uma cena grande no Porto, a cidade já merecia um evento do género.”	O festival que estive na Dinamarca não foi a única experiência fora do país (o som de fundo do concerto não permitiu perceber os nomes). Esteve também presente em outros festivais portugueses, dos quais destaca o Milhões e o Primavera Sound no Porto.
“vou a festivais só pela música”	
“Milhões é um festival tem um impacto no <i>rock</i> e o <i>rock</i> tem um impacto na cidade (...) tem saído daqui tantas cenas Kilimanjaro por exemplo...”	Quando questionado sobre impacto do festival no panorama do <i>rock</i> alternativo em Portugal, acha o Milhões influencia a cidade e o surgimento de novas bandas em Barcelos.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“estou mais inclinado para o <i>rock</i>, também oiço eletrónica, oiço de tudo” “agora ando a fazer mais pesquisas em cenas revivalistas mais dos 70” “Zombie King...”	Gosta mais de sons “rockeiros” mas ouve de tudo um pouco. A procura é individual e neste momento procura mais os sons dos anos 70. Enumera algumas bandas da sua preferência como os Zombie King.
“a música que oiço em casa sem dúvida que me leva a concertos...” “compro cds de coisas que gosto mais, não valorizo apenas a música mas também o <i>art work</i>...”	O seu consumo doméstico define as escolhas de música ao vivo, continua a preferir o suporte cd aos suportes digitais.
“os concertos que tens por aí pelo Porto principalmente, podes ver boas bandas por 2€...”	A cena musical é definida pela nova oferta de concertos de muitos espaços noturnos do Porto
“Este ano já devo ter visto 20, 30 concertos não	Consumidor ativo de música ao vivo

sei..”	
--------	--

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“estou no hotel de “cinco estrelas” com tenda, saco cama e colchão...”	Fica apenas nos dias do festival, no campismo da organização
“faço férias de música (...) não consigo viajar sem ir ver um festival ou um concerto...”	Música leva-o a muitos lugares

Análise categorial entrevista 33

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	34	Masculino	Licenciatura	Português	Barcelos	Desempregado

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“toda a gente de Barcelos conhece o Milhões (...) vou sabendo pelos meus amigos, não vês muita publicidade pelas ruas...” “qualquer pessoa que se interesse por música alternativa em Barcelos, sabe que o festival existe..” “é a primeira vez” “deve ser o festival mais pequeno em que já estive, já estive em Paredes de Coura, Vilar de Mouros, Sudoeste, Super Bock, sinto que é um festival mais caseiro...”	Morando na cidade é impossível não conhecer e não comentar o festival, apesar de não apostar em muita publicidade. Na sua opinião o festival foca num cartaz de música alternativa. Já estive em outros festivais nacionais que envolvem organizações de diferente escala.
“acho que nunca tive uma má experiência, mesmo que a música não seja muito boa, a parte do convívio também ajuda...” “a melhor foi Paredes de Coura (...) apesar de chover muito..”	Já estive em vários festivais, destaca Paredes de Coura como a sua melhor experiência. Todas as experiências foram positivas, o ambiente dos festivais acaba por compensar os maus concertos.
“acho que este festival e outros podem mudar e também alguns programas de rádios, que dão sempre num horário menos apelativo” “oiço a Antena 3, a RUM...”	Pensa que o panorama dos festivais de música altera o panorama do <i>rock</i> alternativo, bem como, as rádios locais e nacionais.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“costumo ouvir de tudo mas o que eu gosto mais é de <i>rock</i>...” “a melhor banda portuguesa de todos os tempos é Mão Morta, também gosto dos Blasted, gosto dos Joy Division...” “Quando era mais novo, não havia tanto acesso a música falava mais com os meus amigos, agora procuro mais seguindo o meu gosto pessoal”	Consumidor de <i>rock</i> português e estrangeiro, enumera algumas bandas da sua preferência Inicialmente partilhava mais com os seus amigos, hoje os canais informativos facilitam a procura e acesso a música o que resulta numa busca mais individual.
“muitas vezes acontece procurar uma banda que oiço ao vivo...”	Grande parte da música que vê ao vivo determina o consumo doméstico.
“Barcelos sempre teve muitas bandas de <i>rock</i>...”	Quando questionado sobre o conceito cena musical, considera-se um consumidor das bandas de Barcelos, caracterizadas pelo som <i>rock</i>.
“Este ano já vi vários concertos em festivais e não só...”	Vê bastantes concertos, em contexto de festival e não só

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“se não fosse os festivais se calhar não iria a Paredes de Coura e a Vilar de Mouros...”	Fica durante o festival; Considera os festivais práticas turísticas.

Análise categorial entrevista 34

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	35	Masculino	Licenciatura em Arqueologia	Portuguesa	Espinho	Aluno de Doutoramento

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“conheci o festival através da minha namorada porque ela é daqui...” “já tinha vindo no ano passado e vim este ano”	Teve conhecimento através da namorada; 2ª vez;
Já fui mais que uma vez à Zambojeira, já estive no Intercéltico em Sandim, Marés Vivas e em coisas pequenas que não têm tanta projeção como Paredes de Coura ou Vilar de Mouros “também já estive no Ermal..” “o ano passado tinha uma banda que me puxou mesmo a vir (...) a originalidade daqui é a estranheza do cartaz”	Nunca estive num festival fora do país mas já teve algumas experiências em festivais de verão em Portugal, em diferentes contextos musicais. Refere o cartaz do Festival Milhões de Festa é muito mais alternativo do que outros em que esteve presente
“a pior experiência que tive foi na Zambujeira, aquilo é uma algazarra, é muito mau, mas depois os concertos acaba por compensar...” “Dei-me muito bem no Ermal, as bandas eram mais do meu gosto, fui ver Limp Bizkit, na altura ouvia muito” “O Intercéltico também gostei muito”	Referências das suas piores e melhores experiências em contextos de festivais, a pior de todas o festival Sudoeste pelo ambiente, a música acaba por compensar a confusão. Fala com grande entusiasmo do Festival Intercéltico devido à diferente oferta musical mas o Ermal foi a sua melhor experiência
“Acho que tem alterado, começa a perceber que tem todos os anos mais gente, a música chega a mais gente...”	Na sua opinião o Milhões pode alterar o contexto do <i>rock</i> alternativo em Portugal, principalmente pelo crescente nº de adeptos que tem conquistado.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Gosto muito de <i>rock</i> progressivo (...) som mais pesado..” “Lembro-me de ser puto e andar a esgravatar os discos do meu irmão mais velho, Motorhead (...) e depois do segundo irmão mais velho que acabou por me influenciar muito depois, Led Zeppelin (...) depois há uma terceira etapa, quando descobri a onda <i>grunge</i> (...) agora sou fã de sons mais pesados...”	Amante de <i>rock</i> progressivo e de subgéneros mais pesados, primeiramente ouvia muito a música dos irmãos mais velhos, durante a adolescência foi um fã responsável do <i>grunge</i> , ultimamente acha que “expandiu mais” os seus gostos.
“a internet permite fazer pesquisas rápidas. Vês uma banda, pesquisas e aparecem outras associadas...”	A internet permite uma pesquisa fácil das bandas que vê ao vivo, bem como de outras associadas.
“este ano são os primeiros que estou a ver, mas devo ir a Sendim, vamos ver se o trabalho permite”	O trabalho não tem permitido ver tantos concertos quanto desejaria, são os primeiros que vê este ano e conta frequentar mais até ao final do ano.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“a música é um bom incentivo para viajar...”	Fica apenas os dias do festival em casa da namorada. Já viajou em muitas ocasiões para ver música e ir a festivais

Análise categorial entrevista 35

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	17	Masculino	12ºano	Português	Viseu	Estudante

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“conheço este festival há 3 anos, através de amigos e da internet, o festival tem sido bem divulgado...” “os cartazes têm sido bem estruturados, com grandes bandas..” “é a 1ª vez que venho, mas já queria vir há alguns anos..” “Já fui a vários concertos ao vivo e ao Sonic Blast de Moledo..” “o Milhões é um festival para conhecedores de música” “Várias bandas me atraem este Alto!, Savanna, Throes + The Shine, na quinta-feira quando foi a abertura as bandas conviveram muito com o público e criaram uma ligação com o público e criaram grandes espetáculos...”	Já conhece o festival há algum tempo, através dos amigos e da divulgação feita na internet. Elogia principalmente o cartaz do Milhões, todos os anos atrai bastante mas só este ano teve oportunidade de vir. Pensa que não viu festivais suficientes para poder comparar o Milhões com outros eventos. Cita o exemplo do Sonic Blast de Moledo, onde consegue aliar a música com o espaço. No entanto pensa que o festival se destina a conhecedores de música.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“é muito difícil, eu gosto de vários géneros de música, oiço muito blues, <i>godspell</i>, <i>soul</i>, gosto de <i>rock</i> psicadélico, o <i>rock</i> puro dos anos 70...” “comecei a música dos meus pais naquela onde de Supertramp, Queen, mas depois comecei a ter o meu gosto e decidi procurar por mim...” “os meus amigos influenciam e levam-me a conhecer	Considera que tem um gosto eclético, ouve vários géneros musicais. Primeiramente influenciado pelos discos dos pais e depois pesquisando por ele e com alguma influência dos amigos
“Semanalmente vou a 1 ou 2 concertos, para conviver, apreciar a música...” Em Viseu temos principalmente o Estudantino e o Capitão que levam bandas alternativas e <i>metal</i>, já lá estiveram os Black Bombaim...”	Vê, em média, 1 a 2 concertos por semana em locais de animação noturna de Viseu, dedicados a uma oferta mais alternativa a projetos portugueses emergentes.
“tu vês no Festival uma dinâmica maior, antes era só para amigos e agora tem esta gente toda...” “as pessoas vêm cá à descoberta e começam a ouvir outras bandas...”	Pensa que alterará o consumo do <i>rock</i> alternativo, principalmente pelo crescente nº de espetadores que tem atraído de ano para ano.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Estou no campismo com os meus amigos até segunda-feira para aproveitar o Milhões ao máximo.” “ na quinta-feira quando cheguei vim visitar, ver os bares e os restaurantes da zona, apreciar a gastronomia (...) antes dos concertos dou sempre uma volta...” “eu vim a Barcelos, ao Milhões pelo convívio e pela música, vou sempre atrás das bandas que gosto...”	Está a acampar com os amigos e fica durante os dias do festival. Aproveita também para visitar a cidade e conhecer algumas das suas tradições

Análise categorial entrevista 36

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	34	Masculino	Licenciatura	Português	Coimbra	Desempregado

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“tive conhecimento porque já tínhamos vindo (...) viemos em 2010” “A programação do Milhões é uma programação independente, vale pela diversidade musical, a música pela música, como acontece em outros festivais como Paredes de Coura e agora com o Primavera Sound no Porto.” “Outra das diferenças claras é a não presença de grandes marcas comerciais e publicitárias...” “Gostei muito da experiência de Super Sonic de Birmingham, não especialmente pelo festival, mas pelo ambiente...” “não gostei muito do Primavera Sound de Barcelona de 2011, é uma coisa muito grande, mega, muito mercantil, já não tem o mesmo espírito de antes” “este festival é marginal e já entra pela Antena 3 e pode mostrar outra música (...) há cinco anos não assistias a festivais como este, era impensável...”	Segunda vez que participa no Festival, voltou pelo cartaz. A principal diferença do Milhões em relação a outros festivais portugueses, consiste no cartaz diversificado e na aposta na música . Outra diferença detetada é a inexistência de marcas associadas aos festivais, aspeto comum em outros festivais (Antena 3 é um exemplo). Festivaleiro experiente já perdeu a conta do nº de festivais em que esteve presente (nacionais e internacionais) Destaca a experiência do Supersonic de Birmingham pelo espaço pequeno e acolhedor, na antiga zona industrial da cidade. Acha que o festival Primavera Sound de Barcelona tem perdido o espírito, tornou-se demasiado grande. Pensa que pode alterar o panorama do rock alternativo em Portugal se tiver apoio dos <i>media</i>

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“não sou do <i>grunge</i> gostei sempre de <i>rock</i> , <i>indie rock</i> ...”	Gosta de vários géneros mas o prevalece sempre é o <i>rock</i> , em variados subgéneros
“por exemplo o concerto que vi dos Conan Mockasin, vou pesquisar para ouvir em casa...”	A música que vê ao vivo não determina o consumo doméstico, nem o contrário, tudo depende das situações.
“Leio regularmente revistas de música, estou mais atento à imprensa musical internacional...”	Sempre atento à imprensa e às novas bandas que vão surgindo, muito mais na altura que publicava notícias no seu blog www.vaiumagasosa.com , inteiramente dedicado a música.
“acho que as editoras do norte fomentam a cena, a Lovers, o Meifumado, a editora dos Peixe Avião que não lembro agora do nome...”	Pensa que a cena musical do Norte caracteriza-se principalmente pelos projetos agenciados pelas editoras mais independentes da zona.
“este ano muito poucos, menos do que gostaria, com crianças é sempre difícil mas vi alguns concertos em Coimbra e no Porto...”	Este ano não conseguiu participar em festivais mas frequentou algumas dezenas de concertos em espaços mais pequenos.

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Não teria ido a Paredes de Coura se não fosse o Festival	Vem apenas por 1 dia, considera a música e os festivais, práticas turísticas

Análise categorial entrevista 37

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	32	Feminino	Mestrado de Biologia	Portuguesa	Coimbra	Aluna de Doutoramento de Bio

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“Tive conhecimento do Milhões de Festa pela internet, há dois anos quando viemos pela 1ª vez..” “A grande diferença é a programação, não tanto o género mas tem tendência para ter grupos menos comerciais, menos conhecidos...”	O primeiro contato com o festival foi travado na internet, em notícias de <i>blogs</i> de música. A grande diferença entre o Festival e a restante oferta é o cartaz e aposta em bandas que não pertencem aos circuitos comerciais.
“Estive quatro vezes no Primavera Sound de Barcelona, uma vez no Primavera Sound de Madrid, Milhões de Festa duas vezes, FMM de Sines, Super Bock, os primeiros quatro Sudoestes, em Paredes de Coura estive três, SuperSonic de Birmingham e assim de repente não me lembro de mais nenhum..” “adorei o Primavera Club, não tinha expectativas nenhuma, conhecia mal Madrid e conheci muitas salas e grupos que não tinha ideia...” “não gostar mesmo, nunca aconteceu” “Há alturas diferentes para diferentes festivais, antes quando ia ao Sudoeste, era uma miúda e acho que não ia atrás de música, queria curtir (...) Agora vou apenas pela música...”	Lista interminável de participações, tanto nacionais como internacionais, experiência a reter o Primavera Club de Madrid. Não consegue referir uma má experiência, num festival o ambiente ou a música acabaram por compensar qualquer contratempo.
“acho que tem uma influência muito grande nos miúdos desta zona...” Acho que não vai alterar o panorama do <i>rock</i> alternativo nacional mas acho que pode influenciar localmente...”	Pensa que o festival não tem dimensão suficiente para alterar o panorama do <i>rock</i> alternativo nacional mas poderá alterar alguma coisa localmente.

2. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“gosto de várias coisas mas o primeiro género que me vem à cabeça é <i>rock</i>, gosto de <i>indie rock</i>, alternativo..”	“Rockeira”
“Atualmente o mais importante é a internet e a procura de música em casa e os concertos são escolhidos de acordo com isso...”	O consumo doméstico determina as escolhas de música ao vivo
“uma pessoa tem filhos e não dá mas tenho visto muitos concertos para crianças, mas consegui ver alguns concertos em Évora, no Porto e em Lisboa...”	Viu cerca de 10 concertos, fora os concertos para crianças

3. Localização e práticas turísticas

Excerto	Síntese
“Cheguei ir a Londres e passei mas a principal razão era o concerto dos Foals, Madrid a mesma coisa, visitei a cidade mas o intuito principal era o Primavera Club...”	Vem apenas por 1 dia, considera a música e os festivais, práticas turísticas

Anexo 3 Entrevistas músicos

Análise categorial entrevista 39

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
8 jun. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	35	Masculino	Doutoramento em Química	Italiano	Lisboa	Investigador na Universidade Nova de Lisboa; músico (teclas Rafael Toral e proprietário da Editora Mazagran Records

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Aqui está bem organização, há uma ótima sequência de concertos, consegues encontrar ambientes mais íntimos, como o Palco ATP que permite ver atuações mais pequenas e mais intimistas. O recinto é mais pequeno, maior concentração” “Em concertos, a tocar, estive no Porto e em outras cidades mais pequenas. Só estou há dois anos em Portugal”	Teve conhecimento de Festival pela imprensa, muito antes de saber que aqui vinha tocar. Consegue compará-lo com o Festival PS de Barcelona, onde esteve uma ez como espetador. Residente recente no país, ainda não conhece bem o panorama musical dos Festivais de verão, sendo esta a sua experiência como músico. Já tocou em algumas salas no país, com a banda de Rafael Toral.

2. Campo musical – *rock* alternativo/ *indie rock*

Excerto	Síntese
“Acho que certas plataformas são importantes para conhecermos músicos, que de outra forma não seria possível. Acho importante para a divulgação da música.” “é positivo, não retira a experiência do live, da música ao vivo. Acho que traz pessoas aos concertos.” “Tenho um projeto a solo mais eletrónico, colaborei e colabora com vários projetos de Lisboa e tenciono continuar nos meus projetos pessoais.”	Considera indispensável a divulgação de música por canais virtuais pensa que incentiva o consumo de concertos Futuramente pensa também dedicar-se a um projeto musical mais eletrónico.

Análise categorial entrevista 40

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
3 ago. 2012	Porto	35	Masculino	Licenciatura em Comunicação Social	Português	Ermesinde	Músico (baterista de vários projetos: We Trust, Best Youth e X-Xife)

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Conheci o Primavera Sound porque uma das bandas em que toco, os X-Wife foram a primeira banda portuguesa a tocar no festival, em Barcelona, em 2006. Aqui no Porto, soube pelas pessoas da organização, com quem tenho laços profissionais há muitos anos, soube antecipadamente que ia haver uma edição aqui e fui convidado com dois dos meus projetos para participar no PS. Acho que faltava um festival assim” “Os festivais trazem coisas e coisas más. Uma delas é serem grandes centros comerciais ao ar livre com música no meio. O PS, como Paredes de Coura, não são assim. Não és bombardeado com néones de marcas, acho que isso retira a magia do festival, que devia ser mais a consideração pela música, noto que cada vez mais não vão pelo cartaz, vão porque é fixe passar umas férias...” “Acho que outro ponto positivo é a divulgação de bandas, se não fossem os festivais não viriam cá tocar, mas por outro lado marco um bocado o circuito nacional do resto do ano. Apesar de o bilhete não ser barato, avalias o nº de bandas que podes ver e fica extremamente barato” “Paredes de Coura é o melhor festival porque a linha estética musical é aquela com a qual me identifico, a música independente que não é para as massas. Depois o espaço é fantástico. O público dos dois festivais(Paredes de Coura e Primavera Sound) é parecido, mais <i>indie</i>.” O Primavera Sound é um festival que prima pela consistência do cartaz, prima pela simplicidade, não tens marcas por todo o lado.” “Nunca atuei no Rock in Rio mas muito sinceramente não me interessa. Esse então é o centro comercial elevado ao expoente máximo. A	Conheceu o Primavera Sound em 2006, quando atuou com os X-Wife em Barcelona. Quanto à edição do Porto, soube pela organização que convidou dois dos seus projetos para atuarem. Enumera os aspetos positivos e negativos dos festivais. Enquanto músico, estes quebram o circuito ao longo do ano, concentrando os concertos durante a época de verão. Outros pontos negativos dizem respeito à explosão de marcas que decoram alguns festivais e a conseqüente falta de interesse dos frequentadores pela música. No entanto, estes eventos constituem oportunidades únicas de divulgação de bandas.

confusão de cartaz, não tem coerência, Shakira e Metallica juntos. Claro que o público de Metallica não vê Shakira.” “ Já atuei em muitos sítios, cidades, não consigo contabilizar. No outro dia fui tocar ao Fundão, nunca lá tinha ido, fizemos um concerto com a Orquestra da Academia de Dança. As pessoas foram muito acolhedoras, adoro ir a esses sítios mais pequenos. Pela pouca oferta que têm, dão mesmo valor ao concerto e tratam-me como família..” “Não acho que o Primavera vá mudar alguma coisa no Porto, acho que o Primavera é o resultado do que tem acontecido no Porto nos últimos anos. Porque a cidade ganhou alguma dinâmica nos últimos 6 ou 7 anos, hoje já consegues passear no Porto à noite e a cidade não está deserta, já há clubes de <i>rock</i>..Posso estar enganado mas acho que foram estas últimas mudanças que trouxeram o Primavera.” “O Porto antes tinha poucos espaços, tinha o Hard Club em Gaia, alguns espaços na Ribeira..” “Esta dinâmica cultural do Porto não só ajuda o comércio local como os próprios artistas, como também o próprio público que é cada vez mais e começa a ter mais respeito pelos artistas. Festivais como o PS virem para o Porto é altamente positivo, acho que foram muito inteligentes em aproveitarem esta nova engrenagem da cidade. Depois ligação clara entre Porto e Barcelona, acho que as duas cidades têm traços culturais comuns”	
--	--

2. Campo musical – *rock* alternativo/ *indie rock*

Excerto	Síntese
“Fui um resistentes à redes sociais, só tenho Facebook há três meses, de facto é um bom para contactares pessoas que de outra forma não conseguirias” “A internet permite que pequenos projetos cheguem às pessoas. Antes tinhas que gravar cassetes, sacar contactos, e enviar por correio e esperar que respondessem. Hoje com um ficheiro mp3, um <i>link</i> para descarregar o ficheiro e uma mensagem de telemóvel é o suficiente.	

Análise categorial entrevista 41

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
10 ago. 2012	Festival Optimus Primavera Sound	29	Masculino	Licenciatura em Som e Imagem	Português	Porto	Realizador de conteúdos audiovisuais, fotógrafo, músico, mentor do projeto We Trust

1. Festival Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Soube do festival pela organização 2 ou 3 anos antes de acontecer porque já conhecia os diretores, e quando os espanhóis estiveram cá pela 1ª vez chamaram-me e saímos todos juntos, mas isso não tem nada a ver com o facto de eu ter ido lá tocar. (...) Na altura eles achavam que havia uma correspondência muito grande entre o Porto e Barcelona e uma ligação cultural.” “um dos programadores espanhóis que viu o meu concerto o ano passado em Paredes de Coura, gostou muito e foi a partir daí que surgiu a oportunidade de tocar no Primavera.” “Nunca estive no de Barcelona, gostava de ir para o ano e tocar lá é que era...” “O festival é muito parecido com um festival na Bélgica Popvoxque tem vários palcos e com concertos muito alternativos, o estilo de bandas que passa por lá é semelhante ao espírito do Primavera, embora tenha alguns nomes mais <i>mainstream</i> que o Primavera. Acho que tem uma programação mais <i>indie</i>, em Portugal acho que não há nenhum parecido tirando o Milhões de Festa mas numa escala muito mais pequena. O Primavera no contexto português não tem comparação e a sua mais valia é o conteúdo programático” “Como espetador o meu preferido é o festival da Bélgica, em Portugal prefiro o Paredes de Coura.” “Já atuei no Primavera Sound, no Milhões de Festa, nas Noites Ritual, no Alive, no Vodafone Mexefest, em Paredes de Coura e fizemos muitas semanas académicas que acabam por ser festivais” “O Primavera Sound é um público um pouco mais burguês, uma classe média alta e que se	Conhece o Festival desde o início, devido à relação chegada que mantém com a organização. A hipótese de tocar no festival partiu de um dos programadores espanhóis que assistiu a um dos concertos. Esta participação consiste num marco importante para o crescimento e divulgação da banda. Na sua opinião não há um evento comparável em Portugal, apenas o Milhões de Festa se aproxima mas tem outra escala. As diferentes características entre os grandes festivais de música determinam públicos diferentes, conforme as classificações que indica.

interessa; o Milhões de festa ligado a um público indie, Alive é um festival ultra abrangente mas tem sempre pessoas que se interessam, e que tem um cartaz muito forte com bandas como os Radiohead; e o Paredes tem um público mais velho que ouve boa música; o Sudoeste é para miúdos...”	
“Acho que o Primavera vai crescer no Porto e vai ditar algumas regras culturais na cidade (...) há uma componente muito importante a quantidade de estrangeiros que devem vir ao Porto em vez de Barcelona.”	Pensa que pode alterar a oferta musical da cidade e irá atrair cada vez mais pessoas. Realça o público internacional que esteve presente

2. Campo musical – rock alternativo/ indie rock

Excerto	Síntese
“Acho que a internet veio facilitar uma coisa e dificultar outra. Por um lado toda a gente tem espaço, tem oportunidade e pode mostrar o que faz. Isso é bom porque democratiza. Por outro lado, obriga-te, como nos anos 70, a ter um <i>single</i> e o <i>single</i> tem que ser uma música forte e tem que atrair as pessoas no primeiro minuto” “Hoje é tudo muito rápido, tens muita informação” “eu tive uma experiência com o single que lancei «Time», muita gente gostou tivemos um bom feedback mas algumas pessoas negligenciaram o disco por causa do single. As pessoas não consomem «o pacote inteiro» esta é uma nova forma de consumir música (...) e isso repercute-se nos concertos ao vivo, as bandas que vão tocando são as bandas que vão tocando nas rádios e que funcionam nas redes. Ao fim e ao cabo, toda a gente tem espaço e não tem.”	A internet proporciona canais para a divulgação de novos projetos mas o que vingam, são poucos. O excesso de informação leva a um consumo rápido de música e a que perdura tem que ter o apoio da imprensa e de algumas redes.
“Eu lido bem com a imprensa fico contente quando dizem bem mas acho que as pessoas ligam mais ao que os amigos dizem do que os artigos que aparecem..”	
“acho que os downloads são importantes mas apagam uma série de intermediário que existiam antes. Os espetáculos ao vivo acabam por dar a legitimidade que as editoras davam antes.”	
O ano passado toquei com algumas bandas, como os The Weatherman depois senti a necessidade de ter um projeto meu, de ter o meu espaço na música espero continuar e quero fazer outros projetos mais acústicos e gostava de começar a produzir discos de outras pessoas. Tocar ao vivo levar o projeto além fronteiras.”	

Análise categorial entrevista 42

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
21 jul. 2012	Festival Milhões de Festa	21	Masculino	Frequência Ensino Superior	Português	Coimbra	Estudante de História Guitarrista da banda The Glokenwise

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“a banda é aqui da cidade e fazemos parte da editora Lovers and Lollipops que organiza o festival e por isso estamos sempre a par das cenas organizadas pelo Fua...” “nós tocámos em todas as edições, desde de 2010...” “é uma oportunidade de promover a banda e a própria editora” “este festival e o Mexefest, por exemplo provocam uma grande mexida (...) oferecem quatro palcos de diversão e música..” “a grande diferença é o cartaz e o ambiente, a piscina e as bandas que vêm fechar o festival são completamente diferentes de outros festivais.”	Tem conhecimento desde o início devido à proximidade do promotor Lovers and Lollipops Tocam pela 3ª vez no festival Milhões de Festa Já tocaram em outros festivais como o SBSR em 2011, Mexefest em 2012 e Rock in Rio em 2012 e pensa que a grande diferença entre o Milhões e os restantes é o cartaz. Valoriza também o ambiente do festival e as pessoas que assistem aos concertos.
“o Milhões é o festival que me agrada mais, numa relação de preço qualidade acho que não grande concorrência. Em segundo lugar Paredes de Coura...” “se não vir nada que me agrada não vou para lá...”	Questionado enquanto consumidor, o seu preferido continua a ser o Milhões seguido de Paredes de Coura. A sua seleção é feita apenas pelo cartaz
“este festival acaba por se inserir nas dinâmicas aqui da cidade que podem ter uma oportunidade de atuar e de saírem daqui “este festival acaba por ser uma meca para quem procura música alternativa...”	Na opinião do Rafa o festival pode alterar muito o panorama do <i>rock</i> alternativo local, pois permite sua divulgação e “nacionalização”. Alerta para o mercado de nicho que atinge, apenas para conhecedores de música

2. Campo musical – *rock* alternativo/ *indie rock*

Excerto	Síntese
“Em Portugal de ano para ano têm surgido coisas diferentes, mesmo numa onda <i>pop</i> (...) é preciso que sejam coisas bem feitas que cheguem a muita gente...” “as bandas da Lovers, os Long Way to Alaska, os Equations (...) também apareceram outras bandas muito boas, os Paus, os X-Wife...”	Pensa que o panorama musical em Portugal altera-se dia para dia para melhor, fruto das novas bandas, de todos, que têm surgido. Destaca a qualidade da editora Lovers and Lollipops e dá alguns exemplos de projetos a seguir.

“ eu nasci em 91 e como podes calcular a internet teve grande influência na minha vida...” “A internet tem um papel crucial na divulgação da música...” “sou apologista de sacar da internet (...) quanto à minha banda não me importo, quantas mais pessoas ouvirem melhor, acho que um disco faz mais sentido numa edição especial, num vinil...”	Valoriza o papel da internet e dos <i>downloads</i> na divulgação da música atual; Pensa que as edições físicas só fazem sentido em situações muito particulares.
“gosto quando aparecem notícias, que as pessoas falem (...) quando lês procuras as opiniões diferentes sobre aquilo que fazes (...) não podes viver da opinião dos teus amigos...”	Pensa que as notícias são o verdadeiro reconhecimento do trabalho da banda;
“não tenho projetos anteriores, começámos a tocar com os Glokenwise e é o que fazemos...” “O Cris a primeira vez que tocou bateria foi no nosso primeiro ensaio...” “queremos editar todos os anos qualquer coisa, sentimo-nos bem a fazer isto (...) provavelmente editamos um best off, daqui a uns anos, atuamos no Coliseu e só aí decidimos acabar..”	A banda consiste nos seus projetos musicais passados, presentes e futuros. Não se deixar de assinalar a idade do músico e dos restantes membros da banda que constituem uma pequena família musical

Análise categorial entrevista 43

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
28 jul. 2012	Porto	30	Masculino	Licenciatura em História	Português	Porto	Proprietário de uma loja de roupa em 2ª mão, músico e vocalista da banda Alto!

1. Festival Milhões de Festa

Excerto	Síntese
“Eu fundei a Lovers and Lollipops com o Fua e conheço desde o início, desde a ideia que tinha sobre o festival e acompanho desde a 1ª edição que foi aqui no Porto num bar que já fechou, a 2ª edição foi num edifício em Braga, sem grandes condições para as bandas tocarem. O formato que tem agora, já tens condições para continuar. Já toquei no Milhões duas vezes, com duas bandas diferentes. No ano passado com os Botswana, que entretanto acabaram, e este ano com os Alto!” “Já estive presente em vários festivais, Vilar de Mouros, Paredes de Coura. Estes estão mais dependentes de marcas e patrocinadores. O Milhões é mais independente mais uma série de características que o tornam atrativo, a piscina, um espaço pequeno com poucas confusões, não tem muita 20 mil pessoas como outros festivais.” “Este ano já fiz 6 concertos, em Portugal e em Espanha. Gostei bastante de um concerto que fiz em Barcelona. Primeiro pelo sítio, era um antigo bunker do tempo da guerra civil espanhola e o <i>backstage</i> tinha assinaturas de bandas que eu gosto, os Sonic Youth, e estava muita gente”	Acompanha o festival desde a conceção da ideia até à edição deste ano. Já atuou duas vezes no Milhões com dois projetos diferentes. Considera que o Milhões consiste numa nova oferta pela diversidade musical, pelo espaço e pelo público que, na sua opinião pertence a um grupo de aficionados de música.
“O Milhões é para aficionados de música, muitas das bandas que vão lá tocar tu não consegues nem nunca ouviste falar. Nos outros festivais aparecem bandas que estão mais que ganhas mas também muitas das pessoas que vão ao Milhões, vão a Paredes. Em Paredes não tens metaleiros. No Milhões podes ouvir <i>metal</i>, <i>hip hop</i>, vale pela diversidade musical. Paredes vai muito para o <i>indie</i>, o Optimus Alive não arrisca nada, é pouco imaginativo.” “Há um festival em Marrocos, numa cidade a sul perto do Sahara, é um festival que te dão três litros de água por dia, ficas numa tenda de um tuaregue, o palco é encostado a uma duna. Gostava de atuar aí”	

2. Campo musical – *rock* alternativo/ *indie rock*

Excerto	Síntese
“Poucas bandas portuguesas tocam ao vivo, e é uma malta que toca, acaba a banda e começam outra, então não há uma grande renovação. Não há bandas de Nós os Alto! editámos um disco, saiu na Time Out, teve uma boa pontuação no Blitz mas temos uma grande dificuldade em agendar concertos. Já tocámos em 10 ou 15 sítios onde já conhecíamos as pessoas que organizavam, as outras bandas. Esses sítios são geralmente associações e o que nos pagam não é suficiente para as deslocações e para a estadia. Continuo a fazer porque gosto muito de tocar. Mas para quem queira e tenha esse sonho vai acabar por desmoralizar porque não há um circuito muito grande.” “ Bandas em Portugal tens uns muitos ricos e outros muito pobres e depois os auditórios que a programação parte das Câmaras e não apostam em bandas <i>rock</i>, só em cenas <i>pop</i>... As pessoas ainda continuam a fazer ligação do <i>rock</i> com drogas, ainda temos que mudar algumas mentalidades.” “ A única publicação de música em Portugal é a Blitz e é muito fraca “Os Alto! têm Facebook e vemos a aceitação das pessoas pelos <i>likes</i> que vamos recebendo e partilhamos os nossos concertos. Acho que a internet cria novos espaços e novas oportunidades de divulgação e torna tudo muito mais livre, dá a hipótese de conhecer vários géneros musicais. Devido à internet já tive a possibilidade de tocar duas vezes em Espanha..”	O circuito da música portuguesas continua a ser muito fechado, no que diz respeito a músicos, promotores e espaços de concertos. Trata-se de um entrave para a divulgação de novos projetos portugueses. Por outro lado, os projetos são sempre protagonizados pelos mesmos músicos, o que não permite uma renovação dos sons das bandas. A internet constitui uma importante ferramenta para a divulgação das bandas, bem como, para esbater as fronteiras entre os diferentes géneros musicais
“ Nós gravamos discos para tocar ao vivo, as pessoas já não compram cd, querem apenas o <i>link</i> para fazer o <i>download</i> na internet. Gera alguns problemas porque as pessoas já não têm a paciência de ouvir um disco inteiro..” “ O que nós queríamos mesmo era gravar em vinil, temos essa mania retro”	O consumo rápido de hoje, por um lado é benéfico porque conhecem a banda e acabam por não se interessarem pelo trabalho no seu todo. Considera que a aposta em antigos suportes pode ser uma alternativa para os amantes da música.
“Agora tenho uma banda com um amigo meu, com o Pedro Pestana e aí toco bateria e pensamos gravar uma cassette. Acho que hoje deves marcar pela diferença e gravar em em vinil ou cassette. Já tive os Greenmachine , os Botswana e agora os Alto!”	Já teve vários projetos sempre com <i>rock</i> à mistura.

Anexo 4 Entrevistas promotores

Análise categorial entrevista 44

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
27 jul. 2012	Porto	29	Masculino	Licenciatura em Ciências da Comunicação e Audiovisual	Português		Promotor de espetáculos e Editor discográfico na promotora Lovers and Lollipops

1. Origem e funcionamento

Excerto	Síntese
“A Lovers and Lollipops surgiu em 2005 para dar visibilidade às bandas que eu gostava” “o primeiro evento foi a tournée de uma banda espanhola em Portugal, Lisboa, Barcelos e Santo Tirso, e foi um bocado inocente mas passámos um belo fim de semana e o Maco, o cabecilha do projeto é um amigo meu do coração...” “A Lovers and Lollipops que começou por se hobby tornou-se num trabalho, nessa lógica de um maior profissionalismo começaram a surgir mais propostas e em relação ao Milhões há esse papel preponderante que foi aceitação por parte de uma Câmara Municipal. Um desafio deste tipo um festival que não é para massas mas para um nicho e claro que essa ajuda da Câmara alterou o que começou por ser uma brincadeira de amigos para amigos, para algo mais global ou nacional. “um apoio estatal, institucional ou camarário é super importante para a base destes projetos de outra forma era impossível” “Não há uma grande lógica de programação, ou melhor há que é a minha. Os concertos que promovemos ao longo do ano vão desde o <i>rock</i> psicadélico a coisas mais eletrónicas, a projetos mais experimentais ou mais pesados. O conceito do festival consiste em pegar em todos estes géneros que nos relacionamos. É quase um mosaico que tentamos construir com bandas tão diferentes, esse é o grande desafio e que nos dá grande gozo e o público que temos acaba por refletir essa liberdade de escolha” “ A maior parte das pessoas que vão ao Milhões acabam por voltar no ano seguinte e levar	A vontade de produzir espetáculos nasceu com uma fanzine, cujos concertos seriam o meio de promoção da <i>fanzine</i> “Imolação da Mente” sobre <i>metal</i> e <i>punk</i>. A Lovers and Lollipops nasce mais tarde, após a experiência em Barcelona e o viver de toda a <i>movida</i> musical da cidade e das bandas que aí surgiam no <i>underground</i> catalão. O apoio da Câmara Municipal de Barcelos é fundamental para a continuação do projeto festival Milhões de Festa, principalmente para o projeto marginal como este. A programação do festival, bem como dos restantes concertos que promovem ao longo do ano, correspondem ao gosto pessoal e eclético do promotor. Tal programação tão diversificada acaba por se traduzir no público, também diversificado, que participa.

amigos” “não há patrocínio da Câmara Municipal de forma disciplinada, organiza connosco a produção (...) depois temos colaborações com a revista Vice, este ano tivemos a Red Bull com o Red Bull City Gang...” “ A nível da programação estamos mais próximos do Primavera Sound e do Paredes de Coura, nada temos a ver com o Marés Vivas” “O Milhões não é um festival para 20 mil pessoas mas para 3 mil pessoas” “Acho que também não fazemos distinção entre uma banda nacional e uma banda internacional, os Baroness na sexta-feira tocaram antes dos Throes and The Shine, no mesmo palco. Acho que faz sentido ser assim.” “A promoção do evento é feita muito à base de internet e redes sociais, não temos muito dinheiro para gastar em cartazes e flyers.”	Não contam com um grande patrocinador, apenas com o já referido apoio da Câmara Municipal e alguns parceiros ligados aos <i>media</i> e à promoção de música. Na sua opinião a linha de programação aproxima-se de outros festivais, e afasta-se de muitas outras ofertas. A promoção do evento é feita, essencialmente, via <i>web</i>.
--	---

2. Campo musical português

Excerto	Síntese
“Tens a Amplificasom, a Lovers, o Filho Único, há pessoal a produzir em cidades pequenos. Na minha realidade o público escasseia e é difícil pagar uma banda. Acho que não há comparação com as maiores, que trazem uma Madonna. Há cada vez menos público, temos um público de festivais que só vai ver concertos a festivais...”	A realidade da sua produtora não é comparável com as promotoras da “1ª divisão”. Os financiamentos escasseiam, bem como o público.
“Houve um crescimento muito grande com esses concertos que produzimos no passado. Não queremos deixar de fazer concertos, temos de ter uma atitude mais controlada e regrada	Grande parte do amadurecimento da editora deve-se à experiência adquirida com a promoção de pequenos concertos. Hoje acautela-se mais, a falta de público leva a ter uma atitude mais controlada na <u>programação</u>
“Quem dita essas tendências é complicado porque algumas pessoas ligam à rádio, depois outros tentam sempre encontrar aquela banda refundida, depois tem sempre aquela piada «só gostei daquela banda quando era menos conhecida» dou-te o exemplo dos Black Keys, há dois anos atrás todos gostavam agora nem por isso...”	Na sua opinião as tendências podem ser determinados, em parte, pelos <i>media</i> ou pela procura pessoal de todos. Não esqueçamos que a escolha musical e os gostos dos festivaleiros do Milhões cinge-se a um universo <i>underground</i>.
O panorama do <i>rock</i> alternativo em Portugal, tem sido algo de se ver porque as bandas são cada vez mais profissionais, na forma como editam os discos, como preparam os discos, como preparam a forma de ir para a estrada. Há um circuito pequeno de bares para as bandas fazerem as suas <i>tournees</i>. Acho que a base está criada para que daqui a meia década tenhamos uma lógica de exportação de música.”	O panorama do <i>rock</i> alternativo vem-se alterando nos últimos anos, tal reflete-se na maior profissionalização dos projetos bem como a aderência de espaços para a promoção de concertos ao vivo. Na opinião de Joaquim Durães estão criadas as condições necessárias para a internacionalização destes projetos. É necessário criar uma estrutura que apoie a exportação da música portuguesa, que neste momento

“Não há uma estrutura que publicite a música portuguesa lá fora, exceto casos pontuais. Tem sido um trabalho de pequenas estruturas. Nós temos conseguido fazer isso e temos tido algum feedback de lá fora, alguém tem que abrir portas e outras bandas vão atrás, o canal dos Black Bombaim é muito diferente do canal dos Buraka Som Sistema.” “A música em Portugal é um <i>hobby</i>, não consegues marcar uma <i>tournee</i> de uma banda porque têm sempre exames da faculdade ou trabalho, Assim é complicado criares uma carreira.”	não existe. Contudo registam-se alguns casos pontuais, com diferentes dimensões.
“O <i>rock</i> cantado em português nos últimos anos tem tido cada vez mais seguidores e cada vez mais bandas da parte da Flor Caveira, da Amor Fúria. Os Capitão Fausto, o Diabo na Cruz, o B Fachada, os Paus também por um caminho mais difícil, mas já têm muitos seguidores.” “o nicho rock psicadélico está a crescer, vêς muitas pessoas nos vários concertos e compram discos...”	Confirma-se a alteração do panorama do <i>rock</i> nacional com o aparecimento de novos projetos que têm conquistado um número considerável de fãs.

3. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“primeiro que tudo os discos do meu pai, o meu pai tem uma coleção de discos super competente, os Led Zeppelin, os Deep Purple, os Black Sabbath, os Beatles, por aí...e daí passar para o metal foi um passo, Depois comecei a ouvir música cada vez mais extrema, ligada aos Sepultura e ao black metal, e voltei novamente aos discos do meu pai e ouvia Neil Young. Essa é sem dúvida a minha maior influência porque acabo por voltar sempre aos discos do meu pai.”	

Análise categorial entrevista 45

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade profissional
27 jul. 2012	Porto	40	Masculino	Licenciatura em Sociologia	Português	Porto	Promotor de espetáculos nas produtoras Ritmos e Pic-Nic SA

1. Origem e funcionamento

Excerto	Síntese
“A Pic-Nic é uma empresa luso-espanhola que trata da produção do Primavera Sound no Porto, do Primavera Clud em Guimarães de outros eventos que possam aparecer. Foi necessário criar uma empresa que reunisse as duas partes.” “Existe uma equipa de <i>booking</i> que são três pessoas de Barcelona, e muitas bandas são diferentes entre Portugal e Espanha (...) nós somos o filtro da programação de Barcelona, é a ideia é que o Primavera tenha a mesma linha de programação, que seja um festival gémeo. O Primavera não escolhe as bandas pelas nacionalidades mas têm de ter qualidade para estar na Primavera.” “vai desde o <i>pop</i> ao <i>rock</i> ao <i>metal</i>, ao <i>indie</i>” “Temos vários patrocínios, a Optimus e outros pequenos patrocínios como a Santa Casa da Misericórdia, a Super Bock, a Galp, a Red Bull, a Adidas que veio da parte de Espanha. Quando escolhemos as marcas é sempre pela parte do público, muitos dos diretores de marketing destas marcas não conhecem as bandas que vão aos festivais. O Pedro M. Silva é uma clara exceção, que percebe a tua ligação e que percebe que os festivais não são todos os iguais...” “A marca Primavera Sound já está lançada na Europa, o público já está definido em Barcelona, tivemos um público mundial, muitos americanos, neozelandeses, australianos e esses vêm atrás da marca Primavera Sound, muito através da internet, em outubro quando lançámos os primeiros bilhetes vendemos em 48 h e os primeiros bilhetes do próximo ano vendemos em 24 h (...) há claramente uma confiança que daqui a um ano vai haver Primavera Sound e que vai ser bom.” “O projeto que nós apresentámos se calhar foi o	A promotora Pic-Nic nasce com o festival Optimus Primavera Sound, trata-se de uma empresa luso-espanhola que reúne membros da organização do Primavera Sound de Barcelona e da promotora portuguesa Ritmos. A programação obedece à filosofia do festival de Barcelona. O evento do Porto sendo um festival de menor dimensão funciona como um filtro do evento espanhol. Não há uma troca entre bandas espanholas e portuguesas, a aposta principal é a qualidade. Contaram com vários patrocínios, muita das marcas existentes vão de encontro com o público. Chama a atenção para a falta de conhecimento de alguns diretores, sobre o circuito de banda e de festivais não conseguindo distinguir as diferentes ofertas de festivais. A marca Optimus e a sua associação com a música, é uma clara exceção. Registam uma grande participação de público estrangeiro, oriundo de diversos países. Marco turístico importante, 20 mil bilhetes vendidos fora de Portugal mais os gastos dos participantes em hotelaria, restauração e outro comércio. Será, certamente um marco turístico da cidade. Balanço final muito positivo para a 1ª edição.

melhor. Depois existem grandes afinidades entre as cidades, o Porto faz-lhes lembrar a Barcelona pré-olímpica, quando a coisas surgiam por geração espontânea, se calhar o Porto está a viver esse período agora “Acho que o Porto precisava do Primavera Sound e o Primavera de uma cidade como o Porto” “dados concretos, 20 mil pessoas compraram bilhete fora de Portugal. Todo comércio relacionado deve estar contente, desde restaurantes, taxistas a hotéis...” “Acho que em termos musicais deve ter sido dos melhores que Portugal já assistiu, numa primeira edição ter aquela quantidade de bandas com aquela qualidade, fazemos há 20 anos Paredes de Coura e nunca conseguimos ter um festival assim. Da parte da organização algumas coisas têm que ser corrigidas mas numa avaliação geral acho que este festival vai deixar boas memórias.” “ Não há memória em Portugal de um festival na 1ª edição ter aquele perfeccionismo. Esta 1ª edição tinha que ficar na memória das pessoas, foi visto mais como um investimento do que lucros..”	
“Vivemos claramente uma influência de <i>rock</i> americano A Pitchfork também influencia muito, estiveram cá e no próximo ano teremos um palco Pitchfork como em Barcelona. Os nossos gostos por bandas clássicas também determina a escolha, um festival tende a ter 50% de clássicos e 50 % de modernos. Depois existem outras influências como a KTMW, o festival SXSW marca muito as tendências das novas bandas. Também muito a internet e as redes sociais”	As bandas agendadas têm uma grande influência da música atual americana . A revista Pitchfork, canal importante para a divulgação de novos projetos dita também as tendências

2. Campo musical português

Excerto	Síntese
“Há muito coisa a surgir e com grande qualidade. Acho que as pessoas voltaram a pegar nas guitarras e a abandonarem os discos e confirma-se isso na produção musical. (...) Os miúdos voltaram a tocar guitarra, bateria e baixa e as coisas estão a surgir de uma forma muito original. Temos neste momento bandas portuguesas que poderiam ser um artigo da Pitchfork. Não vou falar de nomes mas hoje há 5 ou 6 bandas excelentes, que se tivessem um bom produtor e uma boa gravação podiam fazer uma grande diferença para vender o seu produto” “Hoje os promotores não podem fazer um festival com bandas de garagem, perdem público, não dá para fazer um festival só de bandas portuguesas.”	O atual panorama musical português vive um momento de grande e boa produção musical. Surgem projetos interessantes de forma original. No entanto, para um promotor, é impensável programar um festival apenas com música portuguesa

“Eu gosto de distinguir os estilos por áreas geográficas. Apesar de ter um contexto mundial, podes definir algumas diferenças. A cena americana é menos orelhuda, menos objetiva mas perdura no tempo, aquelas bandas que têm um álbum e ao segundo acabaram e são bandas fantásticas. E há a cena inglesa do <i>pop</i> inglês, é um estilo de música que entra por um ouvido e sai por outro, são muito poucos os que subsistem. Todas as músicas que aparecem encaixam num estilo ou no outro.”	O festival Primavera Sound consiste num evento com projetos <i>indie rock</i>, que transmitem a clara influência da cena americana ou que pertencem a essa cena. Na opinião do promotor, as bandas que compõem essa cena são as perduram e que ficam na memória de todos.

3. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Comecei a ouvir música com 15, 16 anos, há um grupo que me marca claramente que são os Smiths, agora é uma banda que já não gosto tanto.” “Nos anos 90, com os Nirvana voltei a ouvir música “ “Existem estilos que gosto mais e tento procurar bandas dentro desse estilo. Um amigo que considero e gosto da opinião dele”	Considera-se um amante de <i>indie rock</i>; duas bandas marcam o seu percurso por gostos musicais, os The Smiths e os Nirvana. As férias podem constituir em momentos de procura de novos concertos e festivais. Para além dos concertos que vê profissionalmente, gosto de ir ver música ao vivo.
“Para além dos festivais vou a muitos concertos, Lisboa, Porto. Tudo o que posso vou porque gosto muito.” “Gosto de viajar e tento sempre juntar o útil ao agradável e aproveito sempre para ver o que se passa e procurar concertos.”	

Anexo 5 Entrevista patrocinador

Análise categorial 46

Data	Local	Idade	Sexo	Escolaridade	Nacionalidade	Residência	Atividade Profissional
28 jul. 2012	Sede Optimus	35	Masculino	Licenciatura em Gestão e MBA	Portuguesa	Porto	Diretor de Marketing e Comunicação da Optimus

1. Importância da música na Optimus

Excerto	Síntese
“Primeiro porque é que as marcas têm territórios de associação, como é a música para a Optimus, porque as marcas têm de camuflar coisas que interessem às pessoas que não sejam só os seus produtos (...) Existe sempre uma tensão entre o consumidor e a marca” “Primeiro porque é que alguém patrocina alguma coisa, uma marca quer sempre vender mais e mais caro e o cliente comprar menos e mais barato, esta é tensão que existe (...) as marcas descobriram há muito tempo, que se associarmos alguma coisa que as pessoas gostam e que não tenha a ver com a marca, neste caso a música, e a marca vai aparecer fantasiada de música para as pessoas e a marca entra na cabeça das pessoas” “As marcas encontram territórios de associação, porquê a música? Porque não outros territórios, o futebol. A música tem muitas virtudes hoje em dia, é um território com muito poucos anticorpos (...) o futebol tem anticorpos, a TMN patrocina o Benfica mas tem de patrocinar também o Porto e o Sporting... A música está a ganhar um papel social gigantesco, é mesmo um portador de autoestima, as pessoas precisam de coisas para se sentirem bem” “a música é uma das dimensões para as pessoas se autodefinirem para se sentirem bem...” “Esta geração não são miúdos, são pessoas até aos 35 anos que vão a festivais Em Portugal hoje a música tem um papel emocional enorme, uma marca que trabalhe nesse território tem mais valor. Uma marca que se associe ao cinema, por exemplo, o cinema não emociona ninguém, ou dedicada a motos de água também não..” “E esse é o motivo porque nós apoiamos música.”	Quando questionado acerca da associação da marca a diversos eventos musicais. A falta de vícios da música e a importância que hoje exerce no quotidiano das pessoas, principalmente a nível emocional, constituem importantes razões para essa associação.

“As marcas vivem da não presença das outras. Conseguimos sentar três pessoas à mesa (organização) e decidir que não há repetição de logos. Geralmente isto não acontece assim, normalmente o promotor descontrolo este processo e quando tenta pegar já não há controlo possível”	
--	--

2. Festival Optimus Primavera Sound

Excerto	Síntese
“Muito bom! Não estávamos à procura de nenhum festival, não estávamos e estamos...” “Quando surgiu esta oportunidade achámos que era o evento ideal.” “O primeiro valor que vimos tem a ver com a questão do Turismo, 50% de estrangeiros é brutal acho que não vai ser assim sempre, tínhamos ideia que iria ser grande...” “Há um mercado de música daquele género como há de outros, competitivo que não é local, que não é nacional, que é europeu e internacional...” “O impacto é muito positivo e para a marca é positivo pelos motivos menos óbvios, é um produto que vai ajudar a vida das pessoas e esta ligação emocional vai manter-se por muito tempo...” “Apropriação emocional das pessoas do Porto e de Lisboa e depois essa apropriação será um problema para a câmara ao ponto de as pessoas não deixarem que o festival saia daqui...” “Há uma mudança de paradigma, trata-se de uma vivência que nada tem a ver com a de um festival de verão (...) não há repetição de logos”	A presença discreta da marca no recinto do festival, consistiu num processo elaborado pela Optimus e outros patrocinadores, pelos promotores e pelo artista encarregue do processo. Vinca que se trata de um importante produto turístico que pode colocar o Porto em circuitos internacionais, à semelhança dos importantes festivais de cinema europeus que se realizam em cidades de pequena e média dimensão.
“A Optimus está envolvida em quase tudo, não na escolha das bandas, mas na construção do palco”	
“Agora a minha responsabilidade é a 2ª edição, acho que o festival precisa de ser viabilizado. Houve muita procura, correu muito bem num ambiente urbano e vai explodir”	
“é um mercado muito mais sofisticado que um Sudoeste, são escalas muito diferentes”	
“Este espaço e este festival têm condições fantásticas e acho que é um produto turístico brutal. Em Barcelona o Primavera Sound é o terceiro evento que mais gente leva à cidade (...) é uma cidade mais cara que o Porto, é uma cidade que as pessoas já repetiram várias vezes e o Porto não, é uma cidade bonita e com imensas	O Porto é a cidade ideal para tal evento. É uma cidade a descobrir e mais económica que Barcelona. Se salientar igualmente as especificidades dos públicos que frequentam o evento.

vantagens”	
“Não há um público qualquer, são pessoas de 30 anos, com dinheiro e interessado...”	

3. Gostos e pertenças musicais

Excerto	Síntese
“Não sou grande especialista e não consigo definir o meu gosto musical. Coisas que me aconteceram, acho que vivi a onda do <i>pop</i>, a onda <i>grunge</i> dos Nirvana, dos Pearl Jam quando tinha 14 anos e quando comecei a procurar música por mim” “Fui descobrindo um grupo ou outro, fui a Barcelona ver os Dave Mathews Band, Iggy Pop, os clássicos como o Bob Dylan. Agora oiço mais Arcade Fire e Lcd SoundSystem são as coisas que oiço mais nestes últimos cinco anos. Depois comecei a ouvir música clássica e cada vez mais oiço mais e jazz”	Os gostos musicais inserem-se no universo mais alternativo, à semelhança dos públicos entrevistados